

*Rita Albino Rafael*

# Uma Chuva de Memórias



Segundo livro, mais elaborado, rico em detalhes, ela deixou a memória ao sabor e ao cheiro da chuva, surtindo assim um efeito de planta irrigada pela água que cai do céu. Não poderia haver melhor efeito para esta árvore, seus frutos deverão ser doces, saborosos, bons e pelos frutos é que reconheceréis a árvore boa. Neste sentido estamos dizendo que ela cumpre seu desejo de memória, de evitar a morte, algo que sempre nos desorienta. Exemplo disso, entre outros, seu relato acerca do uso das privadas, no sentido de como se praticava a higiene em outra época, algo tão corriqueiro que poderia se perder no esquecimento.

Enfim, em meio ao seu saudosismo 'Dona Ritinha' instaura uma memória, deseja fixar um passado que sirva de base ao presente, quiçá ao futuro na sua nostalgia de *"naquele tempo era assim..."* Desse modo ela também está prestando homenagem a cidadãos sumeenses muitas vezes esquecidos, reconstituindo uma cena de auditório, em suas lembranças, onde estes são chamados a receber sua coroa de louros pelos feitos – grandes ou pequenos – para que não passem despercebidos.

*Madson Rafael*

*Rita Albino Rafael*

Uma Chuva de Memórias

Imagem da capa  
**Maurílio José Albino Rafael, acrílica sobre tela, 1995.**

Revisão  
**Madson José Albino Rafael.**

Capa  
**Marcos Duarte Lima**

---

R136u      Rafael, Rita Albino  
              Uma Chuva de memórias / Rita Albino Rafael.-João Pessoa, 2008.  
              Número de páginas: \_\_\_\_\_  
I.            Sumé (PB) - memórias

UFPB/BC

CDU: 82\_94(813.3)

---

"Quando chove no sertão  
O sol deita e a água rola  
O sapo vomita espuma  
Onde um boi pisa se atola  
E a fartura esconde o saco  
Que a fome pedia esmola".

Chover ou Invocação para Um Dia Líquido, poema  
de João Paraibano; Cordel do Fogo Encantado.

## Apresentação

Usos, costumes... Histórias. Escrever é para mim algo tão agradável-vel que considero uma distração, um passa-tempo. Quando jovem colecionava poesias, enchia um caderno. Um tempo escrevi valsas antigas ditas por minha mãe, também, canções, boleros, enfim, toadas e tudo que era do meu agrado. Emprestei o caderno a uma amiga que o devolveu tão danificado, então o coloquei no fogo de lenha, arrependi-me depois.

Agora pela segunda vez escrevo memórias e com tenho na mente um turbilhão de lembranças, escrevo com facilidade. Conto coisas, que, em sua maioria, vi acontecer. Também outras histórias que tomei conhecimento, no tempo que se passaram e vidas que acompanhei de perto.

Tenho presente na cabeça cada assunto que vou escrevendo, é um prazer fazer isto. Só que tudo ficaria no caderno, guardado só para mim, não fosse o incentivo de Neco, em primeiro lugar. Porém, sem o trabalho dos meus filhos, Maurílio e Madson que, digitaram, corrigiram e prepararam-no para impressão, nunca eu poderia publicar um livro tão do meu agrado como foi "Sumé que eu trago na memória". Aos meus dois filhos, todo o meu carinho e gratidão, a eles o meu aplauso. Não posso deixar de agradecer ao Deus que me deu a vida, que conserva em mim tanta memória e me dá a capacidade de passá-la para o papel, a Ele o meu respeito e o meu culto de gratidão.

Gostaria de poder fazer ver as pessoas que me dão à honra de ler as minhas memórias que eu não me sinto uma escritora, muito menos historiadora o que sou mesmo é uma pessoa simples, em certo sentido meio analfabeta, não tive chance de estudar, por falta de recursos deixei o curso de admissão ao ginásio pela metade, enfim acho até uma ousadia da minha parte ficar escrevendo, apesar de receber incentivo de pessoas que considero altamente como o Dr. Djaci Ferreira, Dr. Marinett, Sonielson Juvino e outros. Sempre achei que aquele primeiro livrinho seria único, não tinha intenção de repetir essa façanha. Acontece que sou uma incorrigível romântica e quando no dia 31 de Janeiro de 2004, saí para a chuva juntamente a alguns vizinhos, aquele banho me fez reviver um passado muito distante e senti vontade, até uma necessidade de continuar a escrever. Tenho muito ainda a contar e foi com muito carinho que resolvi mais uma vez revolver o passado da nossa terra.

Conversando em família estivemos observando um fato curioso. Os habitantes dos conjuntos residenciais mais populosos como Mangabeira e Valentina Figueiredo, na maioria são do interior e estando lá se escondem da chuva ninguém sai para tomar um banho. Chegamos a seguinte conclusão: para nós o banho de chuva só tem valor aqui em Sumé, isto já era dito por João de Deus, que lá em Manaíra, pertinho da praia e morria de "roedeira" quando sabia que estava chovendo aqui, ele era gamado no nosso banho, acho que é uma maneira de festejarmos o nosso inverno.

Revivendo as últimas semanas que precederam o dia 1º de Abril é que tenho a certeza de ter agido corretamente ao escrever sobre nosso passado, narrando nossos costumes nos mínimos detalhes. O fato é que, atendendo o chamado da professora Lúcia, no Parque Infantil Presidente Vargas, tive a oportunidade de observar a curiosidade das crianças da quarta série, a respeito do que se passou nos primeiros tempos de sua cidade. Achei elogiável o que presenciei ali, cada pergunta que era feita e como tenho a satisfação em poder responder.

Além daquele encontro fui procurada em nossa casa por grupos de jovens que pesquisavam diferentes assuntos, isto a cada dia e por muitas vezes. É incrível como dão preferência a minha pessoa, posso até deduzir que os idosos do meu tempo, em sua maioria, já se foram, como por exemplo, João de Deus, Viton, Severino Leite e Eunice Braz. A lembrança deles, das épocas passadas que contavam e diziam sem escrever e com eles levaram um verdadeiro arquivo histórico. Não posso saber quando, o certo mesmo é que também, um dia não estarei mais aqui.

Sempre que se aproxima uma data comemorativa, as escolas, até pessoas das Rádios, do Colégio Estadual, do IEIC e João Paulo II, estão dando tarefas para pesquisa, até gravam entrevistas. Alguns dos grupos cumprem apenas a obrigação, outros conversam, discutem entre si, mostram interesse em saber. Isso me deixa encantada, por isso cumprimento com imenso carinho esses jovens estudantes e a eles dedico este novo trabalho "Uma Chuva de Memórias". Não pretendo ser dona da verdade, se alguém sabe de outra maneira, conte como estou fazendo agora. Nem muito menos aparecer como escritora ou historiadora, ou visando lucros, meu desejo é deixar para aqueles que, no futuro, não mais me encontrarão à porta, que estará fechada porque então já estarei com Deus.

A Autora

## Um Banho de Chuva

Como um pequeno acontecimento pode de repente nos transportar a um mundo distante, a um espaço de pelo menos 50 anos atrás, na década de 1940 e primeiros anos da década de 1950, quem diria?

Em 2004 um banho de chuva me trouxe uma recordação tão viva daquele tempo. Parece que eu revivia tudo daquele passado feliz, quando nós, naquele ciclo de amizade, satisfeitos com a vida, mesmo simples, sem ostentação, mas que nos unia por laços fortes, muito fortes. Aquele jeito alegre nos tornava prontos a festejar por qualquer motivo.

Bastava que uma chuva comesse a cair e nós já estávamos saindo de casa com roupa e tudo, é claro, para o banho. João de Deus e Zizi, Machadinho e eu, Luiz de Du, Juarez, Joãzinho, Cizé, Dora, Jacy e tantos mais. A melhor bica era - e ainda é - a da Igreja Católica, mas a gente descia e se juntava disputando outras bicas, sempre por perto de algum barzinho, de preferência o buffet de Barata, pois muitos destes amigos completavam com uma dose de pinga, cachaça mesmo. Aquilo era muito bom, os bate-papos e alguma piada. Se a chuva demorava mais, alguém gritava: está chegando água no Riacho de Pedra Comprida. Não tinha ponte ainda, mas todos iam olhar a chegada da enchente.

Muitas vezes aconteciam outras enchentes lá no rio e a água cortava a entrada do riacho na ponte. A água recuava e começava a entrar na cidade. A "rua da lama", por ser mais próxima, era a primeira a ficar ilhada e os homens iam logo em socorro de D. Tertulina, a parteira, que não podia correr.

O "Beco de Seu Marciano", hoje Rua Marciano Oliveira, também seguida alagava e nós ficávamos andando pelas ruas, a água no tornozelo ou um pouco mais alta. As bodegas de Severino Caetano e

de Toinho Lino sofriam com a enxurrada, tinham que tirar do chão os sacos de açúcar e sal, até o sabão era preciso salvar. Lembro o ano em que Maninho nasceu e D. Seba para prevenir mudou-se para uma casa na Rua Nova, bem a salvo das águas. O armazém de Elias Duarte, na mesma rua, com boa quantidade de "costais" de rapadura, sacos de farinha e queijos eram tirados às pressas. Em sua residência, vizinha ao armazém, sua esposa de resguardo com a filhinha Zazá, recém nascida, foram levadas de "cadeirinha de braços" para a casa de Belizário em rua mais alta.

Teve um ano que a enchente foi muito forte e perceberam que a ponte do Rio Sucuriu ameaçava desabar, o que acabou acontecendo. A água levou uma das cabeças da ponte, o povo ficou andando na noite, alumiado com pedaços de pneu queimando como fochos acesos. No ano de 1946, se não me engano, numa segunda-feira, uma chuva dessas que chegam de repente, com muitos trovões e relâmpagos, no finalzinho da tarde, os feirantes se retirando, caiu um raio e a faísca atingiu Pedro Paulo, que saía da bodega de Toinho Lino com um saco na cabeça. Foi um choque tão fulminante que o coitado ficou carbonizado. O efeito do mesmo raio também atingiu Dona Silvia a mãe de Laura Felipe, foi um choque menos forte e ela só caiu, sem maior gravidade.

Como chovia todos os anos, embora o inverno às vezes fosse variado, os poços enchiam, o rio botava água e daí os banhos aconteciam no rio de Chico de Melo, no Poço de Maria Severo e no Poço do Boqueirão. Uma vez, Diógenes e outros amigos, num gostoso banho, deu um pulo meio desastroso e bateu com a perna em uma pedra, quebrou a canela. Coitado! Teve que usar muletas. Zé Ângelo, um empregado da loja de Seu Elias Araújo, em plena lua de mel deixou a esposa esperando para almoçar, foi tomar o banho no poço da ponte, só deu um mergulho e não mais voltou. Foi tirado bem mais tarde por mergulhadores. A viuvinha ficou inconsolável, estava com treze dias de casada.

## Dificuldade de Transportes

O Bairro de Várzea Redonda, vez por outra, ficava isolado pelo Riacho de Pedra Comprida. Sem ponte, a passagem era feita através de pequenas canoas, que não davam muita segurança. O povo se aglomerava às margens para assistir e quando acontecia de uma canoa virar era aquela algazarra.

Em 1948, quando a água já estava baixa, um rapaz apaixonado, tirava a calça para não molhar e passava para encontrar a noiva que morava logo no início da Várzea e claro que lá chegava já vestido. Adivinhem se puder quem era aquela noiva...

Por falta de estradas e de pontes, os nossos comerciantes e mesmo pessoas que dependiam de negócios em Campina Grande passavam por sérias dificuldades. A passagem no rio de São João do Cariri era terrível, mesmo aparecendo transporte para fazer uma baldeação, os que estavam do outro lado tinham que atravessar nos ombros de homens fortes e nadadores. Luzia "Bataia" que sempre fazia compras em Campina já estava acostumada a fazer aquela arriscada travessia e pegou uma fama de que nunca pagava aos transportadores e dizia "nego é para carregar branco". Em uma das vezes estava sendo levada por Norberto "Preto" (ele era um herói e sempre estava nos casos difíceis) chegando bem no meio do rio ele falou: "Luzia praque é que você num paga a nós quando passa no rio?" E abaixou-se um pouco num gesto de quem ia afunda-la, apavorada ela gritou: "Eu vou pagar, é que vocês não me cobravam."

Do outro lado, na estrada para Pernambuco passando pelo Congo existia o Rio do Tortão, o movimento era bem menor e lá se encontrava Zé Preto com seu cavalinho passava as pessoas carregando na garupa. Cada vez ou de vez em quando, tomava um gozinho de cachaça, à tardinha estava mal, o cavalinho é que o levava para casa.

## O Rio do Banquinho

A lagoa de D. Otávia, seu primeiro dono foi Otávio Soares, muito perto do rio do Banquinho já foi muito distante parecia nos confins da zona rural, andava-se bastante para chegar até lá. Hoje se você vai pela Rua Pedro Francisco Maciel com certeza vai chegar à lagoa. O que quero mostrar com isso é o crescimento da cidade, o progresso galopante. Para as novas gerações, porque os de mais idade só têm a confirmar o que digo a seguir. No começo doas anos 30, século passado, com a construção da igreja, que por sinal a opinião do povo era que o padre estava construindo lá pra dentro do mato, no pé da serra, era o que diziam. O pessoal começou a fazer as casas na direção da igreja e foram se aproximando mais e mais. Em 1940, já estava mais ou menos formada a Rua Nova, já se falava no Bangalô de José Clementino (hoje casa de Hemerita) e na casa de Bibiu Marciano. O que é incrível é o avanço que hoje se vê. Onde está hoje a Rua Aleixo Bezerra era nada mais, nada menos do que o roçado de Irineu Severo. O que se avista da porta da cozinha das casas era matagal, os carros transitavam pelo centro da Rua Augusto Santa Cruz. Mais ou menos em 1942 a 1943 foi construída a estrada passando por fora, quando foi denominada Avenida 1º de Abril, a placa foi colocada onde hoje é a Avícola Central por ser a única casa, até um caminhoneiro falou: "só podia ser este o nome, que é o dia da mentira, porque aqui não tem avenida nenhuma". A casa era chamada de "O deserto", lá se bebia e se não me engano havia uma mesa de bilhar ou sinuca. Fico deslumbrada com o desenvolvimento de Sumé eu que sempre desejei isto desde criança.

## Um quase dilúvio

Foi no Sítio Craibeira que fica próximo à cidade, aconteceu em 1920, era o Senhor João Sabiá, seu proprietário mesmo quem contava. Segundo ele, o mundo escureceu e nuvens muito pesadas se formaram na direção da serra em frente a sua residência. Logo ao anoitecer, desabou uma chuva diferente e um aguaceiro que foi invadindo a casa. Os moradores saíram às pressas e um que voltou para retirar um quadro do Coração de Jesus que estava na parede já fez isso nadando. Foi como uma inundação, as águas passavam e ele, João Sabiá, tratou de construir outra casa em terreno bem mais seguro, no alto da colina. Eles, os donos, já morreram. A casa está lá, estilo antigo com uma capela interna do lado direito. O mais importante de tudo isso é que na opinião dele e dos que assistiram a esse quase dilúvio, uma nuvem teria sido rasgada em uma pedra da serra, a água teria descido descobrindo ou melhor deixando um caminho de pedras bem visíveis.

O Poço do Violão - esqueci de citá-lo - era formado pela correnteza do rio onde se levantavam umas salinas que mais pareciam pedras negras, ficava no terreno de Seu Manoel de Teca, era um poço fundo e quando Jumento (o goleiro, de nome José Araújo) fazia exercício com os jogadores, sempre terminavam todos correndo, um atrás do outro e pulavam no poço, era um gostoso banho coletivo. Ouvi isto de Severino Leite que fazia parte do time.

O tempo foi mudando, o inverno incerto, as chuvas cada vez mais escassas e os poços foram secando. A nossa terra tão boa, tão próspera de povo alegre e unido sempre se adaptando ao inevitável. Sentindo a falta daqueles poços que eram para nós, como se fossem praias e ainda por cima de água doce. Que tempo bom que se foi o povo ficou na eterna luta pela sobrevivência.

## Esporte - O São Tomé

O São Tomé Esporte Clube é antigo, data de 1927. Sempre teve sua diretoria composta mais ou menos pelos cidadãos: Irineu Severo, João Sapateiro, Otávio Rodrigues mais conhecido por Otávio Soares, Camilo de Gino e Severino Leite. Mais tarde Faustino Barros que se aliou aos outros para continuar aquela bela sociedade. Mesmo sem ter sede própria as festas aconteciam sempre em dia de jogo. Era costume receber o time visitante com a presença do time local, jovens e até a banda de música. A noite, o baile no Hotel Mulatinho, na sede de música (alfaiataria de Antonio Josué) ou mesmo em um salão (armazém) de Joca Machado, não fazia diferença tudo corria as mil maravilhas. O São Tomé era time valoroso, costumava ganhar até de time bom como o Treze de Campina Grande. Jogava por amor a camisa, ao esporte, nada de pagamento. O campo sem alambrado dividido com arame preso em estacas, a murada cercada de "aveloz", o time era bem unido. Na caminhada para o campo os times seguiam em fila lado a lado, uma jovem levava a bandeira. Inesinha, madrinha do time, conduzindo cesto de flores de papel e por último os torcedores. O pessoal prestigiava comparecia e fazia de cada jogo uma festa.

## Corrida de Cavalos

Vamos ao Bairro de Várzea Redonda, antigo, quase da idade da cidade. Vamos lembrar aquelas tardes animadas e cheias de vida, era lá que se realizavam as corridas de cavalo, onde hoje se chama de Rua Hugo Santa Cruz, foi palco de grandes corridas, de emocionantes discussões em torno das apostas, eram os prados.

Os cavalos tinham a partida em frente a casa de Manoel de Têca, o percurso de 500 metros a chegada, bem em frente a casa de Osório e ali terminavam as casas da Várzea redonda. Nas primeiras décadas do século passado, segundo os mais idosos, era Bibiu Marciano que fazia o movimento com seu cavalo "Veadinho", o seu jóquei, Miguel Trezena. Não lembro, não foi do meu tempo, o fato é que seu Bibiu realizou muitas corridas, com a desistência dele Miguel, que já estava rapaz, continuou a treinar os cavalos e manter as corridas com o seu irmão Pedro. Silvio, seu sobrinho, que por ser jóquei de um cavalo de nome "Jiquiri" pegou e ficou conhecido pelo mesmo nome, era gago e batia muito para pronunciar a palavra "suçuarana", alguém deve lembrar ele era o máximo, aliás, o "mínimo", pequeno, magrinho, ligeiro, hábil, dominava com competência o cavalo e sempre conseguia vencer com brilho quase todas as corridas.

Miguel sempre se dava bem. Tinha também, uma égua pertencente aos Morato, uma família vinda do Amparo, Zé Leite era o jóquei. Sempre havia essas corridas e os apreciadores estavam a fazer suas apostas.

Em 1948, alguns senhores vindos de Tabira contrataram uma corrida, trouxeram o cavalo, era um alazão de grande porte. O tipo do bicho elegante. Passaram-se algumas semanas no preparo e no trato dos cavalos. Chegou o dia da corrida, o pessoal que veio de Tabira certos que iam ganhar, eram homens de famílias distintas que até imprimiam um certo respeito, lembro Josa Felipe, Dr Paulo Dantas, Marcilon Dantas, muitos outros todos com dinheiro, as apostas, as conversas, as discussões que tomaram muito tempo. Miguel também apoiado por Ozório, Antonio Rodrigues, Nino e Zé Borges, convencidos na capacidade de Jiquiri. Foi uma tarde memorável. Vieram apostadores até de cidades vizinhas. A Várzea Redonda estava no auge, gente pra todo lado, em uma casa foi preparado almoço, tipo restaurante, muita comida foi preparada e tudo foi vendido. Dona Chiquinha que esperava ficar com um bom lucro, sofreu a maior decepção, apostou errado, perdeu tudo. Fez uma jura: nunca mais entrar em aposta.

Quando os cavalos foram levados para o ponto de partida o povo se aglomerou ladeando o Prado, todos queriam assistir e nós, de Sumé, pelas muitas vitórias de Jiquiri estávamos certos de que ele chegava primeiro, santa inocência! Quando foi dada a partida, nossa... não dá para contar. Só se via na pista o cavalo alazão que parecia impulsionado por molas elétricas, era como se voasse. Lá atrás, bem longe, mesmo desenvolvendo tudo que podia, Jiquiri dava pena. Quanto desapontamento! Miguel ficou enlouquecido, tinha apostado tudo que possuía, teve que abandonar aquilo que era o maior motivo de sua vida. No dia seguinte o dono do cavalo pôs a cela, montou e sumiu. Foi a última corrida para Jiquiri e com o afastamento de Miguel quase se acabou aquela diversão. Parece que aquele dia ficou como o encerramento dos prados, pelo menos, naquele local. Houve e ainda acontecem outras corridas numa pista no Campo de Baixo, nas terras de Seu Esmerino.

## Viver religião - As Missões

São Tomé, vida normal, sem depressões, sem stress. Vamos pensar em Deus. Vamos lembrar aquele tempo calmo em que se realizavam as Santas Missões e por alguns dias a nossa terra era transformada em santuário de orações com a presença de missionários, frades estrangeiros e que a cada ano mudava. Na maioria eram italianos, até alemães, lembro do Frei Serafim e do Frei Crisóstomo que vinham evangelizar; e o povo em massa comparecia as reuniões, confissões de pé de ouvido. Os sermões, à noite, eram assistidos com emoção, às vezes os pregadores de tanta eloquência, até arrancavam lágrimas das pessoas mais piedosas.

Temos ainda como lembrança àquela cruz lá perto do cemitério, com um galo no mais alto da cruz, que foi levada no final das missões

dos redentoristas em procissão, tendo em cima doze garotos simbolizando os doze apóstolos. A cruz foi carregada por homens de força e firmada em um pedestal de cimento, o serviço foi acompanhado por cânticos e orações feitas fervorosamente pelos frades. Lembro que dali mesmo, não se sabe como, surgiu uma profecia mais espalhada entre as crianças que dizia: no dia em que o galo cantar o mundo se acaba. Os mesmos redentoristas prepararam um andor muito grande cujos anjos em volta da imagem de N. Senhora da Conceição eram crianças em uma foto daquele andor dá para reconhecer: Kátia de Sebastião Bezerra, Mércia, Gloriete Jacinto, a menina de Zezé Caroneiro e Cremilda de Antonio Machado. Dizia-se que foram escolhidos quarenta homens para conduzir o andor. Na mesma foto dá para se ver bem Hozana e Adalgisa Jacinto, Sinhá Peba, Tida, Salomé, Socorro Duarte, Zazá (criança), Gilberto, etc., o grupo é muito grande e não dá para reconhecer todos. Parecia um céu na terra ou São Tomé lá no céu como diz o Padre Marcelo Rossi. Outros frades vieram: Frei Canísio, outro alemão que não lembro o nome, depois Frei Damião e Frei Fernando, estes vieram mais de uma vez. Aquelas missões se estendiam até a tarde e a confissão dos homens era a última da noite. Mais ou menos as cinco da manhã saiam pelas ruas que não eram tantas quanto agora, tocando uma campainha e acordando todo mundo, moços, velhos, crianças, que abriam suas portas e seguiam a caminhada, era como uma romaria. De volta a igreja, já estava uma multidão, vale dizer que com Frei Damião era o maior fervor porque acreditavam e esperavam curas milagrosas, apesar de nos seus sermões ele gritar muito: "vai pro buraco", isto para ameaçar os pecadores e tentar desviá-los do pecado. E, já no ano de 1988 o Frei Damião foi agraciado pela Câmara Municipal com o título de cidadão sumeense entregue em solenidade na frente da Igreja com os vereadores, o prefeito e muitas autoridades, o autor do projeto foi Sizenando Leite Rafael.

As procissões eram seguidas pelas associações começando pela Cruzada Eucarística com trajes brancos, fita e faixa bem arrumadinha, a Pia União das Filhas de Maria também de branco

UFCG-BIBLIOTECA

com fita azul ao pescoço com a medalha da Imaculada, a Ordem III de São Francisco roupa marrom semelhante ao Santo e o Apostolado da Oração, logo seguidos da comunidade cristã. Naquele tempo a Igreja Católica era única aqui, menos um punhado de protestantes que apareceram pela chegada de um pastor, eles se reuniam em uma salinha em casa de família. A igreja ainda em construção não tinha bancos algumas católicas mais praticantes tinham suas cadeiras de modelo especial com tampa móvel e genuflexório, a meu ver estas cadeiras já forma trazidas da igrejainha da Praça aquela que foi demolida. Depois chegou um banco a dois, novo e com nomes Marly e Mariazinha, elas eram duas jovens filhas do Sr. Antonio Cazusa. Tinha um confessionário antigo que foi restaurado por D. Socorro Silva e se encontra atualmente na Escola Profissional União e Trabalho. Era assim e muito mais a vida religiosa e mesmo passado o tempo ouvi de alguém agora há pouco a frase seguinte: "Eu admiro Sumé por seu alto grau de religiosidade". Esta pessoa sabe o que diz, seu nome Luiz Carlos é regente da Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba, que nos deu, para honra e orgulho nosso, o prazer de uma belíssima apresentação lá no Ginásio O Netão agora em 2004. É para mim motivo de alegria saber que a nossa religião católica continua e continuará firme. Em outros tempos, mesmo com as celebrações em outro idioma (o Latim), os garotos eram ensinados a acompanhar e dizer as respostas corretamente, eram os acólitos hoje "coroinhas". Vestidos com esmero, túnica preta com timão branco por cima de decote quadrado e manga cavada. Entravam com o Padre Sílvio, Toinho Torreão (Antonio Torreão Braç) que chegou a ministro e ainda mora em Brasília e Veinho jacinto (já falecido). João de Deus também fazia parte, algumas vezes, na falta de um deles.

## O Social - Como Era Vivido

O nosso povo em tempos idos formava um grande grupo de certo modo todo mundo se conhecia, era uma comunidade onde havia parentesco entre muitos, podia comparar-se a uma grande família que se encontrava na alegria e também na dor. Se morria alguém predominava aquele belo sentimento de solidariedade. O povo como por obrigação comparecia ao velório e acompanhava o falecido a sua última morada. As visitas, o conforto a família enlutada, tudo isto junto, formava um admirável quadro de união. Graças a Deus posso afirmar por experiência própria que aquela solidariedade continua viva entre nós e sou eternamente grata pelas vezes que contei positivamente com ela.

Nos momentos alegres e festivos, também aquela união era cada vez mais forte. Estava assistindo a saída do bloco "As Muriçocas do Miramar" pela televisão e veio nitidamente a minha lembrança os nossos carnavais, aquela serenata acordando os componentes do bloco se assemelha demais aos nossos foliões aqui no dia do "entrudo", era a terça-feira de carnaval. Houve um tempo muito distante que eu nem alcancei, que se faziam bolas de cera cheias de uma água perfumada que ao ser, jogada na pessoa, estourava e molhava quase sempre o rosto, era uma maneira muito delicada de se brincar chamavam-se "lima" aquelas bolas. Já no nosso tempo era água mesmo. Era muito divertido, quando os primeiros começavam a farra do banho mesmo sem a água encanada cada um saía com o seu balde ou lata, chamando de casa em casa e se alguém estava dormindo a turma acordava. Uma vez Elias Duarte trancou-se no armazém para correr do banho, os foliões arranjaram uma escada, subiram destelharam um pouco e ele gritou: "eu saio", e saiu mesmo entrou na farra. Na saída do "Beco de Seu Marciano" encontraram Antonio Machado bem vestido dentro do carro, estava de viagem para Monteiro a turma tomou a frente do carro para fazê-lo parar levantando-o do chão, Antonio Machado não teve outra opção, entrou no banho, viajou mais tarde. A hora ia adian-

tando e lá para as 11 ou meio dia, todos molhados, calibrados com a pinga era hora de terminar para voltar à tarde na rua ou à noite no clube. Houve também o banho com talco, goma e outras massas. No clube imperava a lança perfume, que saudade, que tempo maravilhoso! Pena que se foi... A lança perfume deixou muita saudade não como droga, mas como diversão. É verdade que os homens ensopavam o lenço, levantavam ao nariz cheiravam forte isto era chamado de porre as vezes ficavam desacordados por um espaço de tempo. De uma vez na saída do bloco em pleno desfile na Rua Augusto Santa Cruz, Tota de Seu Zezé exagerou um porre, desmaiou caiu ficou parado foi socorrido na casa das Mayer, os foliões pararam começaram a se apavorar, Seu Zé Farias foi chamado, Tota parecia morto, de repente para tranqüilidade dos passistas, mesmo depois de um espaço de tempo Tota abriu os olhos, sentou-se como se nada tivesse acontecido. Outra vez foi no clube, Tutu nos fez passar vexame. Cada ano ao se aproximar o tempo de carnaval era aquela dúvida, será que íamos conseguir contratar a orquestra? Começava a chegar propostas de outras cidades. Seu Antonio Josué começava os ensaios. Sempre os frevos dos carnavais de Pernambuco de preferência Capiba e Claudionor Germano. Os ensaios eram animados e os jovens não deixavam passar, na calçada mesmo pulavam e dançavam se o clube não conseguia fechar contrato por falta de dinheiro para cobrir as despesas, a orquestra viajava iam tocar fora só deixando tristeza, isto aconteceu algumas vezes infelizmente só que o povo forte e decidido divertia-se nas bebedeiras e com batucadas, tinha o Sumé samba, "Batuquente". Eram animados com poucos instrumentos estava pronta a batucada, Fernando de Darcilio, Nena sua irmã, Anchieta Barros, Mércia, Tata e tantos outros. Lembro um desses anos em que Seu Faustino, presidente do clube, um pouco receoso para fazer o contrato, a orquestra estava de primeira e nós mulheres resolvemos fazer campanha, sair na rua no dia da feira pedir ajuda aos fazendeiros, Zizi e outras, nós lutamos e conseguimos, ganhamos carneiros, galinhas e outras coisas para fazer rifa para apurar dinheiro,

deu certo. Seu Pedro Odon sempre nos atendia bem, outros fazendeiros também e nós conseguimos, a orquestra ficou com a nossa pequena ajuda. Mesmo depois de ser cidade, nós não contávamos com a ajuda da prefeitura, Seu Zé Farias não soltava dinheiro fácil, não estava certo dizia ele.

Em tempos mais remotos quando não dispunha de um clube dançava-se em salões improvisados, saíam troças nas ruas, as meninas se fantasiavam de baianas com saias emprestadas colocavam turbantes, pintavam o rosto desenhavam um sinal, às vezes uma interrogação na face. Faziam fantasias de papel crepom, lembro Sibila, menina muito alta, destacava das outras. Era muito gostoso um clima de alegria quase inocente. Saíam Papangus, algumas troças, o Boi de Chicó era muito divertido. O povo do hoje Alto Alegre acompanhava e de boa vontade as pessoas colocavam uma notinha na bandeira do Boi para colaborar com as despesas de Chicó (para quem não sabe Chicó era mulher). Vinham depois do bloco das "capitus" era Ana Pateca com suas meninas, desfilavam fantasiadas, Maria de Tranquelino, morena bonita era um dos destaques. Temos Febrone que ainda vive está com mais idade, sem apoio ou qualquer incentivo, mas ainda aparece em datas especiais como o aniversário da cidade querendo com meninas fantasiadas mesmo de papel resgatar carnavais passados, sai com um bloquinho de crianças representado aquelas mulheres. Não saiu este ano estou sentindo a falta do nosso eterno folião.

Zé Felinto, funcionário do DNOCS, enfermeiro sempre pronto a nos servir em alguma necessidade apesar de certa idade aderiu totalmente a nossas festividades e além de Raimundo Sabiá também se fantasiava de Zé Pereira e saía para animar o nosso carnaval. Lembro também de Seu Hermes como um autêntico Rei Momo. Eram muitas as maneiras usadas para animar os nossos festejos carnavalescos. Teve um ano, acho que 1962, os foliões lá no clube estiraram até o amanhecer da quarta-feira de cinzas e com o clube já fechado continuaram na entrada da nossa casa ali na ladeira da Rua Coronel Sizenando Rafael, Machadinho só dispunha de uma garrafa de cerveja e aí os últimos

foliões disputavam aquela cerveja bebendo cada um na boca da garrafa. Os católicos censurando e D. Gonçalves arriscou dizer: "minha gente parem, por favor, nós já estamos na quaresma". E Geraldo Toscano, esposo de Gicélia, de tão bêbado mal levantou a cabeça olhou para ela e disse: "qui resma qui nada". Pegou a garrafa e bebeu o resto. Era assim, na madrugada quando o frevo estava mais quente sempre aquele "lencinho" que Machado segurava a mão bem alta. Isso me foi lembrado neste carnaval ali na Praça José Américo quando a folia tomou conta ao som da Banda Imagem, quando eu falei de saudade o Dr. Francisco a quem nós carinhosamente chamamos de Isca me olhou e disse só está faltando o "lencinho". Olha isto me tocou tão profundamente que jamais deixarei de lembrar seu gesto.

Seu Faustino incansável na presidência do clube, também Augusto muito exigente na organização das festas na obediência aos estatutos a bem da moral acabava sendo rígido com os frequentadores, mantinha a ordem com grande firmeza. Tinha até um departamento feminino com diretoria e tudo, as meninas também tinham que cumprir as resoluções, enfim, Augusto mesmo nascendo em Pilar, se fez sumeense pelos atos e colaborações com o nosso social.

## Calças Compridas - Mulheres

Não sou nada boa de "datas", mas sei que foi na década de 50 que começou a chegar o uso de calças compridas para o sexo feminino, era uma forte mudança. Até então as saias godê dupla ou saias plissadas, vestido com franzido que davam aquele ar de amplitude, e aí vem uma moda tão diferente. Não se podia negar que uma calça bem talhada deixava a mulher mais elegante. As solteiras, desde que os pais aprovassem começaram a usar, algumas com um pouco de acanhamento, outras mais ousadas queriam mesmo exibir-se, e as casadas?

Estas adotaram uma idéia fantástica, partindo de Maria Paulino, Zizi e Jacy que combinaram aproveitar o carnaval sair na rua com um bloco intitulado "Os Fantasmas" onde as mulheres apareciam com calça comprida preta, blusa esporte em xadrezinho verde, sapato tênis e na cabeça um capuz branco cobrindo o rosto, com buracos nos olhos e na boca. Trajando assim não seriam reconhecidas e estariam acompanhando a moda, depois tinham vencido o primeiro momento e continuariam o uso começando por aquela calça preta e tudo isso foi realizado com sucesso. Quero, entretanto contar o meu fracasso, na hora de sair para acompanhar o bloco, já prontinha, calça preta, blusa verde, capuz e tênis eis que me chega o marido vindo de uma bebedeira pra lá de calibrado, me olhou de cima a baixo, levantou o capuz e disse: "onde pensa que vai?" Não fui, imaginem minha decepção... E a briga.

## As Mudanças

Sempre que estou passando para o papel as minhas memórias, fico a pensar nas pessoas idosas como eu que lerão com a satisfação de reviver através das minhas palavras aquelas coisas que se encontram guardadinhas na caixa do esquecimento. Pessoas que estão longe em outras cidades e que eu lembro com muito carinho. Desta feita, pretendo dedicar tudo que aqui aparecer às gerações mais novas, aos jovens e até adolescentes para eles tenham conhecimento das dificuldades porque passavam seus ancestrais. Quero falar das mudanças. É impressionante, parece que só os dez mandamentos da Lei de Deus permanecem os mesmos. Começamos pelo comércio que já era bom, tínhamos as lojas de tecido, a de Seu João Aleixo, passada depois ao filho Joca Aleixo, outra de Serra Branca, do Moço Gaião, gerente Sebastião Juvino, conhecida como "barateira" e outra de Chico Moreira também de Serra Branca, gerenciada por Zé Rodrigues e

Manoel seu irmão que o auxiliava. Seu Faustino também tinha sua loja de tecidos. Outra loja com variedade de mercadorias, poderia hoje ser um mercadinho, de propriedade de Seu Bitu tinha o nome de "A linda flor" mudou o nome para "A pernambucana" quando passou a pertencer a Seu Elias Araújo. Esta dispunha de um enchimento de bebidas onde muitos jovens arranjavam seu primeiro emprego, neste se encontrava o jovem Netinho de Enoc, hoje médico, tendo sido, também, prefeito desta cidade por três vezes. As bodegas de Joaquim Soares, Antonio Basílio, Severino Caetano, Toinho Lino, Lula Caetano na Várzea, João Simeão e Severino Vilar, ambas com padaria, há mais tempo a padaria de Higino Monteiro. Mercearia e bar de Zé soares onde as conversas eram duvidosas, conforme falavam com graça os frequentadores. João Quincas com vários utensílios, a bodega de Chico Paulino. A feira livre no largo da Praça Adolfo Mayer exatamente onde se encontra a estátua do Coronel Adolfo Mayer.

Vejamos como tudo funcionava: os cereais eram colocados em caixões com pernas de madeira ou sobre lonas estiradas pelo chão, isto para feijão, farinha, milho, café em grão, batata-doce, produtos da terra ficavam nos sacos como eram trazidos da vazante. Para esses não se usava peso e sim eram medidos em vasilhas equivalentes a um litro, se você comprava dez quilos fazia o total de uma cuia, havia a vasilha que media meia cuia (cinco quilos). A carne era vendida no açougue que ficava do lado mais baixo da feira. Era um quarto de bode ou "banda" de bode, nunca quilo. Faziam uma manta de carne tirada dos ossos, essa era vendida no peso, vendia também a ossada. Nas bodegas o atendimento era feito pelo dono ou auxiliares por dentro do balcão que separava dos fregueses. Você pedia a mercadoria e eles é que tiravam da prateleira e qualquer um que atendesse recebia o pagamento e passava o troco, não havia o serviço de caixa. Em uma gaveta estava o dinheiro e aí todos a usavam, tempo de confiança, não era? A bodega de Severino Caetano vendia também miudeza (material de costura) e no dia da feira a esposa armava na calçada uma espécie de tenda coberta de lona e vendia esses artigos. Dona Leopolda

Reinaldo, em sua residência, vendia também material para costura, enxovais prontos para o batizado alguns mais fracos outros mais caros de tecido melhor, ficava a vontade do comprador, em qualquer deles ela caprichava, para ficarem bonitos enfeitados com "lacinhos" de fita até bordado e flores. Na época os padrinhos pagavam o enxoval. Como não tínhamos lojas de confecção, era comprando o tecido que todos se vestiam. Muitas famílias costuravam em suas casas, a mãe ou alguém que sabia a arte. As costureiras ou modistas mais finas eram: D. Inácia de Gervázio, Laura Felipe, Celina França, Geni Barros, Emilia, Merita e em tempo mais próximo Marilene e muitas outras de roupas mais populares. Quando ia se aproximando o período das festas juninas e final de ano a festa do dia 8, assim era chamada a festa da padroeira, 8 de dezembro era o maior sufoco, cada um queria estar de roupa nova. D. Chiquinha Leite podia não ser das melhores, mas bem que ajudava e vale dizer ela costurava para ambos os sexos, até paletó e por ser mulher cobrava menos e os seus fregueses davam à prova e saíam satisfeitos. Para o sexo masculino haviam as alfaiatarias de Seu Antonio Josué e Zé Quintans. Seu Antonio vindo de São José dos Cordeiros e o outro filho da terra que passou um tempo fora em uma cidade do Cariri mesmo. Ambos trabalhavam muito bem e suas confecções, paletó ou jaquetão eram perfeitos contavam com bons operários de sua confiança. Lembrando alguns deles de passado mais distante e mais próximo posso dizer Luizinho Mulatinho, Inácio de Jó, Camilo, Eleutério, Veinho Jacinto, Satrinho, Luiz Alípio, Adolfo Papagaio, Napo, Machadinho, Antonio Gouveia, Luizinho e Zezinho Mendonça, Deda que ainda tem sua profissão é alfaiate e trabalha em Monteiro, tantos operários, só que aconteceram em tempos diferentes, épocas uns ou outros. Trabalhavam com senhoras que se responsabilizavam pela confecção das calças, algumas costuravam em casa na sua própria máquina como Terezinha de Seu Olinto, Zefa Sousa, Dona Mocinha, Altina e Jusina Josué, Dona Sebastiana. Havia também as que faziam o acabamento: Burrega, Maria Caseadeira, Leontina, Cirila e Janoca. Não havia uso de bermudas ou shorts, os homens

usavam calça comprida a qualquer hora. Não havia em São Tomé nenhum salão de beleza, nem cabeleireiros, as barbearias para homem com corte de cabelo, algumas pessoas iam lá cortar o cabelo das crianças e até o próprio eram de Sebastião de Curau, Pedro Firmino, o mudo do Manoel Henrique e depois Antonio Papagaio. Para mulheres sempre aparecia pessoas jeitosas como Laura Moreira, Geny Barros, Celina França e até eu mesma, isso feito por amizade a parentes ou aos fregueses de costura, sem nenhum vínculo lucrativo. A primeira cabeleireira profissional eu lembro foi Maria Ferreira. De tempos em tempos aparecia alguma "madame" que fazia ondulação permanente a energia ou a vapor, cortavam o cabelo. Manicura? Houve tempo que não tinha mesmo, cada uma comprava seu esmalte e se arrumava, Buléo e Maria de Chico de Melo faziam as próprias unhas com perúcia, deixavam-nas crescer e pintavam de um vermelho um pouco escuro, eu era criança e as admirava. Se quisessem mudar o cabelo para ficar loura usava água oxigenada, ficava bonito. Mesmo se tratando de assunto íntimo não posso deixar passar em branco para que as mulheres modernas e as mocinhas fiquem sabendo como suas ancestrais sofriam com aquele atraso. Ninguém conhecia pelo menos por um tempo os práticos absorventes, para os dias menstruados, cada uma tinha suas toalhinhas ou panos higiênicos que depois de passado o período eram lavados e passados para uso no mês seguinte. Lembro bem o primeiro absorvente que chegou aqui no comércio tinha a marca Modess.

Por falar em modernidade e atraso, vamos até a cozinha, vamos ver como tudo era difícil e trabalhoso. Nada de fubá comprado em pacote. O milho tinha que ser colocado de véspera em água quente para no dia seguinte ser moído na máquina, depois peneirar, a massa fina se fazia cuscuz o grosso se fazia xerém. Além de todo este trabalho com o milho, o cuscuz era feito em cuscuzeira de barro que não tendo a peneirinha colocava-se um pano para segurar a massa, dobrava as pontas do pano e cobria com uma tampa. Quem não tinha cuscuzeira de barro, colocava a massa em um prato fundo num monte,

envolvia cuidadosamente com o pano, ajustava na boca de uma panela, dobrava as pontas do pano no fundo do prato e cobria com tampa e deixava ferver até cozinhar e você estava com um cuscuz muito gostoso.

O café comprado em grão era torrado no tacho com açúcar preto ou mascavo ou rapadura, depois batia no pilão até ficar o pó desejado, fazia em água fervendo e coava no pano aí era o café saboroso e verdadeiro, feito tudo isto o café era o máximo.

A roupa era lavada com sabão em barra, com água de cacimba de areia, meio salobra, cortava o sabão fazia pouca espuma era sorte encontrar uma cacimba com menos salina. Muitas senhoras tinham suas lavadeiras que muitas vezes se dispunham a ir lavar roupa no açude de Seu Esmerino, no Campo de Baixo. Nada de sabão em pó. Para roupa pesada e sujeira difícil se fazia um sabão da terra feito em casa a matéria: sebo e "diquada", um líquido preparado com água escorrida da cinza, também tinha mais ou menos o efeito de água sanitária. Para alvejar tínhamos o anil em pedra que se colocava no paninho e passava na última água do enxágüe. A roupa branca ficava tão alva como a neve. Apareceu por um tempo um alvejante de nome "branquelejo".

Para engomar a roupa eram ferros pesados, cheios de brasa, com buraco e saída de ar, de vez em quando precisavam ser avivadas com abano de palha comprado na feira, muitas engomadeiras, pessoas que viviam daquele ofício como Maria de Severino Leite e outras que engomavam ternos brancos de linho irlandês, deixavam tão bem engomados que pareciam saídos da loja, Maria usava dois ferros, já tinha a marca no batente da janela onde era colocado para pegar o ventinho vindo de fora.

Os homens da época se vestiam a capricho, para a missa ou qualquer outro evento importante, envergava o seu terno completo com camisa social, Maria tinha os seus fregueses e assim podia garantir grande parte da despesa da sua numerosa família, não só ela, mas muitas outras que se mantinham da mesma profissão, lembro aí: Beliza, Rita Preta, Cinda, Zefa de Mane Negrão, Júlia de Zé do Padre.

Para as mulheres a vida era bem mais difícil já dizia o saudoso amigo João Quincas, eram pessoas fortes cheias de coragem, aceitavam e davam conta de tudo sem reclamação. O trato com cabelo? Lavavam com sabão de côco ou outro sabão não se conhecia Xampu, nos sítios elas faziam água com raspa de juá, era o melhor. Para pentear, as pessoas mais simples compravam os "galõesinhos" de Antonio do Óleo que passava uma vez por semana, era pobre e seu começo no comércio foi assim vendia a varejo usando uma "medidazinha"; o vermelho óleo de rosas, o amarelo jasmim, o verde de capim, era óleo fino e conservava o cabelo eu gostava mais do amarelo era o que a minha mãe comprava, pessoas de mais posse usavam brilhantina a melhor, "Glostora", os homens preferiam petróleo Bourbon, as lojas vendiam em vidrinhos, óleo de ovo e um leite de lavanda.

Para o material escolar se procurava a venda ou loja de Seu Bitu, depois Seu Elias Araújo, eles procuravam saber o livro adotado e traziam em pequena quantidade, havia o perigo de sobrar, vendiam cadernos fininhos, papel pautado, lápis grafite, caneta de madeira com pena descartável, vendia o tinteiro (a pena tinha que ser molhada para escrever). Depois com o avanço do tempo foi chegando a caneta esferográfica. Para as pessoas de mais poder financeiro existiu sempre a caneta automática, nela era colocada a tinta a ser usada a melhor marca caneta Parker. A primeira que vi pertencia ao coletor Oriosvaldo Travassos, coletor estadual. Ao invés de um bloco para servir de borrão era usada uma lousa, tipo quadro negro em tamanho pequeno, usava-se um "crayon", fazia as notas ou as operações (contas) depois era só apagar para novo uso.

Na cozinha fogão de lenha ou de carvão. O fogão à gás nem era conhecido. As famílias mais abastadas como Dona Dondom na Firmeza, Maria Leite no Feijão, possuíam fogão inglês, tamanho grande bocas móveis, em aros (aumentavam ou diminuía conforme o tamanho da panela) com tanque para água sempre quente, forno amplo para assados, era mantido com lenha cortada em barrotes pequenos. No início dos anos 60 começaram a chegar os fogões a gás, por serem

poucos não havia venda do bujão e só era adquirido graças a bondade de Sebastião Vitorino, que se prestava a levar o bujão vazio e trocar em Campina Grande, ele tinha um caminhão e viajava semanalmente.

Chegou o tempo que veio de Campina, representante da loja SOCIC, com amostras de aparelhos de cozinha e eletrodomésticos e ofereciam a preço de promoção, faziam preço acessível dividido em prestações, pegavam as encomendas, depois um carrão vinha fazer a entrega. A SOCIC vendeu muito aqui em Sumé. As coisas se modernizando, ficando mais fáceis.

A comunicação era também bastante precária, se exigia urgência tinha que apelar para o telegrama, o correio era o principal órgão de comunicação, três vezes por semana chegavam e saíam as malas de correspondência o serviço era feito pela empresa Batalhão no começo a "sopa" de seu Olegário era o transporte certo, com bagageiro em cima e Seu Doca já meio idoso subia para botar e tirar as malas. Quando ele subia Luzia gritava: "Seu Doooca trouxe? Ele nem dava tempo a pergunta, respondia com dureza: "Deixa primeiro eu chegar Luzia". As notícias chegavam pelo rádio. O único telefone era o do correio, serviço privativo. Em caso de doença ou coisa séria de urgência nós do correio fazíamos uma ligação mesmo sabendo do risco de ser denunciados. Nós contávamos com a boa vontade dos colegas de Monteiro. Dona Leonor esposa do chefe Formiga, pessoa digna de todo respeito a quem eu dedico amizade e gratidão, sempre minha segurança nas dificuldades do trabalho, fazia favor a quem a procurasse.

\*\*\*

Antes de contar um episódio a respeito do telefone quero fazer uma declaração, para mim, de muita importância. Quando comecei escrever queria só lembrar acontecimentos históricos da terra para ajudar

as gerações novas que me procuravam com perguntas e pesquisas, depois foram surgindo outras coisas, fui escrevendo, mas sempre no propósito de não falar de política nem de políticos. O que conto a seguir não se prende a isso. Certa vez estando aqui um tipo charlatão se dizendo médico, trazido e apoiado por pessoa daqui mais ou menos influente, a intenção era assumir a direção do posto médico, hoje Escola Profissional, construído e mantido pela Prefeitura, onde Dr. Bernardino e outros médicos, um vindo de Souza neste Estado, atendiam aos nossos doentes. O Dr. Bernardino fazia visitas periódicas vinha de Monteiro onde trabalhava e tinha sua residência. Um grande profissional, humanitário, competente satisfazia as nossas necessidades. Com a chegada do Dr. Deodoro, acreditavam eles, estaria resolvido o problema da saúde, o povo estaria sendo diariamente bem servido. O plano deles encontrou resistência por parte do prefeito que não aceitou aquela intromissão. Não havia uma ordem superior ele não portava credencial alguma e não assumiu o posto, ficaram na teima, na linguagem popular o que se dizia "um pucha-encolhe". Instalou-se com a família na casa grande de Seu Marciano atendendo pacientes receitando, fazendo consultas, até que um dia foi chamado por uma gestante em trabalho de parto, lá chegando quis fazer o serviço, incompetente viu dificuldade, não tinha com ele nada do que devia ser usado, resolveu apelar para Dr. Bernardino e foi ao correio, expôs sua pretensão. A funcionária atendeu e fez a ligação para a cidade Monteiro. Dona Leonor gentilmente mandou chamar Dr. Bernardino e ele dava o recado que era transmitido pela funcionária aqui, dizia para Dr. Bernardino mandar soro e plasma e mais não sei o quê. A conversa não estava sendo entendida e o Deodoro sem pedir licença abriu o ferrolho da grade que separava o telefone, invadiu o recinto, aproximou-se arrancou das mãos da funcionária o telefone e ficou conversando com Dr. Bernardino que pelo que consegui ouvir (uma conversa meio atrapalhada) mandou que ele levasse a parturiente para a maternidade. Parece que a coitada não estava mais em condições de ser removi-

da. Ele saiu do correio do mesmo jeito que tinha entrado, nem sequer agradeceu. Não sei qual o desfecho do caso, isso não me dizia respeito. O cara era muito mal visto pela população e onde ele entrava o povo tinha curiosidade de saber o que queria (algumas pessoas tinham presenciado a sua façanha no Correio), houve comentários maldosos, porém verdadeiros. Quando o prefeito José Farias, chegando de Campina Grande tomou conhecimento do ocorrido, ficou revoltado e quis tomar providências contra aquele forasteiro atrevido, criou-se um clima muito inquietante. Os adversários tinham-se instalados em uma farmácia em frente a dele. Havia revolta geral, tinha gente armada dos dois lados era um dia de feira, a expectativa era pesada. Aquilo teria chegado a um triste final se a telefonista chamada para confirmar não tivesse negado covardemente as acusações. A telefonista era esta que vos escreve.

## Como Enterravam Nossos Mortos

Também naquela época não tínhamos nenhuma casa mortuária, os esquifes eram fabricados às pressas, lembro que quando morreu Dona Maria Salvador, por ser muito pesada, não conseguiram um caixão que garantisse sustentar o seu peso, ela foi levada para o cemitério em uma cama e foi colocada na terra diretamente. Não havia o carrinho para transportar o esquife e todos eram levados à mão pelos acompanhantes. Nesse tempo entrava-se na Igreja colocava lá o defunto e por alguns momentos todos faziam sua oração por aquela alma enquanto o sino badalava tristemente o sinal dos mortos.

## O Minério

Houve um tempo em que foi descoberto um minério nas terras do Major Tobias e quando estavam para explorá-lo tiveram que construir um prédio para o trabalho, aqui mesmo era moída a pedra verde e transformada em pó, depois levada não sei para onde. A pedra era "Apatita" e o prédio que foi construído está lá no Bairro Carro Quebrado, servindo mais tarde para funcionar o Projeto Sertanejo, depois churrascaria e bar. O melhor de tudo é que esses trabalhos davam emprego, embora temporário, que bem ajudavam aos nossos desocupados, sem emprego.

## As Nossas Parteiras

Eram muitas as dificuldades enfrentadas pelas futuras mães, não se fazia um pré-natal, nem sabia que isso era necessário pelo menos nós mais pobres, não havia exame, não havia teste, se a menstruação faltava, elas sabiam que estavam grávidas, começavam a se preparar, fazer roupinha e aguardar até o nono mês, de antemão avisavam a parteira e, quando chegava a hora, aquelas abnegadas senhoras, dignas de todo o nosso respeito e gratidão, chegavam prontamente e faziam o parto mesmo que a criança estivesse laçada. O que hoje os médicos não arriscam, resolvem logo pela cesariana e operam para tirar mais fácil a criança, quando o caso se mostrava muito grave havia um recurso: correr para a maternidade de Monteiro ou mesmo de Campina Grande. Aquelas santas mulheres não cobravam pelos seus trabalhos, não faziam do seu ofício um meio de lucro, elas recebiam por cada parto um agrado, o que queriam lhes dar. As mães ensinavam chamar Mãe. Inácia

era aqui a mais conhecida e até pediam a benção. Ali no Alto da Bela Vista ou Alto dos Jorge, logo no início, temos a Pracinha Mãe Benedita em homenagem a todas as parteiras pelo seu valor desconhecido. Além das duas já citadas lembro Dona Maria Humbelina, Dona Tertulina, Mãe Belinha (Cincho), Dona Maria Hilário (no Feijão), Minervina no Juá. Tempos mais tarde "das Neves" de Angelina e Dona Maria do Carmo, estas formadas em enfermagem. A partir daí tudo foi evoluindo, deixando para trás aquelas torturas que algumas sofreram, aquelas horas de agonia, que mesmo tão dolorosas não impediam que nossas bravas mães tivessem quinze e até mais de vinte filhos. Parabéns aquelas heroínas. Quero colocar em destaque e como exemplo a Senhora Mira, esposa de Jandir que, teve e criou quinze filhos. Ela continua forte e bonita, um belo espécime da raça, como propaganda da força da mulher sumeense.

## Pipoca - Comida de Pobre

Era mesmo comida de pobre, feita em uma panela de barro com um pouco de cinza sobre o milho, colocada a panela na boca do fogão ou sobre trempes (três pedras arrumadas em posição de apoio ao tamanho da panela e sobre fogo de lenha), a panela começava a esquentar e já se começava a mexer de preferência com alguns garranchos de mato seco (cipós), quanto mais mexia mais pipocava, as espigas de grão menor eram mais pipocadoras, não havia também o milho próprio que temos hoje. Sempre que vejo nas ruas pipocas de vários tipos, doce, salgada, fofa e tantas mais, lembram uma passagem lá em casa, quando nós estávamos com a panela no fogo começando a pipocar, entrou um rapaz, guarda da higiene para fazer o seu trabalho e nós morrendo de vergonha, colocamos uma tampa na panela e fomos

nos esconder no quintal e o moço com a maior simpatia gritou da porta da cozinha: "Garotas a pipoca está queimando". Isto foi demais para nós.

## A Festa de Santa Quitéria

Parecia tradição ou compromisso a maneira como o povo de São Tomé participava assiduamente da festa de Santa Quitéria em Santa Luzia (hoje do Cariri), antes, não sei porque tinha outro nome que desagradava muito aos moradores e como isso não nos toca não vou revelar. A festa acontecia dia 2 de Novembro, dia de todos os santos, já que não há um dia determinado para a santa. Os devotos lhe atribuíam curas milagrosas, faziam promessas levavam membros de cera (pernas, braços, cabeças) fotos, etc. acreditavam piamente com isso a festa era concorrida e acontecia durante o dia. Os poucos caminhões existentes aqui, carregavam o pessoal cobrando a passagem. O mais certo era o caminhão de Seu Antonio França que chegava a fazer três ou mais viagens. No ano de 1948 nas famosas viagens, estrada de terra cheia de buracos e dois dos caminhões, lotados, as carrocerias com bancos, começaram a brincadeira de pega, quem passa na frente e já o outro vinha tentando ultrapassar, nessa peleja houve o desastre: os caminhões se descontrolaram. O caminhão de Nandinho ao capotar ficou em cima da perna de Abdolina, irmã de seu Pedro Odon, ao retirá-la faltava o pé que foi encontrado a pouca distância, os nervos ainda vivos se contraindo. Creuza de Mané Côco teve a cabeça aberta em bandas, o cérebro recolhido e fechado no crânio. Além destas duas houve outras mortes, além dos feridos.

A delegacia ficava vizinha à casa de José Quintans e a sua esposa estava de resguardo pelo nascimento de Assis (o Deputado Quintans), naquele tempo um resguardo era muito respei-

tado e foi um verdadeiro vexame para que a mãe nada soubesse, nem escutasse o clamor dos feridos, que foram levados à delegacia, o pessoal se aglomerava ao redor, todos queriam ver ou saber alguma coisa, graças a Deus a mãe foi preservada e nada de mau lhe aconteceu.

## A Viúva Virgem

Não é lenda, não é boato, não é estória é um fato verídico, aconteceu e é do conhecimento de muitos. É até possível que seja escrita por outras pessoas de grande capacidade. Alguém de outra cidade ou mesmo daqui que faça melhor trabalho, tudo bem. Conheço bem a protagonista posso com muita honra dizer que é minha amiga. Conversando e sabendo por ela tudo que aconteceu, perguntei:

- Dona Guilhermina, sua vida é um caso fantástico, você gostaria que eu a escrevesse? Ou melhor, eu posso escrever?

- Claro Ritinha pode escrever, tudo que eu estou lhe falando é a pura verdade, eu não sei mentir, minha mãe só me ensinou a falar a verdade.

Portanto é com sua total anuência que pretendo levar ao conhecimento dos leitores o que por ela me foi contado.

Vejam, Guilhermina Messias é o seu nome está com 92 anos de idade, perfeitamente lúcida, lembra cada etapa da sua vida, a sua infância. Morava com os pais no Sítio Gangorra, como é normal, as pessoas da zona rural são conhecidas umas das outras nos sítios vizinhos, reinava amizade entre as famílias. Ela conheceu o menino Abel quando ele era ainda criança, ela tinha mais idade não é que houvesse uma ligação íntima entre os dois, o tempo passou ele ficou adulto, se encontravam, conversavam assuntos corri-

queiros, nada de namoro ele um pouco arredio, ela como costumavam ser as moças daquela época retraídas mesmo sentindo por ele certa simpatia teve um namorado, coisa passageira e de pouca duração continuava encontrando Abel, conversavam, e segundo ela, nunca falaram nada que fosse namoro. Ele tinha se alistado na Junta Militar estavam em tempo de guerra era o ano de 1944 ele foi convocado. Um dia ele falou:

- Guilhermina você quer casar comigo? Ela de momento, ficou um pouco perplexa, não estavam namorando, ela não esperava. Ficou pensando o que dizer, porém, como naquele tempo as coisas aconteciam assim mesmo ela resolveu aceitar e respondeu:

- Sim eu quero casar com você. Apesar de ela ser seis anos mais velha que ele.

Daí ele tratou de falar com o pai dela e tudo foi encaminhado legalmente. O casamento civil realizou-se dia 11 de Novembro de 1944. Como o casamento civil não era para os pais o verdadeiro, nem se falou em morar junto, ela voltou com os pais para casa e ele ficou em Monteiro no Quartel, segundo ela. Logo no dia seguinte seguiu para se apresentar no exército. Ele ficou por lá, mandava-lhe cartas. O casamento religioso estava marcado para o dia 11 de Julho - é o que Guilhermina afirma e para cumprir a palavra dada ele chegou frio distante, mas decidido a casar, foi para isso que veio. Depois de dar baixa lá no Exército ele teria ficado em Recife e por lá se supõe que arranjou namoradas. Guilhermina vivendo com os pais aguardava o casamento da igreja só aí a união seria abençoada por Deus e ela poderia começar sua vida de casada. O dia chegou, o casamento aconteceu nada mais normal do que esperar com ansiedade o momento de juntos se entenderem, enfim consumarem o ato. Nada disso aconteceu, ele ficou distante nem ao menos uma conversa, o que ela nunca conseguiu entender como e por que o marido agiu daquela maneira. Ficou na esperança que ele um dia ia resolver, nunca quis procurá-lo para uma explicação, tinha também o seu recato. Pessoas amigas a aconselhavam, ela

disse firme: "Nunca vou cair nesta humilhação, não sou de chaleirar homem". Tempos depois ela soube que um compadre Lotero tinha chamado Abel para uma conversa séria, o compadre falara para ele: "Já basta o que fez, agora se você não quer por amor ou se você tem um motivo, justifique o seu comportamento ou então continue afastado, não a faça sofrer muito mais". Eles continuaram vivendo cada um para o seu lado. Depois ele morreu, ela continua sempre a viúva virgem.

## A Festa do Dia Oito

Como já foi falado assim era determinada a Festa da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Dia 8 de Dezembro de 1939. É daqui que pretendo expor minhas recordações, com 10 anos, é aí que nos mudamos para cá, havia morado fora na zona rural Fazenda Cincho, Fazenda Feijão e até Colatina-ES.

Lembro que era o Padre Silvio Celso de Melo, o pavilhão era na Rua Velha, no largo em frente a igreja onde está agora a Praça Adolfo Mayer. A igreja maior já funcionando continuava em construção. A novena rezava-se a noite começando como ainda é hoje no dia 29 de Novembro, era acompanhada pela orquestra, o povo comparecia, Seu Antonio Josué, o maestro, orientava Hozana e ensaiava com ela e as cantoras: Maria de Pretinha, Judith de Angelina, das Neves, Adolfina e Dulcinha Mendonça, Enerstina, Adalgiza. Ele ensinava para a Missa Solene, cantada em Latim, acompanhada com instrumentos, era muito bonito e o povo apreciava com muita atenção. O padre celebrava a missa diariamente pela manhã e a novena à noite. No dia sete, véspera da festa acontecia o leilão. A calçada, do lado esquerdo da igreja era de um nível mais alto do que o chão da rua e aí era preparada uma mesa

de bom tamanho onde eram colocadas as prendas menores lá ao centro presidindo o leilão estava o Padre Silvio, o leiloeiro era Raimundo Sabiá competente e jeitoso, anunciava a prenda e o nome do doador, era muito hábil para despertar o interesse dos participantes criando às vezes briguinha como, por exemplo, uma moça bonita tinha oferecido um perfume, ele sabia de alguém interessado em namorá-la e ficava provocando o outro pretendente, Raimundo fazia o joguinho dizendo: "Vai deixar ele levar? E continuava a disputa. O apaixonado acabava rematando por preço alto e para completar o seu gesto presenteava àquela que oferecera a prenda. Isto também acontecia com os fazendeiros em torno de um bezerro de raça ou outro animal. No "Quem dá mais?", o leilão continuava animado interrompido às vezes por uma piadinha para divertir, Raimundo era bom nisso também. O pessoal gostava e com o seu apoio, acabava dando um bom lucro. As prendas que não se colocavam na mesa como animais, eram leiloadas assim mesmo. Terminando o leilão, seguia-se o pavilhão. Os encontros amigáveis entre fazendeiros e suas famílias e a festa durava até a madrugada.

Desde aquele tempo e ainda por muitos anos os casais católicos encarregavam-se do bom andamento no preparo e organizações da festa. Cada ano ao se aproximar este período havia o convite feito pelo pároco e como tradição, compromisso ou obrigação lá estavam os católicos para a reunião, destacavam-se as senhoras Dona Carminha Barros, Dona Zóia, Dona Seba, Dona Leopolda Reinaldo e muitas outras que formavam a comissão. A elas também cabia criar outras modalidades, para melhor desempenho elas mandavam preparar pequenos quatinhos enfeitados com os mesmos laços do pavilhão. Aí funcionavam o correio onde uma telegrafista redigia telegramas com assuntos engraçados, declarações de amor, rompimento de namoro, fuxico (mentiroso) às esposas e mais assuntos. Dali saía uma estafeta, uma menina com boné com distintivo dos correios, entregava o telegrama e o destinatário é que pagava. Outro era o caritô, as meninas levavam a moça e alguém ia

tirá-la de lá mediante pagamento. Havia também um posto médico e um posto de polícia, o preso tinha que pagar a carceragem, o doente pagava o curativo, tudo isto rendia alguma coisa, as taxas pagas eram de pequena quantia e era bastante divertido. Organizavam o traje das garçonetes, as meninas trabalhavam com boa vontade, desinteressadamente, com muito zelo e responsabilidade, encarregavam-se em dividir tarefas, escolhia-se a tesoureira, a diretora do pavilhão, a turma da ornamentação, aos homens que também se prestavam a ajudar ficava o encargo de armar o pavilhão, comprar a bebida, tinha as mulheres que abnegadamente matavam e preparavam as galinhas para o tira gosto, também era com os homens providenciar o gelo que, chegado aqui, era conservado em tonéis, coberto com pó de madeira, sem energia elétrica, tinha de ser assim. No dia oito às quatro horas da tarde saía a procissão com as associações acompanhando o andor de Nossa Senhora com os anjinhos de Regina, ao som da banda de música e logo as crianças da Primeira Comunhão, a Cruzada Eucarística, Ordem Terceira de São Francisco, com hábitos marrons semelhantes ao Santo, a Pia União das Filhas de Maria, todas de branco, a fita azul ao pescoço com a medalha da Mãe Imaculada, o Apostolado da Oração usava a fita vermelha. Na frente da procissão ia João Sabiá, conduzindo a Santa Cruz. Também Marciano Sabiá e Seu Augusto Xavier em outros anos levaram a cruz.

Sem despesa alguma para a festa, havia algumas atrações no pavilhão, eram peças dramáticas ou teatrais. Dona Stela, a professora por excelência, ensaiava e apresentava, eram números cantados. Por Lília "Naquele bairro afastado", com Buléo apresentando "Fascinação", mas cantando a música inteira com a declamação e o complemento. Não conheço a razão porque atualmente os cantores sempre cortam a melhor parte. Também as meninas apresentavam pequenas peças, isso agradava e o povo bem que aplaudia com entusiasmo. Teve um ano que Nestor de Andrade, de São José dos Cordeiros, amigo de Severino Marciano, depois de be-

berem da cerveja da festa Nestor todo romântico pegou o violão e cantou valsas lindas, aquilo é que era seresta. O pessoal rodeava uma mesa, alguém pedia para cantar Sertaneja e mais outras músicas, era tudo muito bonito.

Mais tarde com o passar do tempo alguma mudança foi acontecendo, Dona Lica ainda com outras amigas procurava aquela colaboração do passado, as pessoas foram esfriando e aos poucos se afastando, mesmo aquelas piedosas famílias foram ficando com mais idade e naturalmente deixando para os jovens, foi ficando difícil a organização, o povo desmotivado até que chegou um ano em que o padre declarou: "Eu vou fazer a festa religiosa, se alguém quiser pode fazer a festa profana". Ninguém se moveu e correu a desconcertante notícia: não vai haver festa. O prefeito José Mayer tomou conhecimento e não gostou. Em seguida tratou de corrigir o que considerava um erro, convocou os funcionários e mandou convites aos amigos, faltavam só algumas semanas, a reação da comunidade foi super positiva e o prefeito declarou naquele seu tom solene: "Dá para fazer a festa". Providenciou para que os homens da Prefeitura armassem o pavilhão como também a passarela, porque ainda se organizou um desfile de moças bonitas, representando os Estados, arrecadaram um bom dinheiro, assim a festa realizou-se em boa marcha. O pavilhão foi armado ao longo da Praça José Américo do lado do Correio. Muitas pessoas se empenharam em ajudar. Deu tudo certo. O prefeito José Mayer ao reconhecer o resultado em dinheiro achou por bem comprar um relógio para o lugar a ele destinado lá na torre da igreja onde se encontra ainda hoje batendo as horas de uma maneira lenta e agradável, tocando assim, os corações de cada católico. O prefeito mostrou-se grato e satisfeito com o desempenho das pessoas e dos trabalhos.

## Ainda o Pavilhão

A comissão da festa era meticulosa no preparo de cada coisa, escolhia bem as moças que se apresentavam a disposição, determinava cada encargo, até o modelo dos vestidos, as garçonetes convidavam um paraninfo para entrar no pavilhão, já sabendo que o mesmo pagaria o vestido, a primeira vez que se fez assim eu convidei Padre Silvio para meu paraninfo na mesma hora que ficou resolvido. Uma das encarregadas quis barrar meu convite dizendo: "O padre não!". E ele falou: "O padre sim, eu aceito ser o seu paraninfo". As garçonetes recebiam instruções de como atender a todos que se aproximassem sem fazer distinção. Cada família e cada pessoa mereciam a mesma atenção. Houve um ano que os vestidos eram verdes e rosa e um maestro, Zé Bisunga que substituiu Seu Antonio Josué por um tempo, fez uma música para a entrada das garçonetes e elas muito faceiras entravam dançando e distribuindo simpatia. Foi bonito. As meninas doavam o seu trabalho com prazer. Uma vez estavam todas de cetim vermelho enfeitado com estrelas prateadas. O traje que mais dividia era encarnado e azul porque havia por tradição as torcidas tanto de um como de outro lado, e quando havia pastoril aí pegava fogo. A força maior do cordão encarnado era a família França, Lica, Seba, Celina e também Elias Duarte. Do cordão azul: Antonio do Óleo, Antonio Machado, Antonio Gouveia, Zuca, seria impossível mencionar todos. Cada cordão queria sair vencedor e haja gente para trabalhar, com isso mais renda para a festa.

Dia 5 de Dezembro de 1943, foi um dia memorável para mim, naquele dia era o casamento de Lica e Sebastião Juvino, a família Gaião veio ao casamento. Os enfeites da festa estavam sendo confeccionados na Escola Santa Terezinha e eu entrei para ajudar, eram moças e rapazes e eu me senti gente participando com os adultos, eu era quase menina e com a chegada na escola

daqueles rapazes de Serra Branca, aquela aproximação um deles me deu especial atenção eu fiquei tão envolvida com aquele clima, aquela tarde foi para mim inesquecível, sei que estou saindo um pouco do assunto, peço até desculpas, é que eu quis perpetuar aquele dia eu estava feliz, muito feliz.

## Os Padres

Com a saída de Padre Silvio nossa terrinha sofreu um bom tempo, é que tivemos um jejum de padres. Nenhum vinha para ficar. Tivemos o Padre Marques de Serra Branca, ele dava conta, certinho, das duas paróquias, mas era lá que ele tinha residência fixa. Ele era muito rápido em tudo, celebrava lá e vinha celebrar aqui, isto aos domingos, batizava e até visitava as capelas, tudo resolvia. Fazia a primeira sexta-feira em Serra Branca, aqui era a segunda sexta-feira. Um ano ele resolveu fazer a festa de Serra Branca no dia certo, a padroeira é a mesma, fez a festa daqui pegando Natal e Ano Novo, deu certo a festa foi ótima e até animou o período natalino. Foi beleza pura. Acho que, naquele ano, estava aqui uma turma grande de guardas da higiene, todos de farda caqui e boné, trabalhando no combate a febre amarela, era um pessoal de bons costumes, logo começaram a fazer amizade.

Depois do Padre Marques tivemos o Cônego Bandeira, de Caraúbas, também na mesma dividida, uma semana aqui outra lá, batizava, confessava, casava, por sinal foi ele que celebrou meu casamento. Caraúbas mais longe, ele já mais idoso. Veio Padre. Zé Fernando e Monsenhor João Honório ambos de Monteiro, e o nosso jejum continuava, até que veio para ficar o Padre Zé Dias. Tomou posse, fixou residência e logo quis fazer mudanças, trouxe da Diocese livretos com a missa em dois idiomas. Primeiro, ensi-

nou as respostas em Latim, ele rezava em Latim e daí nós começamos a participar da celebração. Antes, até aí, o padre celebrava de costas para os fieis, só o acólito respondia, o povo nada via, algumas pessoas mais piedosas aproveitavam para rezar o terço, o Padre só virava de frente após o Santo Evangelho quando falava para o povo, depois quando dava a benção, no final.

Depois com ajuda da professora Maria Carmelina o povo começou a rezar a missa em português, claro que o padre já rezava neste idioma. Carmelina diplomada no colégio das Lourdinias em Monteiro, educada, católica, de moral intocável, com uma paciência sem limites foi de grande ajuda ao padre Zé Dias, ele contava muito com aquela boa vontade de Maria. Ela preparou, ensaiou a comunidade e foi para os católicos momentos de júbilo.

Rezar e saber acompanhar com o celebrante o Santo Sacrifício da Missa era um achado. Padre Zé chegou a reativar a Cruzada Eucarística e estabeleceu novo sistema para o dia da primeira comunhão. Determinou o modelo adotado pela igreja, exigindo que o tecido fosse comprado na mesma loja escolhida por ele. Era um tecido de algodão meio barato quase ordinário, pés descalços para todos. Sentiu-se feliz e realizado por ver que as crianças de todas as classes estavam no mesmo pé de igualdade. Eu ouvi quando disse isso e contou que no dia de sua Primeira Comunhão, por ser mais pobre, sentiu-se humilhado, colocado no final da fila e fez o propósito de um dia igualar a todos como estava fazendo agora. Era exigente e radical, sua permanência aqui foi um pouco tumultuada, mesmo com as crianças da Cruzada. Surgiram depois sérios problemas e ele foi afastado para Campina Grande. Até que enfim veio para cá o Padre Paulo Roberto de Oliveira e ficou até hoje, o pároco devoto de Nossa Senhora da Conceição.

## Os Noiteiros

Como acontece ainda hoje, eram escolhidos os noiteiros, cada bloco tinha a sua noite, isso constava da arrumação do altar, da igreja, não era fácil a ornamentação, não se tinha flores, dava trabalho para arrumar, não tinha transporte rápido como temos hoje, mais com boa vontade se arranjava tudo. O altar bonitinho com aquelas colunas, os santos, os dois querubins em adoração. Colocavam-se muitas velas de modo estratégico, havia queima de fogos enfim cada um dava o que o podia. Não havia a exigência da contribuição em dinheiro pelos noiteiros essa doação era espontânea. Todos trabalhavam pela mesma causa. A comissão organizadora resolvia por algo que garantisse a renda. Podia ser candidatos ao concurso de rainha da festa, cada candidata tinha o interesse não só pela alta posição de rainha, mas principalmente para contribuir com a renda, elas desfiliavam pelo pavilhão antes da apuração e quase sempre eram coroadas e aplaudidas ali mesmo. Lembro Lenilde Braz, Guiomar de Seu Cidão, Julinha Freitas. No momento só estas estão na minha lembrança, peço desculpas às esquecidas. Também crianças concorriam, havia a disputa entre partidos, as cores, azul e encarnado eram as mais quentes e quando havia pastoril, era maior, até saía comissão pelas cidades vizinhas. Naquele ano, 1948 se não me engano, a comissão achou por bem convidar o guarda-chefe, Eugenio, da higiene para a noite dos funcionários, foi um grande acerto. O Eugênio aceitou, juntamente a sua turma realizou uma noite fabulosa, prepararam balões coloridos, fogos de artifício explodindo no ar, um dos balões, o maior foi armado na calçada da igreja e chegava à altura da primeira janela, o povo gostou, foi um espetáculo deslumbrante, era novidade, sim quem conhecia balão?

## Festas Juninas

Era mesmo uma verdadeira tradição aquela crença que envolvia moças, já adultas e garotas adolescentes, a querer desvendar o próprio futuro. Na véspera de Santo Antonio enfiar uma faca no tronco da bananeira na certeza que o leite ao escorrer formaria o nome do seu amado e futuro marido. Véspera de São João colocar água em uma bacia branca e sob o reflexo da fogueira ver a própria imagem ou a imagem de alguém. Se não visse, o desespero começava, sabia que não estaria viva no próximo ano. Também, o agricultor enchia uma garrafa de água e enterrava junto da fogueira e fazia a prece pelo inverno do ano seguinte, era um divertimento a mais principalmente para os moradores de sítios ou fazendas. As meninas de hoje talvez nem saibam que havia isto.

A Quadrilha. É muito vago falar de quadrilhas, mas especificamente quero recordar "uma quadrilha". Houve naquele ano reuniões para programar os festejos juninos, optou-se por uma competição com classificação e premiação. Foi feita a divisão em locais determinados pela comissão. A nossa, ficou com a Rua Vereador Elias Duarte em cruzamento com a Presidente Kennedy. Como sempre que assumo alguma coisa procuro realizar do melhor modo, então, caímos em campo. O principal foi a escolha dos pares, feito isto tratamos da organização do cenário: um autêntico arraial com palco para o casamento em puro estilo matuto. Os noivos Socorro Leite e Manezinho de Leitinho, formavam o casal mais desengonçado que se pudesse imaginar. Os pais da noiva e padrinhos do casamento foram pessoas da mais alta linhagem. Foi paramentado um padre para a cerimônia. Dentre os casais quero lembrar o colega Rufino Xavier (de saudosa memória) e Creuza, sua esposa. Para maior brilhantismo, convidamos os "bacamarteiros", da cidade do Congo, com o apoio de Dedê Nogueira. Tivemos antes uma ciranda bem ensaiada com a ajuda de Tôta,

UFCG-BIBLIOTECA

pois Dona Biu hospedava, na época, pessoas amigas vindas de Paulista, participantes da ciranda da Lia de Itamaracá. O palco ornamentado com pés de milho "pendoado", bandeirinhas coloridas. Tivemos o apoio do pessoal das ruas, todos querendo ajudar. Até adolescentes (sem idade para participar, como Lenita, Robervaldo, Gilvan, Madson e outros) passaram a tarde carregando mesas, pregando ornatos confeccionados por Paulo de Terezinha Sabiá. Na mesa do jantar jarros e flores formadas com recortes de melancia, espigas com palhas fininhas formando fachos, vasilhas contendo mamão, pamonha, canjica, bolos, tudo sobre uma mesa coberta com uma toalha bonita própria para a ocasião. Dava gosto observar como ia tudo bem. Não tivemos muita sorte, para começar o carrô do som começou a falhar, não dava para ouvir bem. Resultado: por esta e outras nem sequer participamos da apuração, a quadrilha foi desclassificada, um item não foi obedecido. Só nos restou a consciência do dever cumprido, afinal nem sempre se pode ganhar, restou também saber que fizemos o melhor.

## A Difusora

Naquela mesma festa de 1948, chegou de Monteiro um casal (José Carlos e Maria José) que trouxe um bazar, com muitos objetos de interesse principalmente para as donas de casa, vendia as cartelas por preço acessível e, ao terminar, rodava a roleta e alguém saía sorteado com direito a escolher o que mais lhe agradasse, isto teve um movimento tão grande, o bazar era o centro das animações de quem não estava sentado lá no pavilhão. Seu Zé Carlos trouxe também uma difusora para uso de propaganda do bazar e nos intervalos transmitia mensagens mediante pagamento, era um preço barato, a rapaziada adorou e haja mensagens natalinas, declarações de amor, ofereciam músicas apaixonadas, às vezes até anônimos, porém as moças entendiam perfeitamente e retri-

buíam. A coisa pegou tanto que Zé Aleixo comprou a difusora e instalou em casa onde já tinha uma mercearia, funcionava com motor próprio. Todos os dias era ligada às dez horas por pouco tempo, a tardinha tornava a ligar e entrava pela noite a dentro enquanto durasse o movimento. No dia 1º de Maio de 1949, por um acontecimento que agradou bastante o pessoal, aliás, o próprio Zé Aleixo colocou e ofereceu a primeira mensagem, a música era intitulada "Maior é Deus no Céu e Nada Mais", era como um desabafo geral, esta música foi tocada e oferecida o dia inteiro e foi até as duas da madrugada. A difusora virou um hábito para todos. As músicas do agrado geral, sem falar de que se tornou um meio de comunicação. Qualquer aviso, convite ou participação era com certeza procurada, devemos isto a Zé Aleixo que, de certo modo, também se sentiu injustiçado por poderes da terra mesmo, ele decepcionado foi embora e nunca mais voltou.

## O Pau-de-Arara

Temos aqui o amigo Caboclo Sabiá - seu nome Lourival Pereira. Quando a vida foi ficando mais difícil, as chuvas escassas, o inverno incerto, o Bicudo acabando o cultivo do algodão e a agricultura não dava mais para o sustento, os nossos chefes de família homens do campo, sempre tão fortes e corajosos, tiveram que procurar um meio de sobrevivência já que aqui a região pobre e sem soluções os obrigavam a enfrentar lá fora, no Sul, no dizer deles. Sentiam-se forçados a separar-se das famílias, viajar com o coração partido deixando em lágrimas a mulher e os filhos e até mães e partir para a incerteza levando só a coragem e a cara como cantava o grande Luiz Gonzaga.

Não era fácil a viagem para São Paulo, sem dinheiro, o pior, sem experiência muitos deles nunca tinham saído do seu sítio para ir

mais do que Sumé, como nesta vida sempre aparece uma solução surgiu o pau-de-arara na pessoa de Caboclo Sabiá, filho da terra, homem viajado, conhecedor e experiente. Preparava o caminhão com bancos presos na carroceria, uma cobertura de lona como proteção contra o sol e a chuva, vendia as passagens até completar a lotação, facilitava o pagamento, marcava o dia da partida. Alguns vendiam um bichinho para pagar a Caboclo e também deixar alguma ajuda a família. A viagem no total desconforto, carros pequenos, pouca segurança, as estradas em sua maioria eram de terra e esburacadas tornavam o percurso mais demorado e doloroso, isto para quem já conduzia consigo a dor da saudade. Gastavam na viagem daqui a São Paulo, mais ou menos, duas semanas. Dá para se imaginar a chegada lá, aturdidos e estropiados, para quem nasceu e criou-se aqui, viveu sempre no sítio, acostumado à vida tranqüila acostumado a acordar com o cantar do galo, reunir a família tomar o seu cafezinho com cuscuz moído em casa, o leitinho tirado da vaca ou da cabra e quem sabe um queijinho e de repente despertar em meio a arranha-céus, dentro da maior e mais populosa cidade do país, é muito forte e exige muita coragem, tudo isto é o que não falta ao nordestino. Sua meta é vencer para isso vai lutar já que partiu para a aventura.

No meio de tudo aquilo estava Caboclo, como um guia para orientá-los àquelas firmas onde poderiam arranjar emprego e por sorte, arranjavam mesmo. Um mês depois já estavam mandando para a família o mais que podiam. Aquele dinheiro era enviado pelo Correio, Sumé ainda não tinha Banco ou qualquer outro meio. Eu como funcionária me sentia tão satisfeita, quase gloriosa de poder entregar aquelas importâncias que significavam a salvação. Guardo com gratidão a expressão de felicidade, às vezes úmidas de lágrimas naqueles rostos de mães e esposas, ainda que, sentindo a tristeza da ausência. Podia saber pelo endereço do remetente que muitos se empregaram numa Vidraria Cisper. Também mais para o interior de São Paulo, São Caetano do Sul, Santo Amaro e tantas outras. Tempos depois já firmados no emprego alguns vinham apenas de visita, outros conseguiram levar

a família. Houve também os que puderam voltar com meios para viver em sua terrinha. O que considero pior e me dói até a alma é saber que existem aqueles que, mesmo tendo como se manter, nunca mais pisarão nesta "terra mãe" que os viu nascer. É doloroso e lamentável. Que Deus os conforte por lá.

## Camilo e Suas Duas Esposas

Há certas coisas que acontecem e parecem inacreditáveis. Quem não conhece ou já ouviu falar, pelo menos no livro "Dona flor e Seus Dois Maridos"? É romance de autoria de Jorge Amado e até virou mini-série exibida pela Rede Globo. Camilo e suas duas esposas, esta sim, não é ficção, é verdade pura. Infelizmente nada sei sobre este tipo de escrita. Tudo que escrevo aconteceu, trago na memória, tem por base a verdade. Posso cometer algum engano. O que escrevo à seguir aconteceu mesmo e foi assunto comentado pelo menos enquanto durou.

Vamos lembrar cada personagem começando por Camilo, filho de Higino Monteiro, conhecido por Gino, e de Luzia Jacinto. Rapaz alto, boa aparência, ótimos relacionamentos, jogador de futebol, músico e tantas coisas mais. Tinha por preferência o jogo de baralho, as apostas caras, viajava às vezes chegava de carro novo, cheio de dinheiro, jogador ganha e perde, com ele era assim. Certa vez, estava em "alta" e me procurou, ele gostava de mim, apesar da diferença de idade, contou em segredo que resolveu casar, já estava maduro, afirmou que só eu ficaria sabendo, porque estava querendo minha ajuda para a escolha de tecidos, queria comprar o enxoval da futura esposa. Não tinha noiva, uma antiga namorada pros lados de Prata-PB, mas não era com ela. Disse: "Me ajuda sem perguntar nada, vou te pagar". Tudo bem, fui com ele a loja de Seu Joca Aleixo, escolhi, comprei e ele

pagou, vários ternos ou guarnições como eram chamados, verde, branco, rosa, azul e amarelo. A minha mãe possuía uma máquina de "cairel" e uma de costura, trabalhava sem parar para garantir o nosso sustento. Preparamos tudo, lençóis, toalhas, fronhas, até uma almofada tipo rolo, era mais ou menos assim, um enxoval. Tudo pronto, Camilo pagou o preço pedido por minha mãe - isso foi bom para ela. E a noiva?

Uma criatura jovem de ótimos costumes, educada por natureza, boa família, um pouco alourada. Marly o seu nome, vidinha tranqüila própria de interior, teve um namorado que logo viajou, sem deixar satisfações. Ninguém sabia, o fato é que foi escolhida por Camilo, que se apressou a realizar o casamento, como conseguiu se entender com ela, isto eu não sei dizer. O inesperado é que o enlace aconteceu, fixaram residência na Rua Augusto Santa Cruz. Isso foi o que se chamava uma "bomba". Não se esperava ver Camilo casado. Era comentário geral, não sei detalhes de sua vida íntima, apesar de gozar da amizade de ambos. Sabemos que ele não mudou aquela vida de altos e baixos, de partidas e chegadas, não foi fácil para Marly ela sofria calada, não se abria com as antigas amizades. Até que um dia sem ela esperar aparece Toinha. Marly estava casada só na Igreja e esta segunda não morava aqui em Sumé, veio de Santa Luzia - se não me engano - moça de boa aparência, simpática, não era bem aceita pelo povo, que a olhava com certa reserva, casada com Camilo no Civil, que já estava casado com Marly. Ambas sofriam com a situação criada por ele, não tinham a menor chance de felicidade. As coisas foram rolando de tal maneira que as duas começaram a se encontrar e terminaram se entendendo e dividindo o infortúnio, acabaram morando na mesma casa, Camilo, Marly e Toinha, isto em lugar pequeno dava conversa. As viagens continuaram, faltava até com as despesas de casa, às vezes. As duas arranjaram um baralho e jogavam sueca com outros familiares. Ele devia ter alguém que o mantinha informado. Um dia chegou um telegrama, onde as ofendia moralmente e classificava-as de pior do que "Tintina" e "Churiba", que eram as duas mulheres de cabaré mais faladas.

Camilo criava um muitos cachorros, quando elas colocavam a refeição na mesa ele ficava rodeado dos bichos, a medida que ia se alimentado ia jogando pedaços para eles. Depois que ele terminava dava um grito e uma batida, os cachorros desapareciam correndo. Aí é que as duas sentavam à mesa. Não tenho nenhum detalhe da vida conjugal. O resultado é que a sua chegada, depois do telegrama, expulsou as duas, botou para correr. Toinha voltou para a sua família. Marly teve uma vida honesta, por aqui mesmo, trabalhando, cuidando da sobrinha, que a considerava uma mãe, ainda lembra dela como tal. Dedicou-se a cuidar da Igreja Católica com zelo, sem medir esforços organizava as novenas do mês de Maio e no fim preparava a coroação de Nossa Senhora, altares e tronos que arrancavam exclamações dos fieis que assistiam. Trabalhou numa loja do Padre Paulo como gerente. Foi funcionária do Parque Infantil Presidente Vargas, no início com Luizinha e Edice Pereira. Marly, antes de ficar muito doente comprou um "LP" de Roberto Carlos e pediu ao padre que o seu enterro fosse acompanhado com a música "A Montanha" e assim aconteceu, foi emocionante e sempre que ouço toca-la é como se estivesse revivendo aquela cena. Faleceu aos 42 anos deixando muita falta e grandes saudades.

## Dias Sombrios... Páginas Tristes

Assim como lembramos com prazer os dias felizes e alegres, nos pesa e é difícil sufocar as fatalidades. Muitos acontecimentos deploráveis que teimam em voltar a nossa memória e que não podemos apagar. Com o respeito que é devido, com a precaução e a sutileza que exige o assunto, vamos tentar lembrar, com o único objetivo de perpetuar o nome das vítimas de tragédias ou que foram arrebatados desta vida e se foram para outra melhor, sem mencionar detalhes, que poderiam causar mágoas ou ressentimentos.

Pessoas queridas que se foram cedo sem que nós pudéssemos evitar. Começamos por lembrar os nossos jovens que pensando um pouco alto, decidiram buscar lá fora na cidade grande um futuro promissor e ingressaram na Marinha e quando menos se esperava, a família vivendo a esperança de vê-los realizando seus anseios, chega um aviso estarrecedor e depois só o corpo para que a família veja pela última vez como despedida e possa cumprir o doloroso dever de sepultar o seu ente-querido como aconteceu a Helenilson, neto de Sebastião Viturino e Rodolfo filho de Tôta, na flor da idade com muitos anos para viver e aconteceu.

Também Marcos Albino Rafael, não tão jovem, mas muito cheio de vida e saúde, foi também vitimado pelo infortúnio. Vem também Sandra Helena, filha de Toinha Clarindo em companhia do filhinho criança. Ceixa de Amaro, num acidente ao final de um pic-nic. Por afogamento, Normando, filho de Braz Quintans. Estas são recordações profundamente dolorosas.

Choramos agora os trágicos desaparecimentos de Antonio Machado, Antonio do Óleo, Luiz Alípio, Auriberto (filho de Áurea), Nem de Zé Bola, Nego Caminhoneiro, Biu Simões, Lucinha de Elizabeth, Eric, Seu Calixto, Hosana, Joel (esposo de Ivete), Zé Dentista, o filho de Socorro (fotógrafa), Zé dias, Júnior o irmão de Arislêda que mesmo sem ser de Sumé causou muita comoção.

Outros sofreram morte natural mais que deixaram um vazio entre os parentes e amigos: Elias Duarte, Dênis o filho de Zete, Emerita, Tida, Dr. Béu, Robertinho, Romero, Agassis, Wilson filho de Braz, a menina de Lourdinha Lêla, Josibias, João de Deus, Machadinho, Nicinha de Louro Chico, Bidão, Martinha de Zé Baiano, Lourdinha Leite, Napo, Humberto de Gedeao e Félix Araújo que nos ajudou na nossa luta.

## O Infantil Que Se Foi

Ouvindo de casa, a vizinha acalantar o seu pequeno David, senti muito viva na memória aquela maneira doce e encantadora usada pelas mãezinhas carinhosas para adormecerem seus bebês, como cantavam com ternura, assim:

*Dorme, dorme meu filhinho, que eu tenho o que fazer. Vou lavar, vou engomar camisinha pra você. / Xô, xô pavão, de cima do telhado, deixa o meu neném dormir seu soninho sossegado. / Dorme, dorme neném, que já é de madrugada. Papai já dormiu tanto e mamãe não dormiu nada.*

E assim se foram para o esquecimento estes versinhos, como tantos outros, deixando só uma gostosa saudade. Foi mais um costume que o tempo levou. A maioria das mães trabalhando fora, por necessidade, é claro, querendo dar maior conforto ao filho, trocando pelos cuidados de uma babá, aquele carinho tão valioso que se o bebê pudesse escolher não daria por nenhum tesouro do mundo. A partir daí não temos mais aquele cuidado, aquele costume adorável da mamãe, seguindo os passinhos e as primeiras palavras balbuciadas pelo seu fruto, não mais se ensina "mãezinha do céu eu não sei rezar". Que lindo era aquele jeitinho de acordar pela manhã e pedir "a sua benção mamãe" e "benção papai". As coisas mudaram nada se tem a fazer, o passado não volta e como se dizia "acabou-se o que era doce".

Tudo é bom quando se recorda com carinho e saudade. Estive olhando um álbum de retratos antigos e comecei a pensar como se vestiam as crianças há anos atrás. Dava gosto ver com que esmero as mães preparavam suas crianças para algum evento ou mesmo só para ficar na calçada à tardinha depois do banho.

A moda era muito diferente do que se usa hoje e isto não é tão antigo não, tomemos, por exemplo, algumas crianças - não seria possível mencionar a todos: vejamos como Marilene preparava Fábria e Cazinha, era assim que se chamava a Maria do Carmo, como usavam vestidinhos, sapatinho branco, meia souquet, cabelos com cachinhos enrolados ou laços de fita, pareciam bonecas na vitrine. Carmelina Barros, Sonia de Lica, Zélia Braz, Gilda de Dona Inácia, Lulu de Adalcina, Gicélia, Zete, estas já adolescentes, estudando em colégios lá fora e mantinham aquele ar infantil vestidas como crianças, se comportando como crianças.

O tempo passou, o uso de calças compridas e shorts começando, as modinhas infantis foram passando. O modernismo tomou o espaço. Daquelas menininhas vestidas de boneca só restam lembranças e para alguns, saudades.

## Água Fonte de Vida

Um dos maiores problemas não só de Sumé, mas do Cariri e do Nordeste. Sem água tudo fica difícil para uma população e quem mais sofre são os animais. O ser humano mesmo com toda dificuldade consegue se virar, o bicho morre de sede. É triste se ver um ou vários cangaços dando festa aos urubus. Há tempos idos os fazendeiros para salvar seu gado da fome e da sede, organizavam retiradas, mandavam seus rebanhos para regiões mais privilegiadas para voltar quando voltavam as chuvas, inspirado nesse assunto foi que Luiz Gonzaga compôs as suas músicas. Os tempos ficaram mais e mais difíceis, era forçoso se procurar uma solução e foi o que aconteceu.

## A construção do açude e a luta pela água

A falta de chuvas é sempre o maior problema da nossa região. O clima mudou para pior, o povo sofria com as secas, a cidade evoluindo, querendo se modernizar, a população aumentando, tudo muito bem se não fosse o problema cruciante do estio prolongado. Até agora o povo forte ia se virando com água de cacimbas de areia que por graças de Deus estavam presentes em toda a extensão do leito do rio e também no riacho de Pedra Comprida, onde facilmente fluía o precioso líquido. Em algumas partes como no rio de Pitita bem menos salobro. Era chegado o momento de tentar um abastecimento mais seguro, um reservatório que pudesse suprir a necessidade, gerando reservatórios.

Mais uma vez é Seu Zé Farias que entra em ação. Com outros interessados, fez pesquisas, procurou terreno, planejou e chegou à conclusão que a solução seria uma grande barragem fechando o Rio Sucuriu, chegaram a um local junto do serrote, fizeram o estudo topográfico, parecia tudo resolvido. Ele contava com o apoio do Dr. José Américo. Parecia fácil e estava tudo encaminhado. O problema é que as águas cobririam grande parte das terras do Riachão, inclusive a fazenda, até mesmo a casa de morada, onde a família viveu, onde seus filhos nasceram e foram se criando. Certo que receberiam boa indenização. E o valor afetivo? Uma família de doze filhos, bem criada, boa educação, de repente ter que abandonar tudo. Com tantos motivos o Sr. Rodolfo, proprietário do Riachão, até com respeito a indenização chegou a tentar impedir a construção pelo menos naquele local e gerou uma questão ferrenha. O melhor local era aquele e o povo liderado por seu grande Prefeito tinha que teimar. O proprietário apoiado por políticos, seus amigos de grande influencia queria defender suas terras, sua fazenda. A coisa foi ficando feia, tinha dias que dava para animar, em outros parecia tudo perdido, era de desesperar. O povo resistiu e foi em frente. Chegavam boas notícias e logo um ponto negro para

derrubá-las. Orientados por Seu Zé Farias nós chegamos a fazer abaixo assinado. Lembro um dia de feira na estrada da Várzea Redonda pedindo a assinatura de quem passasse indo ou voltando, outras pessoas em outros pontos também trabalharam com afinco no mesmo objetivo, não lembro quantas assinaturas conseguimos (algumas centenas). Seu Zé Farias, teimoso, incansável na luta enviou o abaixo assinado e não dava trégua, quase toda comunicação era feita por telegrama, quando favoráveis eram enviadas para a difusora e Zé Aleixo com o maior prazer as jogava no ar. As outras nada boas, eu as escrevia, lacrava o telegrama e mandava por Seu Leôncio que entregava a Seu Rodolfo, eu morria de vontade, mas nunca falei nada, nem podia, telegrama era sigilo obrigatório. Tudo que escrevo principalmente este capítulo são assuntos e acontecimentos que vivi que ouvi e que participei. Não faço pesquisas, por isso não cito datas nem leis, tudo isso tenho guardado na memória. Neste assunto eu me envolvia de tal maneira que ficava por dentro de quase tudo e também tinha o privilégio de ser funcionária do Correio e saber o que os outros não sabiam o segredo dos telegramas.

Não pretendo ser dona da verdade, se alguém sabe de outra maneira, conte como estou fazendo agora. Depois de muita peleja, o povo venceu, mais uma vez o velho José Américo ajudou a Sumé, não é à toa a homenagem na principal praça da cidade. Houve um acordo, saiu o pagamento da indenização e foi liberada a construção da barragem, era o início do açude. Augusto Jorge me contou que, o seu tio Joaquim, ao saber que estava resolvido o problema da construção do açude, procurou Zé Farias na Farmácia, queria saber ao certo aonde e até que ponto ia a barragem, ao ficar sabendo disse: "Só isso? Era bom que começasse na Serra da Mina e fosse até a Serra da Guarita". Zé Farias respondeu: "Assim ia cobrir muitos sítios e fazendas". Joaquim reagiu: "Quem achar ruim que se mude!".

A partir daí as coisas mudaram, o pessoal começou a respirar aliviado com o gostinho da vitória. A cada dia chegavam mais tratores, máquinas enormes, ferramentas e os funcionários do escritório.

Era muito movimento, a construção teve início em 1957, o melhor do momento foi o carro pipa que abastecia as casas dos funcionários e ajudava muito, mesmo o povo que não era do trabalho, era só pedir e eles enchiam o tonel.

Começado lá as escavações, dava gosto visitar e ver a potencia das máquinas, as máquinas levavam tamanha quantidade de terra de uma única vez que valia a pena assistir. Quando estavam cavando o poço na fundação, tinha um feitor meio malvado, humilhava os peões, os que trabalhavam durante a noite, mal alimentados, um deles parou pára fazer um cafezinho já na madrugada, os pés quase descalços atolados na lama e o feitor avistou aquele flandre preto sobre a trempe de pedra foi e viu o fogo, até deu um chute com aquela bota forte, o flandre rolou e era uma vez um café. Os peões foram se enrixando com o feitor, um dia, parece que ao amanhecer de um domingo o feitor estava agachado na beira do poço que já ia à faixa de trinta metros de profundidade, o peão chegou de mansinho por traz, pegou pela traseira, empurrou-o no abismo, foi um Deus nos acuda. O feitor morreu logo. O engenheiro colocou na vaga dele uma filha ainda de menor para garantir a despesa da família, depois com a idade completa foi nomeada e continuou no escritório. O engenheiro construtor, Dr. Carlos Humberto de Barros Machado tornou-se eleitor em Sumé e mesmo depois de terminada a obra continuou votando aqui. Anos depois foi merecidamente agraciado pelo poder municipal com um título de cidadão sumeense. Digo com orgulho que o projeto foi de minha autoria.

A construção como todos sabem foi o DNOCS (Departamento de Obras Contra as Secas), outros engenheiros deixaram aqui boas amizades: Dr. Mauricio Montenegro, Dr. Gerson Calheiros, Dr. José Tavares, Dr. José Fernando Sampaio. A maioria deles prestou importantes serviços como professores do Colégio Estadual Prof. José Gonçalves. O Dr. José Fernando foi diretor. Também na gestão dele no DNOCS teve início o sistema de irrigação.

Depois de construída, a barragem tampou o rio, as águas iam ficando no açude e aí nada de poços. Tivemos que esperar o açude

sangrar e, graças a Deus, isto não demorou muito para acontecer. Eu não estava aqui em Sumé, acho que foi em 1964 e quando num domingo a tarde o carteiro chamou com um telegrama fiquei assustada, ao abrir li: "AÇUDE SANGRANDO". Eu simplesmente caí no choro. Não aceitava não estar aqui, assim mesmo minha alegria foi igual aos que estavam lá vendo o sangradouro. Era uma satisfação vitoriosa, Sumé estava sem problema de água. Pelo menos por um tempo.

## A Irrigação

Concluídos os trabalhos da construção do açude houve as obrigatórias mudanças, muitos funcionários foram transferidos para Guarabira, o escritório aqui com um número muito resumido de funcionários. A obra foi aceita e abençoada por Deus. O açude comportando quarenta e seis milhões de litros quadrados, logo encheu e trasbordou, a água do sangradouro voltou e invadiu o Rio Sucuriu era tudo o que o povo aspirava. Daí o açude com tanta água sem produzir nada, foi que resolveram criar um sistema de irrigação, foram construindo canais que isto se resolveu. As terras foram loteadas e entregues a pessoas escolhidas em reunião, observadas as credenciais e a prática com o trato da terra. Pena que naquela escolha pouquíssimos filhos de Sumé tiveram a sorte. O sistema irrigado deu certo por um tempo, enquanto durou a água, houve erro na maneira de soltar a água. Os colonos, assim eram chamados, ajudados pelo DNOCS que mantinha a terra adubada pronta para o plantio, trabalhando com muita vontade de vencer, todos queriam acertar e foi mesmo um verdadeiro sucesso. Foi criada uma Cooperativa que mantinha o controle do movimento, em tempo recorde já se dispunha de uma produção estupenda. Daí por diante ninguém segurava, bom trabalho, boa terra, adubo, água em abundância, era tudo que precisavam. Cada semana

eram caminhões e mais caminhões e às vezes diariamente saíam para as fábricas de Pernambuco em Pesqueira e em Belo Jardim. Era banana, tomate, pimentão, cenoura, afinal a terra dava tudo que se plantava. Comparando-se àquelas "capitanias hereditárias" alguns lotes prosperaram bem mais. Em cada lote haviam construído uma boa casa residencial. Entre os melhores, tomemos, por exemplo, o lote de Seu Lourinho, dava gosto visitar aquela família, além de se ter no que dava a vista aquela fartura, eles recebiam de coração aberto, ofereciam comida, bebida, frutas e um sorriso franco. A família numerosa, isso influía na hora da escolha, a esposa simpática, as meninas lindas e saudáveis, podia-se passar horas bem agradáveis, também assim era o lote de Pedro batista, de saudosa memória, Alzira, bondosa, educada, paciente. Quero deixar bem claro que se eu quis comentar estes dois lotes é que deles nos aproximamos mais vezes. Tivemos Olegário, Sarmiento, as Seis Casas, as Nove Casas onde foi construído um campo de futebol, eles organizavam os times e nós fomos varias vezes assistir aos jogos, cada colono nos ofereciam o mesmo tratamento.

Tudo era legal e festivo, aquele povo vivia feliz, até que a água do açude foi diminuindo, faltaram as chuvas e tiveram que racionar. A água que corria a céu aberto vinte e quatro horas por dia (aí é que estava o erro), teve que parar e soltar em dias e horas determinadas, medida esta que deveria ter sido usada desde o início, canais largos passando água continuamente por mais ou menos dezoito quilômetros, afinal um grande açude, não um mar. Lamentavelmente, tiveram que suspender a irrigação, tudo foi caindo à medida que não chovia nem descia mais água nos canais, tudo foi acabando. Tudo parou. Dr. José Fernando voltou para o Ceará, o DNOCS resumido a alguns funcionários do extinto Projeto Sertanejo. É hoje, habilmente, gerenciado por Socorro Souza, ex-funcionária do citado Projeto Sertanejo.

Isto é a vida, tudo passa. Restaram os funcionários aposentados, alguns casaram e aqui ficaram fazendo de Sumé sua nova terra.

## O Sangradouro

Nada mais belo para se apreciar do que o panorama, visto de cima do baldo do açude quando cheio, água até onde alcança a vista, bem lá no meio um morro com uma casinha ilhada, para chegar lá tinha que ir de canoa e foi assim que Lau fez, tomou para ele, fazia plantação e ia sempre navegando de ida e de volta. Depois que o açude começava a sangrar não dava para chegar ao baldo por esse lado, tinha caminho pela ponte e seguindo a direita passava-se no Mirante ao baldo. No serrote encostado foi feito um nicho para colocar uma santinha. Tudo pelo Carro Quebrado chegava direto no sangradouro e podia-se ver e gozar do prazer, água descendo, os peixinhos querendo voltar, nadando contra a correnteza, uma maravilha, os poços cavados pela força da água, ofereciam um banho gostoso. Nos dias que durava aquilo virava uma festa, as pessoas praticamente se mudavam para lá, o dia inteiro o banho, as barraquinhas com bebida e tira gosto, muitas famílias levavam o almoço e lá ficavam, todo mundo misturado naquela delícia de água doce, era o máximo, um verdadeiro balneário um lugar adorável. Estamos há vinte anos da última vez que o açude sangrou, não sei se ainda teremos este grande privilégio. A Deus, nada é impossível, eu em particular creio nisso.

### "NOTA"

Apesar da minha tentativa de amaciar um pouco aquela briga pela construção do açude, não posso de maneira alguma, deixar esquecida a passagem seguinte: o vereador Cornélio Santa Cruz, em discussão acalorada por ocasião de uma reunião na Câmara Municipal,

hoje Casa Vereador Cícero Soares, onde o assunto era a construção, ele, enfurecido e revoltado declarou em tom de ameaça: "Eu asseguro que ao invés de água no açude, pode correr sangue no meio da rua". O Prefeito, José Farias Braga, chegou a pedir garantias ao poderes federais.

## Futebol

É um prazer sem tamanho falar dos meus queridos atletas do futebol. No final da década de 1970, Manoelzinho Severo foi eleito diretor esportivo e Machado o seu vice. O diretor morando em Campina Grande confiava e deixava muitos encargos ao vice, muitos dos tais, o futebol. Como esposa eu sempre participei e ajudei em quase tudo, que ele assumia e se falando no São Tomé Esporte Clube, o time do meu coração, eu abracei de corpo e alma aquela incumbência. Era o ano da Copa Borborema, Manoelzinho fez a inscrição e o time começou a treinar. Foi um ano de muitas atividades e o time participou garbosamente conquistando o terceiro lugar e trazendo uma taça. Mesmo enfrentando com poucos recursos foi um bom trabalho. Para mim que entrei assim como Pedro Malazarte entrou no céu, tive o prazer de colaborar e, mais ainda, gozar da oportunidade de conquistar a amizade daqueles jogadores a quem chamo carinhosamente de meus queridos atletas, são eles: Galego, Gidelson, Dudé, Curinha, Dedé, Dau, Robinho (Robson), Armindo, Abida, Damião, Careca. Vieram de fora (outra cidade) Bacurau e o goleiro Toinho.

Há mais tempo tivemos goleiros como Onofre, Gordinho, Neneca, desta feita no banco de reserva. Bidão, técnico e treinador, o que fazia muito bem e o melhor de muito boa vontade, ajudava muito até os quebra-galhos. Bidão se foi cedo, deixando a falta e a saudade. Outros se foram e em nome de cada um destes e também aos que

ainda vivem, quero homenagear com todas as honras que merecem, em especial, ao insubstituível Luiz de Du, que se vivesse em outro meio e tivesse chance teria sido um segundo Garrincha. O seu potencial o teria levado muito longe. Por pequenos contratos chegou a jogar no Treze de Campina Grande, no Vera Cruz e no Central de Caruaru - PE. Era um gosto vê-lo jogar, como saía driblando vários jogadores, deixando-os para traz e ao chegar lá realizar o esperado gol. Tivemos em tempos mais remotos, Raimundo Sabiá, Camilo, Fausto, Barata, Seu Mimo, Nelson de Odilon, Diógenes, o goleiro Zé Araújo, conhecido por "Jumento", nos deu muitas vitórias. No final da década de 1940, mais ou menos, tivemos a nossa primeira sede própria, já influência do farmacêutico José Farias Braga, com Irineu Severo Faustino Barros, Viton e muitos outros.

Também tivemos: Mané Negrão, João de Maria Luiza, Severino Leite, Cizé, Cici, Zé Paulo, Dezinho Vitalino, Jair, Pedrosa de Maria viúva, Amélio, Rildo, Seu Dé, Bidão, fausto, João Preto, Vavá de Seu Estácio, sem falar de Zé Gabriel (ainda entre nós) com o seu time o São Paulo.

Nossa terra sempre foi rica em bons jogadores. Estes atletas desinteressados, jogadores por tradição, sem exigências financeiras, merecem todo nosso respeito e gratidão, também a Tururu, o massagista.

## Pessoas

Sumé... Minha terra querida, quanta coisa boa para ser recordada. Em cada canto uma lembrança, umas alegres, outras tristes. Lembranças de pessoas amadas que foram para Deus e que nos deixaram uma dolorosa saudade. Quero agora falar de **Elvira**, que se foi tão cedo e que poderia ter ainda muito tempo entre nós. Jovem, loura,

bonita, possuía uma beleza interior acima de tudo. Simpática e amável com todos que dela se aproximavam. Amiga sim, era de uma alegria contagiante, parece que a sua lealdade e bom humor envolvia de modo sutil e agradável, era conhecida por todos na rua onde morava. Carinhosa com as crianças, atenciosa com os idosos. Morava com irmã casada, na Rua Augusto Santa cruz, era amada pelos sobrinhos.

Teve um namorado de pouca duração, daqueles namoros de longe, da época. Era feliz até que inocentemente foi seduzida por um cara bem mais velho cheio de problemas e casado. Por ter laços de família com o cunhado dela, também se hospedava e até fazia refeição na mesma casa, tendo em face disso, tempo e oportunidade de estar com ela, de fazê-la sentir pena dele, de fazer-se vítima de um casamento infeliz, ela caiu numa armadilha, esse fulano era portador de duas certidões de nascimento, com uma delas poderia casar. Ela acreditou e acabou fugindo com ele, foram casar em uma cidade de Pernambuco, isto foi no momento, motivo de tudo que foi comentário, o lamento dos amigos, a irmã passou por maus momentos, o marido proibiu terminantemente toda e qualquer relação com eles.

Quando eles voltaram havia dúvida se houve ou não casamento, o povo preconceituoso era do tempo mesmo, nenhuma moça podia meter-se numa aventura dessas sem nenhuma punição, era logo rejeitada pela sociedade. Houve casamento sim, ele tornou-se bígamo ela uma infeliz. O afastamento, as amizades sumiram, sentia-se excluída, restou-lhe apenas uma amiga. Ela viu que tinha sido um casamento desastroso em todos os sentidos. Ficou grávida nos primeiros meses. Passa a sentir-se mal, uma gravidez de muitos obstáculos como já era a sua própria vida.

O marido continuou a ter outras mulheres, bebedeira e tudo que faz um canalha como ele. Ela sofria calada com aquele sorriso triste e o tempo foi passando, a barriga tomando volume. Começou a inchar, uma roupa feita hoje, com uma semana depois não dava mais. O marido levou-a ao médico que passou uma dieta, receitou alguns remédios

que não deram resultado algum, ela se recusava a voltar ao médico, não reclamava, aquele jeito doce não mudou, eu sabia do seu sofrimento físico e moral, era minha casa que ela mais frequentava, eu fazia de tudo para amenizar aquela vida atormentada.

Entrou em trabalho de parto antes dos nove meses, o marido foi buscar a parteira. Para ser justa, é bom dizer, se ela pedisse, ele a teria levado para a maternidade em Monteiro, ela preferiu ficar em casa. Dona Inácia, era uma das competentes e assistia a maior parte das mulheres. Ele veio me chamar altas horas e ao chegar lá a parteira me disse que tudo estava muito bem e que a criança, já em posição, nasceria logo. Ficamos aguardando e ela sentiu dor de cabeça, eu, muito nova, sem experiência achei que fosse fome. Preparamos um caldo, que ela vomitou assim que acabou de engolir. Poucas pessoas estavam com ela além de mim e a parteira. Comecei a ficar preocupada, o marido ofereceu: "Quer que vá buscar o médico em Monteiro?" Dona Inácia falou: "Não se preocupe, logo tudo estará resolvido". Era o que ela sabia. De repente, Elvira apertou minha mão com tanta força, que deixou a marca da aliança nos outros dedos, depois deixou a mão cair pesadamente. Eu fiquei louca, corri para casa, peguei a chave do Correio e fui chamar Dr. Bernardino. Quero esclarecer uma coisa, já que meu filho estava com dois meses eu estava de licença, mas como o meu marido era o substituto, eu podia dispor da chave do Correio. Ele veio rápido, quando examinou viu que era caso perdido, ela estava atacada de "Eclampsia", ele mandou-nos tirar-lhe as roupas, aprumou-a na cama e extraiu a criança de uma maneira tão desumana como eu nunca havia visto em minha vida. Empurrou dois ferros semelhantes a uma tesoura, as pontas com uma concha, engataram e puxaram a criança que saiu rasgando as carnes. Ela, mesmo parecendo sem vida, soltou um urro, que ainda sinto na alma, cada vez que lembro. Diva, Felismina e Jovilina que, estavam presentes, começaram a chorar. O médico colocou o menino em meus braços e eu saí do quarto para banhar e vestir o inocente, sem nada fazer por ela, o médico retirou-se.

Ela continuava viva, naquele estado triste, o marido, aperreado, foi buscar o médico novamente, desta feita ele tirou dela um copo de sangue preto como carvão. Mais ou menos as doze e meia da noite, ela deu um último suspiro e foi para Deus. Desde o amanhecer do dia a casa encheu de gente, todo mundo queria ver. A irmã que, morava a pouca distância, ficou em casa, partida de dor sem visitá-la, era proibição do marido, havia problemas entre eles. Foi muito triste, o pai e a mãe já velhinhos vieram chorar. Uma cena incrível aconteceu, Elvira tinha ouro nos dentes e foi chamado um prático para extrair, alguns supersticiosos convenceram o marido que ela não poderia ser enterrada levando ouro, saí de lá revoltada.

Houve o enterro que saiu de casa umas quatro e meia da tarde, a casa desocupou, algumas pessoas iam ao quartinho onde estava o nenê, olhavam, faziam algum comentário e saíam. O pai numa rede lá na sala chorava. Às cinco e meia quando fechei o Correio fui até lá, o menino na mesma redinha que eu tinha deixado: xixi, cocô, fome, só chorava, era um quadro triste. Voltei em casa, falei com meu marido e nós fomos buscá-lo, eu trouxe o menino, a roupinha numa "valize" como ela havia arrumado. Meu filho Marcos estava com dois meses de nascido e eu fiquei como se tivesse gêmeos. Algumas pessoas apareceram para criar o menino que, teve uma vidinha curta e tumultuada. Quando morreu, estava com a tia, depois de ter passado pelo cuidado de outros. Deve estar com a mãe lá no céu.

## Cacilda

Como cantava Nelson Gonçalves, quero dar as flores em vida, pensar numa pessoa alegre que, ainda vive e que transmite alegria onde quer que se encontre: uma pessoa assim é Cacilda. Esta sim, desde criança, era levada da breca. Animada, ativa, prendia a atenção dos outros, com a maior facilidade, era espontânea por natureza. Quando

garota, estava em todas as festinhas, sem dificuldade estava sempre com um namorado. Mudá-los era para ela coisa do maior gosto, divertir-se era sua meta. Adorava novidades, estava com um hoje e logo depois deixava por outro. Cacilda era tão encapetada que fazia rir os seus namorados com suas "trapalhadas".

Uma vez, quando namorava Zeca que teve de ausentar-se por um final de semana, por coincidência estava chegando de São Paulo outro rapaz e encontrou-a sozinha, ela resolveu aproveitar por esses dias, não gostava de estar só. Deu uma "zebra", Zeca voltou antes do previsto. Ela tentou livrar-se do outro, ele que estava gostando não aceitou e ela na maior cara de pau foi pedir a Zeca para não dizer que era o namorado dela e Zeca riu e disse: "Tá certo, eu já vi levar ponta, mas precisar guardar segredo, esta foi a primeira vez".

Outro namorado combinou com ela não participarem no primeiro dia da festa da padroeira, alegou alguns motivos: não tinha saído pagamento ela compreensivamente concordou, despediram-se mais ou menos às nove e meia da noite (vale dizer os namoros e despedidas eram diferentes) ele saiu em direção de casa e ela preparou-se toda e seguiu para o pavilhão da festa. Com aquela maneira de ser, logo foi convidada e tomou lugar em uma das mesas com amigos. Passado algum tempo, a conversa estava animada e de repente ela avista o namorado se aproximando, quando chegou junto foi ela que atacou: "Ô Antero, tu dissesse que ia dormir, então que foi que viesse fazer aqui?" Ele todo chateado não sabia o que falar.

Em outra ocasião, era o carnaval que estava chegando, ela não perdia uma folia, estava animada, era o primeiro dia e o namorado chegou muito calmo dizendo: "Estou um pouco cansado, nós vamos ao clube amanhã". E ela meio caída diz: "Tá certo. Nós vamos dar só uma olhadinha". Ele concordou e foi com ela, ficaram no sereno, do lado de fora. Lá dentro o frevo, a orquestra a animação estava pegando fogo. Cacilda começou a queixar-se de dor de cabeça, o moço muito solícito resolveu comprar um analgésico, deixou-a sozinha e ao voltar com o remédio avistou-a no meio do salão dançando na maior frevança, o coitado ficou de mão levantada mostrando o comprimido.

Em Campina Grande-PB, convidada pelas amigas, foi a um parque de diversão, ao se acomodar na roda gigante tapou a boca com a mão e ficou assim até descer da roda, foi quando deu a seguinte explicação: "Eu tive medo que a minha dentadura caísse no meio do povo". Cacilda é impagável. Outro dia, em Campina Grande, estando em um local meio distante lembrou que se aproximava a hora do embarque, passagem na mão não dava para chegar a pé, abriu a bolsa, só restava cinco cruzeiros, mesmo assim pegou um táxi quando o chofer perguntou, aonde vamos? Ela prontamente respondeu: "Vá no giro da rodoviária, quando gastar cinco cruzeiros pare que eu sigo a pé". O chofer riu e foi deixá-la no destino, não se sabe quanto ela teria que pagar. Pulou e entrou no ônibus acenando ao bom homem em agradecimento.

Naquele tempo como já foi falado, os homens, em geral, andavam bem vestidos, o rapaz namorado de Cacilda se preparava com paletó e gravata (alguns usavam chapéu). Chega Antero, com uma gravata de um vermelho berrante e ela na maior cara de pau diz: "Tu acha que eu vou sair por aí com essa gravata parecendo uma língua de novilho?".

Teve uma vaquejada de alguns dias no Bairro de Várzea Redonda a pista no Estádio José Jacinto, muito concorrida, muitos vaqueiros vindos de fora Cacilda pensou e disse: "Hoje é sábado e eu só arranjei cinco namorados! Estou perdendo tempo". Depois contou que conseguiu mais três. Na mesma vaquejada ela viu um vaqueiro charmoso com ares de cowboy e pediu: "Me leva na garupa do teu cavalo". O vaqueiro gentilmente ia atender quando a esposa gritou: "Hei! Essa garupa é minha, só eu posso andar aí". Cacilda sem ligar pulou na garupa do cavalo.

Outro dia olhou para todo lado e viu que só tinha Inácio, então disse: "É eu vou namorar com ele, só hoje". Inácio ficou feliz, nas alturas, chegou ao Buffet de Barata, contou a Priscila e daí a pouco avistaram Cacilda. Inácio escondeu-se embaixo do balcão e mandou Priscila falar no namoro. A reação de Cacilda foi um bocado de gargalhada,

dizendo: "Ai meu Deus, ele acreditou que eu estava namorando? Ah, ah, ah!" Inácio todo chateado sai e se apresenta: "É possível Cacilda?" E ela sem se alterar diz: "Eu tava te vendo aí Inácio" e levou na graça.

Outra vez ela enganou Priscila. O namorado dela estava esperando numa festinha e, presa no trabalho ajudando a mãe pediu a Cacilda para avisá-lo que estava sem poder sair. Cacilda encontra o garoto que vai logo perguntando por Priscila. Cacilda que estava só diz: "Ela não veio porque não quer mais te namorar, disse que está abusada". Ele ficou meio triste, decepcionado. Cacilda ficou conversando com quem estava solidária, querendo consolar. No final da festinha estavam namorando, era isso que Cacilda tinha planejado.

A prima Dondon antes de viajar para o Rio de Janeiro falou: "Cacilda toma conta de Cici, eu vou demorar, não deixa ele arranjar outra, tá?" Ela cuidou muito bem, tão bem que poucos dias depois estavam namorando, apaixonados. Se alguém falava em Dondon ela se aperreava: "Quem mandou falar nela?". Cici gostou muito de Cacilda tiveram um belo tempo de namoro, ele conhecia e compreendia as trapaças dela. O namoro até que durou. Como o tempo tudo acaba, o namoro acabou e a amizade permanece ainda.

Cacilda chegou a ter um noivo oficial com aliança e tudo, com este não deu certo. Teve Zequinha de Seu Elizeu gostava de cantar: "Me deixa, ao menos, por favor, pensar em Deus".

Concluindo. Com todo esse seu jeito expansivo, toda essa variedade de namorados ela nunca ficou falada, era pura, nada tinha de feio. No tempo certo um viúvo com filhos e alguns anos a mais se apaixonou seriamente e se casaram. Quem diria que aquela menina de vida tão agitada se tornaria uma grande mulher, a esposa que Toinho precisava e merecia. Teve dez filhos, viveram felizes por muitos anos, depois de casada era a mesma em trapalhadas e brincadeiras, parece incrível, Toinho e Cacilda eram iguais, foram feitos um para o outro. Ele já foi para Deus, ela continua conosco.

## Uma flor chamada Margarida

Ela devia ter uns oito anos quando a conheci. Rostinho redondo, franjas cobrindo quase toda a testa, a boquinha de quem usou chupeta por muito tempo, a mais nova das seis irmãs, por isso aquele jeitinho de menina mimada. Cabelo preso em camadinhas dava um gracioso cacheado depois de solto. Uma criança normal que ao chegar à adolescência encheu-se de simpatia por um garoto considerado da "alta" e como se viam com frequência começaram um namorinho que foi se tornando mais e mais até virar uma paixão que, durou um tempo, era o seu primeiro amor, amor de infância e adolescência, para ela seria eterno, mas não foi bem assim. Zizi, alegre, comunicativa, levava a vida como qualquer garota da sua idade, festinha, passeios com amigas e tudo ia bem até que aquela esperança tornou-se desilusão. Foi muito duro o golpe: saber que o namorado estava noivo e se casando com outra. A sua vida tomou outro rumo, nada mais tinha a fazer.

O tempo ajuda a superar qualquer situação e ela de natureza forte resolveu não parar. Depois de namoro e noivado casou-se com João de Deus que, mesmo a seu modo, era apaixonado. Fixaram residência na Rua Augusto Santa Cruz e tiveram um casal de filhos. Participavam da sociedade, das farras entre amigos, brincavam carnaval e tudo seria perfeito não fosse o excesso de bebedeiras, da parte dele, isto desde o tempo de namoro e por conta daquilo quando estava se aproximando o tempo de casar, ela, pensando bem, viajou para Natal-RN depois de uma briga com ele, logo chegando à casa da irmã passou um telegrama acabando o noivado. Qual não foi a sua surpresa ao vê-lo chegando a Natal e disposto casar já? Zizi falou do telegrama, João nem quis comentar, dizia, não sei de telegrama nenhum, estou aqui para casar e não vou voltar sem que isto aconteça. Não sei bem como tudo isso se passou, o resultado é que chegaram casados e em plena lua de mel.

A vida de cada casal tem seus altos e baixos, Zizi tentava controlar, mas não dava. A camaradagem, em cidade pequena, onde tem pouco ou nada de laser e a única opção é o bar, por conta disso, era constante o desentendimento. Ela certa vez me disse que depois de cada "briga" ele, querendo agradar trazia um presentinho. Seria normal beber nos finais de semana, ela também gostava. As coisas estavam nesse pé quando João foi transferido para a sede na Capital, ele era funcionário do IBGE. Para a vida a dois, isto não foi bom, as novas amizades, colegas de trabalho, farras, tudo o afastava da família. Ela sofreu a separação mesmo morando sob o mesmo teto, ficavam sem se falar, as crianças assistindo a tudo sem nada dizer, até que ele saiu de casa para morar sozinho, depois se casou com outra. Zizi também teve oportunidade de tentar refazer sua vida, não se deu muito bem.

João de Deus morreu antes de completar os 60 anos. Zizi ainda vive e é uma grande pessoa, séria, extremamente dedicada aos filhos e netos, já tem um bisneto, é uma excelente dona de casa. João também era honesto, sério, responsável no trabalho e nas obrigações com a família, pelo menos enquanto ficou com ela nada faltava. É lamentável que não tenham se entendido, é a tal incompatibilidade de gênios... A vida tem desses deslizes.

Os anos passam e a vida continua. As recordações trazem de volta lances da nossa vivência, que só depois de muitos anos podemos analisar friamente e chegarmos à conclusão de que bem poderia ser tudo diferente. No entusiasmo da juventude por muitas vezes estragamos algo que merecia um pouco mais da nossa compreensão, hoje só nos resta lamentar. O que está acontecendo a Zizi é muito bonito, lembrar aquele marido, reconhecer que era amada, mesmo à maneira dele, era querida, que poderiam ter sido felizes com os filhos por muito tempo, quem sabe até a morte?

Resta agora uma saudade profunda, triste, porém, consoladora, até gratificante. Comunicativa, como só ela mesma sabe, conversa e externa às amigas os seus sentimentos, a sua saudade, isto ameniza bastante as mágoas. Para ela a minha amizade de sempre acompanhada de um sincero aplauso.

## Tida

Não seria possível esquecer esta personagem. Seu nome de batismo: Dorotilde, conhecida de todos por Tida ou Dona Tida. Ainda muito jovem, por ser bonita e desfrutar de muitas amizades, foi candidata a rainha de uma festa social, venceu a adversária Judith Braz, não era por julgamento da beleza, ta certo que a outra era bonita também, o primeiro lugar cabia a quem apresentasse mais votos vendidos. Simpatia, calma não tomava chá de cadeira nas festas dançantes, na época tinha que ter um par para sair dançando. Teve um namoro pouco duradouro era Nelson Torreão o antigo farmacêutico que, apesar de parecer muito apaixonado, vendeu a farmácia foi embora e nunca mais voltou. Não sei se chegaram a se corresponderem por carta, tenho quase certeza que não. Lembro muito bem que nos últimos dias aqui ele cantava baixinho para ela "sertaneja se eu pudesse se papai do céu me desse" - eu, ainda menina, achava muito bonito. Era minha irmã, eu a acompanhava discretamente, escutava e sentia pena.

O tempo foi passando, ela ajudava nossa mãe nos trabalhos de casa e nas costuras. Era tão íntegra, tão boa - sei que sou suspeita para falar - porém, tenho testemunho de pessoas, como por exemplo, dez anos depois de sua morte, num dia de finados chegando ao tumulo dela, e eis que vejo uma mulher de aparência humilde, estranha, pelo menos para mim, estava rezando, os olhos cheios de lágrimas, perguntei, você sabe de quem é este túmulo? A mulher me olhou com uma expressão tão sincera, não sei bem definir, talvez espanto, ou dúvida... Falou-me, eu sei sim, aqui está Dona Tida, a mulher mais caridosa, enquanto vivia nunca me deixou sair de sua casa de mãos vazias. Confesso que fiquei perplexa. Dez anos e aquela amiga não esquecer... Na verdade ela era assim. Uma vez quando o pessoal impulsionado pela fome invadiu um barracão de alimentos num dos armazéns da prefeitura, ela enfrentou o coronel Luiz de Barros que aqui veio para manter a ordem e no momento estava levando preso um pobre com uma saca na cabeça,

ela revoltada defendia gritando que era injustiça prender um, quando tantos levaram. O coronel admirado da audácia dela descuidou-se, enquanto isso o pobre se mandou. Aqueles alimentos trancados à chave eram destinados ao pagamento pelo trabalho na rodagem, o povo fez cerco, trabalhou e não recebeu. No dia seguinte quem passasse ali pelo Alto Alegre, as onze horas sentia o cheiro gostoso da carne de charque que era de primeira.

Tida sempre trabalhadora, tão corajosa! Eu acredito que cada pessoa tem o seu destino traçado e o que tem de acontecer tem muita força e disso ninguém pode fugir. Foi acometida de uma doença incurável e depois de muito sofrimento, faleceu aos quarenta e dois anos deixando quatro filhos maravilhosos. Esta narrativa conta só uma pequena parte do que foi a sua vida e dedico a você minha querida com muita saudade.

## Dona Minervina

É assim que todos a conhecem. Conversando com ela na sua casa mesmo, fazendo-lhe perguntas fiquei sabendo algumas particularidades da sua vida, como por exemplo, que nasceu em Campina grande dia 15 de abril de 1902. Criou-se com os pais, nunca foi a uma escola, isto naquela época era costumeiro, principalmente tratando-se de uma menina, não havia interesse algum que mulher estudasse e em famílias de baixa renda nem se discutia. Casou aos dezoito anos teve quatro filhos, dois homens e duas mulheres: Capitulino e Sebastião, Sebastiana e Waldecina (só esta ainda vive). Waldecina mora na vizinha cidade do Congo, onde por uns tempos dona Minervina teve também sua residência. Ficou viúva, não lembra o ano. Mudou-se para Sumé há mais de setenta anos, vivendo humildemente, sem ganho fixo, dependendo da ajuda das pessoas caridosas. Ela era chama-

da para rezar em crianças e até mesmo em adultos. Curava olhado, quebranto, olho grande, dor de "ventruosidade", vermelhão, espinhela caída e outras dores, sempre em nome de Deus e do Divino Espírito Santo. Está agora com cento e três anos.

## Mais Pessoas

Como é bom recordar, vivo repetindo isso. Lembrar uma pessoa que já está com Deus é trazê-la de volta, na imaginação, se agente lembra escrevendo, faz com que outros lembrem também e sintam saudades. Estou tentando registrar em pequenos comentários o maior número possível daqueles que se foram e de alguma maneira foram grandes para nós.

Por falar em "grande" vou começar por **Nitinha Soares**, tão baixinha que o seu calçado era escolhido do número de criança, se quisesse um sapato adulto tinha que encomendar em fôrma especial. Dotada de ótimos costumes, professora exemplar, comportamento nota dez, participante da Pia União das Filhas de Maria. Teve um apaixonado, não acertou namorar e o moço tristemente desistiu. Deve estar no coro dos anjos lá no céu.

**Luzia Jacinto ou Luzia de Gino.** Mulher forte, trabalhadora, foi pioneira no comércio de vendas a prestações. Trazia de Campina Grande, tecidos finos, vendia caro, depois cobrava de casa em casa, cada mês. Se a freguesa não estava com a grana ela gritava "ô bataia", daí o seu apelido Luzia Bataia. Foi uma mulher sofrida, ela mesma contava que aos catorze anos o pai entregou-a a Gino, já meio idoso, em troca de uma tábua de pão doce.

**Carion** era dono do bilhar ali, mais ou menos, onde está a casa de Maria José Brito. Era freqüentado não só pelo divertimento no jogo, é que o rádio, um dos poucos do lugar, transmitia a voz do Brasil

precedido pela música O Guarany, também notícias da guerra, o congresso eucarístico do Recife e tantas outras coisas interessantes.

**Seu Horácio** veio de Caruaru-PE para casar com Marly Lucas, viveram por lá um tempo, voltando depois para cá, era doente, uma ferida na perna, começou um negócio tipo bodega. Se cobrava de alguém que não pagava, era brfũento, dizia: "Dane-se pro inferno, eu não preciso de ninguém, eu só não vivo sem o fôlego". Isto era certo. Quando eu sofri umas crises de asma era só isso que me vinha à mente.

**Marly**, amiga, simpática, alegre, esperta. Trouxe para nós o Pastoril, ensinou, ensaiou, fez as primeiras apresentações, quando voltou para Caruaru, deixou aqui implantado o que começou. Ainda vive e Seu Horácio já foi.

**Euflauzina** apelido Fulosina, esposa de Zacarias, mãe de Aretuza Pretinha. Morava na Rua da Lama e era muito conhecida. Certo dia num acidente caseiro sofreu queimaduras profundas atingindo partes íntimas, sofria muito, estava desesperada, recebia visitas que só lamentavam. Um dia na visita de Elias Duarte ela mostrando os ferimentos disse: "Será que eu escapo?" Ele compadecido quis consolar, ela rebateu com força: "Escapo nada Elia". Esta frase virou dito popular. Sempre repetida por brincadeira e isso era o terror de Augusto, presidente do clube. Não queria ouvir esta frase lá no clube e dava pronta suspensão aos jovens que teimassem, eles não levavam em conta, repetiam e eram punidos.

**Seu Luis "Cangaieiro"** gostava muito de jogo de bicho, tinha que jogar todos os dias, se não sonhava nada saía indagando os sonhos dos outros. Um dia chamou a esposa e perguntou:

- Novinha, sonhasse o quê?

- Olha Luis, eu sonhei com um coqueiro.

Seu Luis pensou um pouco e saiu direto para a banca e jogou galo. Acertou e ganhou dinheiro.

Quando o cambista perguntou:

- Por que o galo?

Ele respondeu.

- Coqueiro dá coco, coco dá quenga, quenga é mulé da vida, mulé da vida é galinha, galinha é mulé de galo, tá aí.

**D. Zefa Leite e D. Regina** moravam as duas na Praça Adolfo Mayer, tinha um jardinzinho de entrada muito bem cuidado, lírios brancos de São José, não davam a ninguém. Antonio Leite depois de perder uma questão na Justiça e com uma raiva danada das duas, preparou uma bomba bem grande e altas horas da noite a fez explodir no jardim, abriu em banda todos os jarros, elas nunca souberam quem foi o autor. Regina era bordadeira fina, fazia trabalhos perfeitos: toalhadados, colchas e lençóis bordados em rechilieu. Também era catequista, ensinava crianças para a Primeira Comunhão, preparava anjinhos para a coroação de Nossa Senhora e para as procissões. Viviam ela e Dona Zefinha, de portas fechadas, a janela (metade) protegida por uma empanada em quadrinhos furados, elas viam tudo sem serem vistas. Se alguém tirava uma folha do "ficus" na calçada uma delas aparecia para dar bronca. Sabiam tudo e criticavam as mocinhas que passavam e tudo viam pelos buracinhos.

**Seu Bitu** muito severo ocupava o cargo de suplente de Juiz, era o pai da professora Dona Stela, ele dizia com muita autoridade: "Minha palavra é uma sentença".

**Seu Pedro Jacinto** já idoso, desocupado ficava andando pelas calçadas tentando passar o tempo. Corria um boato das pessoas maldosas ou irônicas, que, se uma nuvem bonita, promissora de chuva estava lá no céu, diziam: "Seu Pedro está olhando, não vai chover mais". Era só por dizer, ninguém tem a força de trazer ou espantar uma chuva.

**Braz Travassos** tabelião público, pessoa íntegra, séria na hora certa, bem humorado, amigo da Terra, sem filhos, adotou e criou Dolores, Dora para os amigos. Divertida, engraçada, participava e gostava de estar na vida social da cidade, não falava mal de ninguém. Apaixonada por romances e revistas, gastava boa parte do seu dinheiro com essas coisas, morreu repentinamente. Além dos filhos deixou muitas saudades.

**Mané Caetano**, Capiba era o seu apelido, filho de boa família, o tipo do cara humilde por natureza, divertia a si e aos outros contando suas façanhas que acabavam sendo um rosário de fracassos. Era músico, mas reconhecia sua incompetência, um dia no fim de uma tocata em outra cidade, estavam recebendo o pagamento e ele pergunta a Seu Antonio Josué: "Por que os outros recebem mais do que eu?" E ele mesmo gostava de dizer a resposta do Maestro: "Mané, do jeito que tu toca ruim, tu não mereces nem isto que te pago". Ele vibrava com esta história, e tinham muitas outras.

**Antonio Machado**, só ele possuía automóvel, vivia de vendas, compras e trocas, estava quase que diariamente em Monteiro-PB, eram lá os melhores negócios. Antonio Machado tinha um apelido - Debanda - ele andava um pouquinho enviesado. Bom amigo, sociável, grande homem de uma família numerosa. Foi assassinado friamente. A ele nossa saudade.

**Machadinho** farrista, animado, divertido, muitos amigos, foi eleito vereador por duas legislaturas, chegou à presidência da Câmara por pouco tempo. Vice-diretor esportivo (STEC), funcionário do DNOCS, chegou a chefe do escritório, pagador nos tempos das frentes de emergência, presidente do Clube, manteve bom andamento, fazia grandes e animadas festas. Nos festejos juninos segurava as quadrilhas até o amanhecer, botava o povo na rua saindo do clube até a Praça Adolfo Mayer e sempre agitando o seu lencinho branco, era este o seu lema. Já se foi para Deus, deixou saudades.

**Sebastião Vitorino** candidato a vereador, lotava o caminhão de gente carroceria e tudo e levava para o grupo da Pitombeira onde comandava o forró até altas horas. Foi eleito não por isso, ele merecia mesmo.

**Seu Hermes** veio de Pernambuco, casou com Terezinha, Oficial de Justiça. Por ser o tipo certo saiu de Rei Momo, também era porteiro muito dedicado do Cine Teatro Municipal (hoje em ruínas), se foi deixou um filho, hoje um excelente rapaz.

**Manoel Crispim**, era um pedreiro competente, não cheguei a conhecê-lo, por informação sei que construiu as casas mais bonitas desta terra, inclusive foi um dos construtores da Igreja Católica.

**Manoel Pintor** esposo de Adalcina tinha o mesmo ofício, trabalhou nas primeiras obras, tinha três filhos: Lulu, Lenira e Leonardo.

**Severino Vilar e D. Vilarina** comerciantes, donos de padaria, deixaram filhos, temos ainda por aqui Graças, Valdinho e Inácio.

**Jóca Machado** emprestava dinheiro a juros de dez por cento, cobrava na data certa. Naca com seu hotelzinho próximo a BR 412, pediu uma quantia emprestada e foi pagando os juros certinhos, foi anotando quando completou o que correspondia ao valor do empréstimo, pagou o juro e disse: "Esse é o último". Jóca ficou louco da vida: "Olha minha bichinha você só me pagou o juro, está me devendo o dinheiro que me pediu". Ela falou: "Jóca você não me enrola não, eu acabei de pagar hoje". Por mais que Jóca tentasse, ela não se convenceu e ele acabou perdendo.

**Darcílio** e sua panela mágica, nela tudo se cozinhava, era famosa. Todos os tira-gostos eram tirados da mesma panela: preá, mocó e tudo o mais. Todo mundo sabia. Era um grande amigo, ainda vive, mora com Nêna, sua filha.

**Alonso Freire** da Farmácia dos Pobres e sua mania de preparar "bola" para cachorros, matava uma porção.

**D. Neném**, franca, positiva, conhecida por não ter papas na língua, se tinha que dizer ela dizia mesmo. Nada temia quando levava sua foicinha. Era primeira no doce de leite, pessoas chegadas de fora iam direto para saboreá-lo.

**Braz de Tico**, animado metido a galã, conquistador, dançava com todas as garotas. Tinha uma risadinha inconfundível, casou com Laura Sousa, pessoa altamente digna, tiveram muitos filhos, um deles o nosso veterinário Dr. Wandson. Ainda vivem.

**Maria Caseadeira**. Cada pessoa tem um dom, pode ser que não o pratique, pode até nem perceber, por displicência ou qualquer outro motivo, até preguiça. Maria, irmã do artista Miguel Guilherme,

morava na Rua Nova, próxima a Igreja, caseava com tanta perfeição que nunca foi igualada. Os alfaiates faziam fila, ela só uma e todos preferiam o seu trabalho dela. Um terno, mesmo de tecido médio, com o paletó ou jaquetão caseado por ela tomava outro valor.

**Ornecinda Alves** - Cinda. Só ela sabia fazer um cerzido que encobria o estrago em um tecido, até em meia (usava-se cerzir meias compridas, usadas por mulheres finas). Era grande doadora de leite humano.

**D. Sinhá Peba** tinha o jeito e o tempero só seu de fazer "beira-seca".

**Pretinha Jacinto** era única no fabrico do puxa-puxa.

**Dina de Israel** com um jeito divino de engomar roupinhas de crianças, especialmente de recém-nascidos.

**Marlene Nunes**, Bebê da Prefeitura, da Cagepa, da Coletoria, esposa de Antonio Porfírio, assim com tantos títulos, eram tantos, aliás são, porque ela vive, tantos e inumeráveis dons. Entre todos vou escolher a confeitaria, precisa ver o milagre que ela opera com um glacê.

**Terezinha Travassos** é primeira sem segunda na execução do crochê, linha fina, ponto miudinho, obra inimitável.

**Maria** esposa de Silvio Moisés, sem nenhum mestre, sem ninguém para orientá-la amplia, reproduz qualquer desenho por miúdo que seja. Você diz o tamanho e ela deixa certo, sem faltar um só tracinho, ela é sem igual.

**Comadre Biu** sempre foi uma pessoa desenrolada, destemida e afoita. Não recebia ordens e os filhos de qualquer idade o comando era dela. Uma vez saiu daqui para Paulista-PE para impedir Zé Nego de comprar uma Combi. De outra vez, ela soube que Tôta estava doente em Salvador e resolveu ir buscá-la. Não tinha o endereço, aqui não tinha telefone, nem sabia o nome da firma que Bone estava trabalhando. Foi em vão que os outros filhos fizeram de tudo para que ela desistisse. Alertaram para os perigos da viagem e do desconhecido, nada feito. Ela se arrumou, preparou Robervaldo (criança) pegou uma valise e se mandou. A família e os amigos ficaram na maior preocupação.

Quando ela chegou a Salvador começou a andar sem rumo e lembrou-se do nome do bairro, ao atravessar uma rua tropeçou em um daqueles sinais de trânsito que chamam de gelo baiano, aí parou, olhou para os lados e disse: "Eu topei porque não era esse o caminho". E voltou andando na direção contrária, perguntando a quem ia e a quem vinha. Chegou ao bairro e lá abordava as pessoas, assim: "Hei, sabe onde mora Bonifácio? Moço sabe onde mora Boni?" E tanto batalhou que encontrou a casa. Foi um engano, Tôta não estava doente e sim o marido. Como fiquei sabendo tudo? Robervaldo (o menino) nos contou na volta.

Naquele tempo não se entendia como ela conseguiu, agora posso deduzir por experiência própria. Eu tive a oportunidade de conhecer a hospitalidade e o jeito prestativo dos baianos.

**Zé Goiaba**, músico, de boa família, gostava de uma pinga, era amigo leal e pacífico.

Conceição cega passava uma vez por semana pedindo de porta em porta, sempre dizia, ao receber a esmola: "Deus te livre do mau vizinho que é a peste pior que há". Também passava esmolando semanalmente o "Cego", tendo como guia sua esposa de nome Vida. Também Tomé (o doido), de joelhos na Igreja chorando por não ver no altar o Santo do seu nome.

**Ana Maria** de Serra Branca há muito vivendo aqui, amiga super bacana, gostava de palavras assim como: dificuldade, precário. Professora, religiosa, morreu cedo deixando vivo Braz Quintans, seu esposo.

Manoel Duarte, fazendeiro, rico, conquistador, teve algumas famílias de esposas diversas. A particularidade, todos os filhos e filhas muito bonitos, até uma foi candidata a Miss Paraíba. Belizário, o filho mais velho, o homem mais belo daquela época. A sua neta Kalina Lígia foi eleita Miss Paraíba, culta e formosa, fez jus ao título.

Era o senhor **Leôncio Pereira** que vendia jornais de vários títulos e a revista "O Cruzeiro". Além do talãozinho do jogo do bicho ele mantinha os jogos da Loteria que por não ter sido instalada aqui tinha

que ser feito em Campina Grande. Cada semana ele, apesar da idade e de tantas responsabilidades, mantinha o jogo da Loto. A nossa reverência ao velho Senhor Leôncio, também funcionário do Estado.

Por que não render uma homenagem póstuma ao **Sr. Antonio de França**, bravo sumeense que, na hora certa deu um não enérgico ao Governador Osvaldo Trigueiro, na reunião realizada na casa do Deputado João Feitosa em Monteiro. Quando houve uma proposta da parte do governador oferecendo a criação de uma subprefeitura em Sumé e Seu Antonio de França respondeu no duro: "Nós só aceitamos independência". Ou, segundo Viton contava que ele teria dito: "Independência ou morte".

**Seu Nezinho**, tratado pelos estudantes, desde muitos anos, de o contador de histórias. Foi entrevistado por uma turminha do Colégio Estadual que gravou uma fita, valendo nota. Os meninos muito satisfeitos com aquele jeito manso de falar e contar para eles as coisas que eles pediram, ficaram admirados com o seu senso de humor. Por falar nisso, também deve ser sempre lembrado aquele velho palhaço PINDOBA que depois de divertir a platéia com suas piadas, virava de costas e da traseira lhe saía uma fumaça enquanto ao mesmo tempo uma luz acendia e apagava acompanhando seus movimentos. Era no Cine Municipal, naquele tempo sua atividade, o seu empresário, preparador era Augusto que apresentava aquelas peças.

Conversando hoje com um dos componentes daquele grupinho que gravou a entrevista ele me falou que não possuem mais a fita, porém tem gravado na mente a resposta dada por Seu Nezinho (seu nome Manoel Barbosa) quando foi perguntado se era primo de "Chacrinha". Falou com a voz arrastada de sempre: "Ô menino, nós somos todos dos Barbosa de Surubim, Pernambuco". Isto confirma o parentesco, por sinal eles eram bem parecidos, tanto fisicamente como no humor sempre aberto.

\*\*\*

Uma singela homenagem àquelas mulheres que enfrentando a água salobra das cacimbas, em pedras que serviam de lavador, sem nenhuma acomodação, que por vezes andavam alguns quilômetros a procura de açudes com água doce. Carregavam pesadas trouxas de roupa, das famílias para quem trabalhavam, quero citar alguns nomes delas: Siá Jovina, Siá Candinha, Quitéria Louça, Quitéria Bandeira, Diva, Severina Preta, Cicia pé de molambo, Dina, Maria Conselho, Chiquinha Corisco, Carmelita, Fulozina, Diva, Marsonila e todas as outras que estão faltando aqui.

Pensando, pensando, encontrei na memória mais um açougueiro, este não era mesmo daqui, vinha vender cada segunda-feira, que como todos sabem é o dia da feira. Fazia o seu comércio normalmente, ocupava uma das primeiras tarimbas, boa carne, boa freguesia. Não era conhecido nenhum antecedente que o desabonasse, os mais íntimos sabiam que era valente, mesmo sem ser acusado por tal. Certo dia assim, mais ou menos, três horas da tarde próximo ao fim da tarde, houve um desentendimento que acabou virando briga. Segundo os presentes, Severino Putrião (era o seu nome) sacara de uma peixeira, arma comum em tarimba de açougueiro. Foi chamada a polícia e Severino alegou que já era hora de arrumar tudo para voltar, houve uma meia contenda onde o delegado, muito educado, convenceu-o dizendo vamos à Delegacia, só para formalidade, logo ele seria liberado. Putrião saiu do mercado com um soldado de cada lado, andando um pouco ligeiro. Um dos soldados falou baixo junto ao ouvido, com autoridade abusiva: "Você vai é preso!" O açougueiro voltou-se e falou para o delegado que ia logo atrás: "Mande esse cachorro voltar, senão eu não vou". O delegado ainda novato disse: "Volta Antonio". O soldado deu meia-volta, mas disse ainda alguma coisa. Severino Putrião parou, apoiou as costas na parede do mercado, olhou para os lados - a essa altura já muita gente os cercava, ele fez um ar meio feroz e disse: "Saíam do meio". E fez finca, atravessou pelo meio do povo e foi embora. Resultado: o delegado foi exonerado e os policiais foram recolhidos. Não lembro se o Severino voltou a fazer as feiras.

Tivemos outro açougueiro, cuja particularidade era cortar a carne do jeito que o freguês pedia, mesmo que fosse um pedaço redondo. João de Deus era seu freguês assíduo. Era chamado de Sebastião Graiada. A todos os marchantes nossa gratidão.

## Eleições

Havia um tempo, logo depois da queda da ditadura (Getúlio Vargas, 1945), o dia das eleições era um verdadeiro reboiço, as pessoas dos sítios se preparavam como para uma festa, o transporte em caminhões era disputado por cada partido. Em cada caminhão iam pessoas munidas das chapas dos candidatos, os eleitores desciam e já com a chapa se dirigiam à secção onde iam depositar nas urnas o seu voto. Depois disso, era a vez de procurar onde estavam oferecendo as refeições, de cada família vinham todos os membros, até os velhos e as crianças, era uma viagem de graça, comida farta de graça. Na eleição de Eurico Dutra, um eleitor almoçou muitas vezes na mesma mesa, todos saíam, ele ficava e pegava novo prato e de tanto comer foi para casa passando mal, acabou morrendo, seu nome era Amaro Gangarro.

Aí é que vem Zacarias, animado com tanta matança de bois, carneiros, bodes e até porcos, ele ficou sabendo que estavam dando de graça as buchadas e ele foi pedir todo esperançoso. Procurou o chefe do PSD e disse: "Seu Bitu me dê uma buchada pra cumê mais a véia". Seu Bitu manda que entreguem para ele e o coitado já com a bacia na cabeça, querendo agradar, gritou: "Viva Seu Bitu e a Udenê (UDN). Seu Bitu raivoso com "o viva" ao partido adversário disse: "Vá pedir lá, deixe a buchada aí para outro". Zacarias todo desbancado vai ao povo da UDN e todo envergonhado diz: "Seu Zé Farias, me dê uma buchada pra levar pra cumê mais a véia". Mais uma vez ganhou a buchada e gritou como agradecimento, viva Seu Zé Faria e o Pessedê

(PSD). Um dos cheléleus ouviu e disse: "Arreia o fato" (buchada). Volta Zacarias para casa, as mãos abanando, furioso da vida. Quem manda não entender de partido político? Restou para ele levar a família aos diversos pontos onde todos faziam sua refeição.

Valia a pena vir para a rua, ver aqueles partidos que distribuía largamente os almoços, davam transporte indo e voltando, não tinha melhor. Houve as proibições pelo TRE, limitaram os almoços, o pessoal se viu privado do melhor e aí começaram as abstenções, a preocupação dos mesários, o dia acabando e as folhas de votações incompletas, encerrarem a votação vendo a falta dos eleitores. E os políticos sentindo falta dos votos.

## Aconteceu... Como?

Há muitos anos, mais de meio século, quando tudo era diferente dos dias de hoje, a vida, principalmente em pequenos povoados, sítios ou mesmo fazendas corria de maneira tranqüila. O trabalho do dia a dia sem grandes novidades. Quando as mulheres heroicamente enfrentavam as dificuldades, sempre presentes por motivos diversos. Não conheciam a pílula anticoncepcional e na condição de subalternas aos esposos, não pensavam em controlar os nascimentos, a cada ano e como que por obrigação sujeitavam-se a todo tipo de vida. Em certo sentido, eram escravas dentro do próprio lar.

As famílias, em geral, eram numerosas algumas tinham até 25 filhos. Quem sabe a maneira um tanto simples da criação, o modo de vestir, os costumes do campo, talvez isso tornasse menos pesado o fardo daquelas mães. As crianças e adolescentes um pouco mais respeitadas e obedientes, cumprindo assim o que manda o quarto mandamento da Lei de Deus: "Honrar pai e mãe". Mesmo assim não deixava de acontecerem certos "casos". Naqueles tempos a honra e a virgin-

dade de uma moça estavam acima de tudo. O namoro acontecia com muito recato, não eram permitidas as intimidades e assim, era pelo menos, em público.

Em uma fazenda de muita riqueza onde o coronel era muito respeitado e temido pelos seus moradores. Onde reinava uma amizade fraterna entre os jovens que, freqüentavam a mesma escola paga pelo seu amo, os banhos de açude eram notáveis, a alegria entre as famílias, sem grandes preocupações. Uma das meninas, um tanto arredia, não participava muito das brincadeiras, talvez por morar mais distante e também por ser mais pobre, não sei explicar bem, sei que aconteceu um caso curioso e interessante com ela. O pai também, meio afastado gostava de pescar e vivia numa casinha de taipa tão pequena que mal cabia os três: pai, mãe e filha. A garota apareceu adoentada e se queixando de mal estar e a mãe diagnosticou: "Foi uma traíra com vinagre que ela comeu de noite". Quitéria era de menor, não sei a sua idade, já era mocinha, então, afastou-se, permaneceu em casa e começou a inchar. Os pais Seu João e Dona Maximiana nada podiam fazer, não havia um atendimento médico, ela tomava chá que as vizinhas ensinavam. A garota foi suportando tudo. O tempo, implacável, ia passando até que, passados nove meses a menina atacada de muitas dores, surpreendentemente deu à luz, nasceu uma criança, normal, sadia e sem nada, não era esperada, a pobreza, a falta de tudo, até de experiência, podia se dizer que eram inocentes. A situação era de extrema aflição e o pai quem seria? Ficou-se sabendo que todos os garotos eram seus amiguinhos, brincava com todos, nenhum deles apareceu como responsável. Os pais dela sem condições, não tinham como contornar as dificuldades. Dependiam da solidariedade dos outros que, por sua vez, não dispunham mais que o necessário a própria sobrevivência. Foi uma dureza. Como se diz para tudo Deus mostra um jeito e deve ter sido assim. Aconteceu...

## A Família Jorge

Existem coisas e pessoas que, não se sabe explicar o porquê, passam pela vida sem ser percebidas e acabam com valor desconhecidos. Estive pensando nisso seriamente, analisando e cheguei à conclusão que a família Jorge é importante e tradicional. Cheguei a ver isso ouvindo a Rádio Cidade, cada assunto que se refere aquele alto o repórter sempre fala: Alto dos Jorge então pensei, por quê? Aquele alto tem nome por lei, alto da Bela Vista. Daí é que vejo como é forte o nome Jorge, Rua Sebastião Jorge, Rua Servidor Severino Jorge, a mulher mais festejada e homenageada no dia das mães, Angélica Jorge.

Resolvi conversar com Deja (Djanira Jorge) minha amiga de infância e colega de escola, por ela fiquei conhecendo um pouco daquela árvore genealógica, começando pelo tronco com o casal Manoel Jorge e Angélica. Sempre moraram no sítio dos Oitis, os filhos: Sebastião, Severino, Augusto, Quitéria, Adalgiza e Joventina. Criados pelo casal no regime de obediência da época, tornaram-se pessoas honestas, honradas e trabalhadoras, cada um constituiu sua família, agora muitos netos honram o seu nome, por exemplo, Donzília, a terceira mulher eleita vereadora em Sumé. Angélica a mãe mais idosa morreu aos 103 anos de idade.

## A Sociedade Beneficente "União e Trabalho"

Seu símbolo duas mãos se encontrando. É muito difícil escrever assim de memória. Falando do prédio da Escola Profissional, este foi usado em diferentes utilidades, funcionou em vários ministérios. Foi Posto de Puericultura, Serviço de Assistência à Maternidade e à Infância.

Foi Posto Médico, onde prestaram serviço como enfermeiros: Antonio Cassimiro (Tururu) e Zé Felinto da cidade de Boqueirão, também enfermeiro do DNOCS. Depois de construído o hospital, é que passou a ser Escola Profissional União e Trabalho e é exatamente o assunto que me interessa. Foi um tempo de grande proveito. Com auxílio da prefeitura e sob a direção da professora Guiomar Coelho, que, por sinal, lecionava em uma das salas, a escola funcionava a todo vapor: curso de datilografia, de corte e costura, de bordado à máquina e à mão, curso de desenho e pintura. As aulas ministradas no prédio do professor, o Sr. Miguel Guilherme, era mais viável para ele, facilitava o seu trabalho. Os cursos de culinária e confeitaria, por Marlene Nunes (Bebé) de uma utilidade sem limites.

Dona Guiomar mantinha uma ordem a toda prova. Relacionava os pertences, qualquer objeto, por menor que fosse, era catalogado e guardado com zelo e dedicação. Enquanto ela dirigia a escola nada deixava a desejar. Chegou o fim do tempo dela, lamentavelmente depois disso as coisas não eram mais as mesmas. Não estou querendo desfazer nos substitutos, o caso é que Guiomar, sozinha, solteira podia dispensar dedicação exclusiva.

Também foi usado como colégio: Abgar Renault (antes Lafayette Belfort), o diretor Joaquim Pereira Neto (Dr. Quinca), as professoras dos cursos citados acima, Maria Barbosa, Laura Moreira, Maria Leonor. Houve depois, por um tempo uns cursos do SENAI vindo de Campina Grande: preparando para torneiro mecânico, serralharia, armador de ferro, pedreiro e, por insistência do vice-prefeito Francisco de Assis Quintans eu tive que enfrentar esse período de trabalho, a escola estava sem diretor, sem tempo para eleger, conseqüentemente assumi e com muita boa vontade, embora temporariamente, essa vaga, enquanto aqui se encontrava a turma. Como todos os outros o meu serviço não tinha remuneração. Com a retirada do SENAI terminava o meu tempo na escola, deixei tudo em ordem e me afastei.

## A inauguração do clube

Foi no ano de 1963, a obra estava terminada, os sócios e toda a gente ansiosa como seria a festa de inauguração. Houve mais de uma reunião, de assembléia geral, tinha que ser algo excepcional. Afinal estávamos de posse daquilo que foi desejado. Depois de tudo planejado e distribuído aos sócios seus encargos, couberam as mulheres a parte de organização dos comes e bebes. Ficou resolvido que a festa durasse dois dias e assim aconteceu. No primeiro dia foi a festa à rigor, quando isso foi falado uma amiga perguntou: "O que é um arrigou?" E Lucinha Leite, que era mais íntima respondeu: "Você vai ter que usar vestido longo, próprio para uma noite chic, sapato social..." Dizendo tudo direitinho, quando terminou ela em dúvida perguntou: "Entra de verde?". Lica era engraçada.

E foi assim, a diretoria e mais outros tinham enviado convites às pessoas importantes, foi contratada a orquestra Marajoara de Sertânia - Pe, a festa aconteceu em grande gala. À meia-noite, na hora do intervalo oferecemos a orquestra, não um lanche, mas um banquete fechadas as cortinas do palco. Tudo correu normalmente. Terminado o intervalo, o baile continuou até altas horas. Depois da luta pela construção, do preparo para a festa, foi com grande satisfação que se chegou a um final feliz.

O segundo dia, conforme o combinado virou carnaval. Logo cedo o clube estava aberto para um almoço. Dona Nair fez um tonel de 200 litros de um coquetel saborosíssimo que, continha várias frutas e bebidas, a última era uma camada de maçã cortada miudinha, uma verdadeira delícia. O almoço foi uma variedade sem fim, a começar por uma buchada, os fazendeiros trouxeram carneiros, foram trazidas muitas galinhas de capoeira, a gente nem conhecia o frango de granja. Veio o churrasco, as carnes eram lombo e pernil assado, acompanhados de macarronada, vários tipos de arroz, bebidas, saladas, verduras, sobremesas etc.

À noite, carnaval, traje à vontade de cada um e a festa rolou com toda a animação esperada, foi um estrondo e ficou por muito tempo na memória dos que dela participaram. Acho que foi daquele almoço que de tantas sobras o nosso pároco mandou juntar em caldeirões levou no Jipe para distribuir no alto do cemitério ou no Alto Alegre às pessoas que não tiveram acesso à festa.

## O roubo das jóias

Foi no tempo da bonança. Havia um clima de paz e fartura. As propriedades limitavam-se umas com as outras, a amizade entre as famílias constituía o mais forte vínculo, o mais precioso tesouro. As novenas do mês de Maio, a Missa do Natal, celebrada na capela da fazenda reunia aquela gente de maneira extraordinária. Os idosos entabulavam conversas, assuntos de cada um a seu modo, sempre interessantes, a mocidade divertia-se até com brincadeiras engraçadas, o joguinho de baralho, o esconde-esconde, a brincadeira da berlinda envolvia de maneira geral.

Não faltava de vez em quando uma festa de vaquejada e até uma festa da pega de boi que consistia em dominar o "bicho" que, de propósito, era criado no campo, sem que nunca tivesse vindo ao curral. Era empolgante e contava com todos os rapazes da redondeza. Havia um prêmio para o vencedor. A vida corria mansa, o pessoal explorava a agricultura. O estudo era pouco, sabendo ler e escrever, fazer as quatro operações fundamentais era o máximo que se podia ter, especialmente na classe média. Raramente se estudava além do curso primário. Os filhos de fazendeiros dispunham de professor particular. Alguns, muito poucos, atingiam na cidade grande um curso superior. As formaturas restringiam-se a três categorias, médico engenheiro e advogado.

Por esse tempo, em uma fazenda rica da região, quase aconteceu uma tragédia quando o dono, procurando o seu relógio de algibeira, que por sinal era de ouro maciço com corrente grossa, também de ouro, percebeu que todas as jóias haviam desaparecido. O pessoal estava de saída para São Tomé aonde acompanhando o coronel iam assistir a Missa e homenagear o pároco que estava sendo elevado à categoria de Cônego. O velho controlado como era, guardou a sua contrariedade e realizou a viagem. Só que as meninas esperavam passar mais tempo pela rua para um passeio mais agradável, receberam ordem logo que acabou a cerimônia: voltar imediatamente para a fazenda. Decepção, tristeza, revolta, era o que sentiam no regresso. Não foi pior ao chegarem a casa, o velho desembuchou sua ira contra todos. Criados, parentes, serviçais, todos eram suspeitos, mesmo os conhecendo desde crianças. Foi um Deus nos acuda. Cada um proclamava sua inocência. Como provar é que não podiam.

Passados alguns dias sem que o ouro aparecesse, o coronel ameaçou levar o Delegado com alguns soldados para interrogar cada uma das pessoas, que não eram poucas. Foi aí que uma senhora, ex-escrava com mais de noventa anos deu, a saber, que ela fazia uma oração e descobria o paradeiro das jóias roubadas. O velho mandou que ela tratasse de mostrar o que sabia. Era impressionante como aquela preta velha toda vestida de branco com brincos grandes de argola, sentada no chão da cozinha com imenso rosário no pescoço, se benzia toda, rezava e terminava dormindo. Sonhava e ao despertar anunciava onde se encontravam parte das jóias. As pessoas corriam ansiosas e eufóricas, era incrível aquilo que estava acontecendo. A velha continuava rezando e à última revelação apareceram as peças mais valiosas: trancelim, pulseiras, o relógio de algibeira, tudo em ouro maciço, cravejado com brilhantes e outras pedras de grande valor. O importante é o local onde se encontrava aquele monte precioso. Foi bocejando que a ex-escrava falou: "No altar, do lado esquerdo da capela, por traz da imagem do Menino Jesus". Foi um assombro, as meninas criadas na casa, parentas ou não (os coronéis e suas esposas gostavam

e costumavam manter em casa várias pessoas que a troco de casa e comida viviam a serviço da fazenda). Elas sentiam-se parte da família e tinham prazer de ver como tudo se resolvia. Uma delas pegou a chave da capela, correu e de lá voltou com as mãos cheias das jóias já mencionadas. Parecia que tudo estava resolvido, que a paz estava voltando. Puro engano.

O coronel trancou no cofre tudo que havia aparecido - antes estava em um móvel no seu dormitório - deixou em segurança e aí convocou a Dona Marcelina - a advinha - e ordenou que dissesse quem era o ladrão, não podia ficar com ele em casa. A velha titubeou, quis dizer que não podia falar, a sua oração ia perder as forças, contudo, diante das ameaças do coronel ela teve que revelar: a pessoa que fez isso é da família, goza de toda confiança, é ela que pega as chaves... Dizendo estas coisas até que revelou o nome. Isto caiu como uma bomba! Ninguém podia acreditar, cada pessoa da casa jurava e garantia a favor dela, nada valeu, a jovem foi expulsa pelo velho com as palavras mais pesadas que ele encontrasse e proibiu-a de entrar na fazenda. Foi uma tristeza geral, a garota saiu em pranto e em pranto ficaram as companheiras. A vida foi dura para ela, quase impossível. Até um namorado, filho de um fazendeiro vizinho foi mandado estudar em cidade distante com o fim de ser afastado da moça.

O tempo passou lentamente, aquela alegre animação esfriou, tudo havia mudado. A velha "advinha" adoeceu para morrer e o remorso a roer-lhe a alma, resolveu revelar a verdade, não podia morrer com aquele pecado, mandou chamar a vítima, tinha que receber seu perdão, ela chorava e se maldizia, estava arrependida. Não teve jeito, ela não atendeu ao chamado, disse: "Agora é tarde, todo o mal que me fez, os melhores anos da minha vida foram tortura e vergonha pelo que não fiz. Deus sabe o que sofri e é a Ele que ela vai prestar contas". A mulher abriu a boca e contou tudo. Entre a criadagem daquela época havia uma criatura chegada de outra fazenda, pessoa estranha, de boa aparência, alta, corpulenta, dizendo ser cozinheira e foi admitida entre os outros, com uma referencia pelo antigo emprego.

Esperita conseguiu gozar da confiança, infiltrou-se bem, praticou o roubo e quando o caso foi se agravando, prometeu bom pagamento e orientou Dona Marcelina nas suas ações. Já não se sabia o seu paradeiro, outras coisas foram levadas por ela: redes grandes de varanda, conjunto de louça de porcelana fina, talheres e muito mais. A jovem vítima foi inocentada, continuou sua vida, sem esquecer aquela mágoa. Nem por isso tornou-se uma pessoa infeliz, ela soube escolher o lado bom da vida, na medida do possível.

## Nomes e Apelidos

Em Sumé, como em qualquer outra parte do mundo, encontramos nomes e apelidos às vezes engraçados, às vezes meio esquisitos, mas pela força do hábito a gente aceita e conforme o grau de amizade pode-se até gostar e achar bonito, porque diz o adágio: a pessoa é que faz o nome. Vamos, então, lembrar alguns que conheço: Acampá, Banana, Bomba, Bigodão, Bidão, Bodim, Bacurau, Bucho de Cobra, Beicho de Pote, Antoin Bonitim, Burrego, Severino Boca, Preta, Bagunça, Baraiá, Bode, Boca de Caieira, Barata, Branco, Birino, Bolota, Boneco, Birrada da Batalhão, Buru, Deleka, Cafofa, Caveira, Galo de Campina, Corama, Cacum, Cucuá, Capa Rato, Corro, Chapéu de Couro, Cuzim, Cara Véia, Canelão, Careca, Caçulinha, Calela, Capucho, Cenoura, Chato, Choleta, Cabeção, Cuscus, Chumbinho, Côca, Chuxuta, Carajá, Dró, Didiú, Decente, Debanda, Faisca, Fuá, Fura Barreira, Fogoió, Furiba, Finfa, Fuzufu, Fia, Gogó de Sola, Gongo, Goga, Zé Goiaba, Gauça, Gago de Adalcina, Isca, Índia, Joinha, João Pequeno, Juruba, Julina, Juruti, Joana Bago Mole, Lia das Cachorra, Lavandeira, Majó, Miúda, Mané Pelanca, Mancha, Mão de Onça, Maracá, Memela, Mirocha, Mosquito, Miraltina, Marajá, Moufia, Neneca, Nobão, Morsego, Oi de Piula, Parreco, Parrudo, Pinóquio, Potó, Pinta Cega,

Pé no A, Pirobão, Peia Onça, Piu, Paidete, Peteca, Pereba, Pitoco, Pá Seca, Pirata, Pantaleão, Pupu, Pourou, Pililica, Pilombeta, Pinto Branco, Pirocha, Pelada, Pebinha, Pé de Meia, Porco Pelado, Petita, Parece e Parecido (gêmeos), Piraca, Pilha, Quinquinha, Querrenca, Quizila, Rolinha, Ribcirinho, Rambo, Rita Preá, Rolete, Dr. Redondo, Seu Roldão, Sabino Grande Severino, Panela, Sitanga, Suta, Suça, Sebastião Rainha, Severino Catota, Santo Antonio, Sarrabuio, Suvela, Sabugo, Têka, Tetela, Tiviti, Terem da Perua, Tururu, Tota Xerém, Tourão, Titela, Tamburete, Titita, Tatu, Tuquinha, Tinteiro, Urubu, Ventinha, Virola, Xuriba, Zé da Mala, Zé Cada, Zominho, Zé Tuiuda, Zinebra, Zé Gógo, Zé Bola, Zé Bisaco, Zé do Santo, Zé Gago, Zefa Parijá, João Fuba, Chinchela, Xibiquina.

Famílias: Chiliu, Muruanha, Gulumita, Grilo, Chato, Cabra, Leu, Papagaio, Carquejo, Carneiros, Pinga Fogo, Azul, Quixabeira, Guabiraba, Cascavel, Pateca, Peba, Sabiá, Bamburrá, Corisco, Cangaú, Cabra, Sabiá, Perereca, Zebra.

## Ligeirinhas

Num passado distante, certos acontecimentos não de grande vulto, mas que na minha concepção, mesmo a título de curiosidade, merecem ser lembrados e a isso quero chamar de ligeirinhas. Preciso fazer uma observação: estas ligeirinhas parecem piadas e até produzem um pouco de humor, mas não é piada, eu garanto tudo aconteceu.

Na construção da rodagem (estrada de terra batida), hoje BR 412, nos locais de passagem da água foram colocadas muitas bueiras. No encontro da Rua Marciano Oliveira e Avenida 1º de Abril, ficaram conhecidas como a "encruzilhada". Havia as tais bueiras de cada lado do aterro e todas com as siglas da firma construtora IFOCS,

alguém, maldosamente, apontando cada letra falou: "Inspetoria de Furtos Ocultos Contra os Sertanejos". Era na frente de um bar, os presentes gostaram da piada e quiseram fazer mangação quando surge um funcionário com modos sérios falou: "Você leu errado, o certo é: Infelizmente Fui Obrigado Conhecer Sumé". O certo era Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.

Vale lembrar a precariedade em referência ao serviço dentário. Não tínhamos nada neste sentido, dor de dente era tomar um comprimido analgésico que nesse tempo era conhecido por "cachete" ou chamar uma resadeira. Dona Júlia Gulumita, era perita no assunto, digo por experiência própria. Só nas segundas-feiras vinha de Monteiro, Cazuzá Japiassu e atendia muito bem, não tinha cursado a faculdade era prático, porém, muito competente. Depois dele seu filho Dr. Cauby, também nas segundas-feiras e o serviço era pago. Já num passado menos distante Zequinha Menezes ou Zequinha de João Inácio, filho da terra, já atendia diariamente, serviço pago, mas ele facilitava o pagamento, era amigo, trabalhava bem, um grande profissional. Ainda vive e mora em Brasília-DF.

Talvez, devido à dificuldade de água, a maioria das casas, em especial, as mais pobres ao serem construídas não havia preocupação de construir um banheiro, faziam uma pequena "casinha" no final do muro, o mais longe possível da casa e ali improvisavam a privada ou latrina. No próprio cimento em nível um pouco mais acima do chão, faziam uma abertura e geralmente o usuário tinha que ficar de cócoras. Naquele mesmo local se tomava banho, em bacia, o chamado "banho de cuia". Bacia sanitária era raríssima, ao invés de pia eram os lavatórios, de ferro ou madeira onde era colocada uma bacia e assim tudo estava resolvido. Para lavar prato, bacias fundas de barro, eram chamadas de alguidar.

Quando da construção do prédio que depois seria intitulado "Casa do Menino Artífice", uma das obras de Seu Miguel Guilherme,

onde ele sozinho, trancado, trabalhava com afinco, gastando o dinheiro que conseguia ganhar em obras importantes em outras cidades, especialmente em Monteiro e Sertânia, só ele sabia o seu projeto, nas horas vagas pintava quadros belíssimos, ninguém via, só Betinha entrava lá. Certo dia chega à casa de Seu Bitu uma comitiva do governo: Dr. Ruy Carneiro, Major João Costa, sua Ordenança e outras autoridades. Um carrão preto lotado de "gentão". Manifestaram, então, o desejo de conhecer Miguel e suas obras, ele já estava ficando famoso. Dona Zóia, a esposa de Seu Bitu e irmã de Zefinha, esposa do artista, sentiu-se no dever de acompanhá-los até o prédio e apresentá-los ao cunhado. Saiu toda ufana. Lá chegando, porta trancada, ela bateu com os nós dos dedos chamando, Miguel, Miguel... E nada. Depois de algumas batidas e chamadas Seu Miguel abre uma brechinha da porta e pergunta: "O que é Dona Zóia?" Ela falou já um pouco nervosa: "É o Dr. Ruy Carneiro, interventor da Paraíba, com os seus amigos, eles querem ver as suas obras..." Nem terminou de falar e Seu Miguel corta a conversa dizendo: "Quando eu terminar ele vê". E bateu a porta. Seu Miguel era fantástico.

O olho d'água lá no pé da serra, muito distante da rua, onde as mães levavam suas crianças para tomar banho de água doce, lavar o cabelo, deixar que elas brincassem por espaço de tempo. Elas adoravam o passeio era uma maneira de aproveitarem uma horinha de lazer, já que não havia muita opção neste sentido.

A falta de um médico até obrigava as mães, aflitas, procurarem as resadeiras, se o filho tinha desinteria resava o mau olhado, se as feses eram esverdeadas resava o "vento caído". Pessoas adultas também com dor de dente, torção, até dor na coluna, cobreiro - elas diziam: "O que é que eu rezo? Cobreiro brabo. O que é que eu corto? A cabeça e o rabo". As rezadeiras eram pessoas muito prestáveis, atendiam com uma boa vontade impressionante. Iracy Sabiá, Duquinha, D. Júlia, D. Candinha. Temos ainda Dona Eunice Panela e Dona Minervina, com 103 anos de idade. Maria aleijada rezava de uma maneira que se tornou conhecida,

pegava o ramo de mato verde, se benzia e benzia o doente várias vezes e começava a rezar, se alguém perguntava pelo filho ela continuava traçando cruzeiros sobre a pessoa e falando: "Manoelzinho foi-se embora, já escreveu, tá com saudade, com vontade de voltar e ficava dando notícia e benzendo". Ninguém sabia aonde ia dar aquela reza.

Uma noite de forró na Fazenda Riachão. Creio que com o apoio do engenheiro. Foi uma noite junina de primeira. A maioria do pessoal do DNOCS, inclusive os de Sumé, que tinham sido admitidos aqui e com as famílias amigas que foram convidadas, realizaram uma festa tão animada, para mim, inesquecível. O tocador era Diomedes, sanfoneiro dos mais animados, cantou muito uma música que dizia: candeciro se apagou o sanfoneiro cochilou, mas a sanfona não parou. Isto agradou bastante e o forró durou até altas horas. Era véspera de São Pedro.

Por falta de frutas na feira, as barraquinhas vendiam cocada de coco, doce de fofa de umbuzeiro. O melhor era o rosário de côco. Quando era tempo de tamarindo, Chagas trazia do Sítio dos Oitis e levava para vender no Grupo Escolar, as colegas compravam, não sei se pagavam...

Em um escrito deixado por Viton, a um jovem repórter de nome Marivaldo que, gentilmente me presenteou com uma cópia, tive conhecimento da grande e louvável ação praticada por Seu Irineu Sabino. Fiquei estarrecida, sem entender porque aquele senhor não recebeu nenhuma homenagem em reconhecimento daquele ato que tirou Sumé de uma situação embaraçosa. Para quem não leu escrito vou descrever o que aconteceu. O movimento pela emancipação política de São Tomé, passou por dificuldades financeiras, um documento a ser feito pelo Dr. Miguel Braz, dependia da importância de Um Mil e Quinhentos Cruzeiros, tinha que haver uma maneira de angariar esse dinheiro. Um grupo reunido em torno do caso resolveu que umas pessoas iam sair pedindo aos fazendeiros e ao chegar à

casa do Sr. Irineu Sabino etc, patrioticamente, abraça a nossa causa e resolve o problema: doou o dinheiro todo, de uma vez. Um gesto desses vai sempre merecer o nosso respeito, homenagem e gratidão.

O nosso clube já teve por um bom tempo os seus anos dourados, seus momentos de glória, apesar de alguns obstáculos, em face de dificuldades financeiras, a ordem e a disciplina eram mantidas. Lembro um detalhe muito interessante: a bem da moral havia uma cláusula que era rigorosamente obedecida, as moças, acompanhadas ou não, desde que estivessem lá dentro não podiam sair e depois voltar, sendo que não era permitida a entrada para menores de quinze anos. Tudo acontecia de modo natural. Se contratavam uma festa, preparava-se um mapa do salão, isolando o dancing, desenhavam-se circunferências representando as mesas e saía alguém procurando pelos sócios, com certeza voltava com a maioria delas reservadas, anotado o nome dos sócios, posso citar os que não falhavam: Leonardo e Zita, Nanô e Ione, Zé Barros e Loudinha, Carlos Barros e Terezinha, Zuca e Eudésia, Jair e Aldeisa, Heleno e Emérita, Zé Bonifácio e Lucinha, Haroldo e Aparecida, a família Mayer, Chico Paulino e família, Augusto e família, Machadinho e família, Antonio Machado e família, João de Deus e Zizi, Sebastião Juvino e Lica, Severino Caetano e Seba, Zé Rodrigues e Maria, sem contar com a rapaziada que, sem reserva de mesa, chegava hora sozinhos ou com as namorada. Aquilo podia se chamar de uma sociedade firme e poderosa. Por ocasião de uma das festas, uma jovem quis sair no intervalo, houve alguma objeção, mas como ela afirmou que estava indo embora, tudo bem, saiu com o namorado e não mais voltou. Eles estavam fugindo e foram se casar. A menina era Maria Elvidia, filha de Orlando Zenaide, casalzinho esperto, entraram na aventura, casaram-se e viveram felizes.

Um detalhe. A feira livre, já comentada anteriormente, oferecia só o essencial, no geral era muito limitada. Nada de legumes, batata inglesa, cenoura, beterraba, chuchu, não tinha estas coisas, até o coentro e a alface eram difíceis, algumas donas de casa plantavam no quintal.

No decorrer da semana Dona Antonia passava com uma bacia imensa de coentro e cebolinha. No dia da feira, Sebastião Rainha, trazia da Firmeza uns cachos de banana maçã para determinados fregueses, outras frutas eram coisa rara. Pensando bem, o certo é que os fazendeiros cultivavam diversas frutas, manga, banana, laranja, pinha e mais outras, não sei por que não as vendiam na feira, com certeza, consumiam tudo em casa ou não pensavam em vender, talvez até distribuíssem com os moradores de suas terras.

A hora santa. No tempo de Padre Silvio a Igreja permanecia aberta diariamente. Para que sempre tivesse alguém presente foi estabelecido um horário de adoração onde pessoas comprometidas ficavam na Igreja, obedecendo a sua hora. Havia uma lista contendo o nome e o tempo de cada pessoa que, ao sair, puxava a corda do sino, só uma badalada, a pessoa do horário seguinte já estava chegando e assim, segundo o Padre, o Santíssimo Sacramento nunca estaria sozinho.

Tratamento, curativo, aplicação de injeção, mesmo na veia, em domicilio, era só chamar Tururu ou Zé Felinto, o caso estava resolvido.

Como o rifle do cangaceiro Vicente Preto veio a pertencer a Eduardo coletor. Sabino Grande o avô dele, proprietário do Sítio Pinhões e o cangaceiro eram vizinhos, este tinha uma plantação bem cuidada prometendo bons lucros. As criações de Sabino Grande que, pastavam por perto e procuravam beber água no riacho, aproveitavam e entravam na roça de Vicente Preto que os matava. A primeira vez passou e ele continuou matando. Sabino Grande estava revoltado e lhe mandou um recado: "Pare de matar minhas criações". Vicente Preto, valente, convencido de sua força; respondeu: "Diga a Sabino que eu mato até ele". Se isto acontecesse seria um assassinato a mais, pois ele tinha vivido no cangaço. Aquilo era uma ameaça muito grave.

Sr. Lula, o pai de Eduardo, que há pouco tinha casado com D. Júlia, filha de Sabino, resolveu interferir. Esperou Vicente Preto ali para o lado dos Severos e falou direto: "Senhor eu não o conheço, você não me conhece, eu sou genro do Sabino e acho que o assunto entre vocês está se tornando perigoso". Continuou: "Por isso o procurei para fazer-lhe um pedido, não mate mais os bichos do meu sogro". Ele conversou tão bem que o cangaceiro prometeu atender ao pedido e ficou às vezes procurando Sr. Lula para pedir alguma ajuda e ele lhe dava dez ou vinte mil réis, depois Vicente adoeceu e necessitava um pouco mais e pediu cem mil réis, disse: "Eu não vou poder lhe pagar esse dinheiro, mas eu vou morrer e lhe deixo o meu rifle como paga". E foi assim que Sr. Lula de posse do rifle o deu de presente a Eduardo. Foi o próprio Eduardo que me contou esta história, também disse que o rifle se chama "solução", porque de tanto atirar ficava dando estalos, como se fosse soluçando.

Viton era prefeito pela terceira vez e empreendeu uma viagem a pé a Juazeiro do Padre Cícero, teve como companheiros o seu compadre e amigo José Antonio e João Gedeão. Não foi caminhada direta, paravam para descansar, eles levavam sacos com alimentos, o mais pesado ficou com Zé Antonio, pesando catorze quilos. Saíram na terça-feira, chegaram a Serra Talhada no sábado a tarde, pernотaram e passaram o domingo, só continuaram a viagem na madrugada da segunda-feira, caminhando animados e esperançosos. Em dado momento, Viton falseia e torce o pé, fica andando com grande dificuldade. Então avistam casas e ele diz: "Vamos pedir ajuda naquela casa grande". Zé Antonio prefere pedir casa pequena que está mais perto e também tem água. Ao se aproximarem foram atendidos por um velhinho, muito delicado, que os tratou muito bem, deu água para beber e notou que Viton estava cheio de dores, ele perguntou: "Está doente? O que aconteceu?" E Viton contou o acontecido. O velho disse: "Tem fé em Deus?" E com a afirmativa o velho falou: "Vou rezar o seu pé". Viton falou: "Eu vou poder andar?" Ele disse: "Vai, tenha fé". Depois da reza e um

pouco de descanso, saíram andando e logo adiante Viton disse: "Etou bom, a reza do velhinho me curou, até que enfim podemos continuar com tranqüilidade". Assim puderam chegar ao Juazeiro do Norte, na paz daquela cidade que tem um ar de santidade. Na volta, de carro, é claro, Viton trouxe uma imagem, de bom tamanho, do Menino Jesus de Praga. Mandou construir um pedestal com um nicho com frente de vidro bem trancado no alto da serra. Lá colocou a imagem, foi aberto um caminho cortando o mato, com trechos íngremes, difícil de transportar. Mesmo assim os devotos não deixavam de visitar. Uma vez por ano era celebrada uma missa que ficou conhecida como a "Missa da Serra". Quando Leonardo ganhou a eleição, logo após o resultado o povo subiu a serra a galope, todo mundo gritando, queriam comemorar lá junto do Menino Jesus. Têca subiu como sacrifício, Leonardo tinha prometido um emprego, ela esperou, nunca saiu. Por muitos anos a Missa e as romarias eram certas. Depois quebraram o santo e ainda hoje é lamentado por todos, até o pedestal foi destruído. Temos a esperança que alguém reorganize aquele local tão importante para a nossa cidade.

Pensando em ser útil as pessoas dos estudantes que nos procuraram, quero registrar o que trago na memória sobre as primeiras autoridades de Sumé: Antonio Pereira, chamado Baé, era o subdelegado de São Tomé. Satinho, o escrevente da Delegacia. Sr. Horácio, primeiro coletor de lixo no seu carro de bois. José Farias Braga, primeiro Prefeito. Adalgiza Jacinto, primeira Vereadora. Dr. Arquimedes Souto Maior Filho, primeiro Juiz. Dr. Paulo Pedrosa, primeiro Promotor. Tenente Elias Valentim, primeiro Delegado. João de Deus Rafael, primeiro secretário. Diógenes Soares e Sebastião Viana, primeiros fiscais da prefeitura. Sr. Clarêncio, soldado de polícia, desde São Tomé se prestava a dar instrução às escolas, preparando-as para o desfile dos feriados. Silvio Celso de Melo, primeiro padre. Mané Café, primeiro coveiro. Braz Travassos, primeiro Tabelião. Evaldo Gonçalves, primeiro Deputado Estadual. Bradesco, primeiro Banco.

Ariosvaldo Travassos, primeiro coletor estadual. Sr. Meirinha e Sr. Aristides, agentes fiscais, ainda em São Tomé. Sr. Otaviano Braz pai de Toinho Torreão que chegou a ser ministro.

Era dia de jogo e naquele tempo a sociedade costumava organizar uma recepção à altura do acontecimento com todas as honras, discursos, flores, quase sempre a banda de música, os oradores: Diógenes, Viton, Severino Leite e uma vez Félix Araújo. O almoço era oferecido no hotel Mulatinho, D. Quitéria, exímia na culinária, preparava pratos de dar água na boca. Duas outras jovens serviam os jogadores em uma mesa grande. Os jogadores comiam rápido o que ia sendo posto no seu prato sem esperar a iguaria que vinha em seguida, gostaram e comiam avidamente. Ficaram tão bem alimentados que na hora do jogo não renderam nada, o time deles perdeu de zero, o São Tomé fez cinco gols. O nome da cidade? Vamos guardar só para nós, é uma cidade do Cariti e eu não pretendo revelar.

Quem não lembra D. Guiomar a professora da família do Sr. Rodolfo Santa Cruz. Quando estava na rua se hospedava no hotel de Zé Matuto e que despertou o interesse de Piano, filho de Chico de Melo, começaram um namorinho, ele era ciumento e meio possessivo e ao avistá-la conversando com outro ficou furioso acabou o namoro começou a beber e dizia com uma fala meio atrapalhada: "Chipiano Vieira de Melo não leva chifre".

Vem aí Batistinha, baixinho, magrinho, estava noivo de Alice Braz, alta, charmosa e elegante e apaixonada por ele, um casal de estaturas diferentes, mas que se amavam muito e se davam muito bem. Um dia chegou uma das madames fazendo ondulação permanente no cabelo. Batistinha disse: "Noiva minha não entra nessa". Alice não levou isso em conta, foi lá e mandou ondular o cabelo, ficou mais bonita, foi encontrar o noivo, certa que ia agradar. Batista não quis mais nem vê-la, não houve choro nem lágrimas que fizesse Batista e ela voltar.

Veio de Serra Branca Zé Raimundo e Nina, abriram uma loja de calçados finos na Praça Adolfo Mayer. Acho que foi a primeira, a cidade estava começando a evoluir, a eles nossa gratidão. Também a fábrica de ótimo doce, em latas e em barras, para abastecimento do comércio, ficava aqui na Rua Augusto Santa Cruz, era propriedade de José Raimundo, seu irmão Expedito gerenciava.

A fábrica de queijo lá no Alto dos Jorge fazia parte do progresso da terra, era de Gilberto, gordinho simpático, namorou Janoca irmã de Leotério.

E o caldo de cana de Antonio de Bebê, ainda dá água na boca, só de lembrar, era na Avenida 1º de Abril, próximo a agência Real (hoje), era uma opção para os dias quentes e uma gostosura.

Marly Lucas apesar da casa pequena, conseguiu instalar uma escola de datilografia na Rua Augusto Santa Cruz, muitos jovens tiveram seu curso prático graças a sua iniciativa, obrigada Marly.

D. Adalgiza, com sua escola quase "Múltipla Escolha", lecionava além do normal, curso de Francês, iniciação de Inglês, flores, pintura, tudo sabia, foi vereadora e adjunta de promotor, exímia catequista, tudo de datilografia.

Sapatos você encontrava na feira livre uma banca de calçados populares. Antonio Mulatinho em casa, confecção totalmente manual, teve encomendas em excesso no ano em que a Escola Stª Terezinha passou o 7 de Setembro em Monteiro. João Preto, Raimundo Sabiá, Abílio Quixabeira e, antes de todos estes, João Sapateiro.

Fernando de Odilon, garotão bonito, de boa família, por falta de outro ofício, vendia, pelas ruas, em bandejas lanches variados. Lica de João Alfredo meio gaga dizia com pronúncia duvidosa: "Fé---Fernando de dia vende cocada e de noite Rolôte". Era rolete de cana espetado em tabocas, muito accito pela criançada e até pelos adultos.

Tivemos também oficinas de peças de couro curtido. Seu Zezé que fazia caronas muito perfeitas e bem trabalhadas, por isso era chamado de Zezé Caroneiro. Outros objetos, como: arreios, chapéu de couro e muitas variações em sola eram Inácio Caratiu e Seu Manoel Bezerra. Teve, um tal Chiquito que trabalhou na oficina de Inácio, além dele outros operários. Seu Lourival Prata instalou bem ali onde temos a agência da Real (hoje), uma grande loja de tecidos que denominou de "A Miscelânea", o nosso comércio já estava se desenvolvendo. Na casa onde chamavam "o deserto" de tão isolada que era, também, tivemos outra grande loja de tecidos, a Loja Esperança, propriedade da família Berto, gerenciada pelo simpático Marcilon, até vendia fiado e dividia em prestações, hoje é a Avícola Central (Supermercado).

O primeiro júri aqui em Sumé, foi um grande acontecimento. Por não termos ainda um local apropriado o fórum funcionava na Rua Augusto Santa Cruz, onde hoje tem um mercadinho de nome Boa Esperança. O réu chamado de Vicente Galdino, vindo do Olho D'Água do Padre. Não sei por qual razão conquistou a simpatia do povo, quase, em geral. Ninguém nunca tinha assistido a um júri, razão pela qual o ambiente ficou lotado todos queriam ver ao vivo como se realizava. A comarca fora criada, mas faltava o juiz de direito, que continuava sendo o de Monteiro. A sessão teve início diante da curiosidade dos presentes, houve os pronunciamentos dos advogados de acusação e defesa, as réplicas e apartes. Em meio a tudo, João de Deus, que era da defensoria, dirigindo-se aos jurados disse: "Esta senhora que aí está vestida de viúva, querendo com a cara de choro comover os senhores jurados, esta senhora já não sente tanto a falta do marido morto, ela está de namoro com outro". A mulher, indignada, brusca-mente se levanta do chão e já de pé fala para o juiz: "Eu também quero uma parte". Onde foi avisada, a senhora não pode falar e ela furiosa: "Posso, eu posso. Eu quero é dizer a verdade a este cabra sem vergonha". Isto deu um barulho nos assistentes que o juiz teve que bater o martelo por várias vezes para que reinasse o silêncio.

O resultado do júri absolvía o réu por cinco votos e só dois contra. Nós, o nosso povo, sem experiência alguma entendeu que Vicente estaria livre imediatamente. De acordo com a lei o Sr. Promotor resolveu apelar e houve um meio protesto entre o povo. Já nas calçadas, ninguém queria aceitar. Fico lembrando da nossa própria ignorância. No final Vicente Galdino foi condenado com justiça, ele matou, ninguém podia tirar a vida a outros nem a si próprio.

Jacy Basílio, que trabalhava no Cartório, consultada a respeito do réu tem um relato interessante. Depois que Vicente voltou à prisão, mandou chamar Seu Bitu, pediu que ele na qualidade de suplente de juiz lhe desse uma autorização, para ir a São João do Cariri, encontrar um amigo com quem tinha negócio a resolver prometendo volta imediata. Seu Bitu sem pensar, chamou Jacy que era escrevente e mandou que ela fizesse a autorização para ele assinar. Jacy desobedeceu e falou: "Seu Bitu o senhor não pode fazer isto". A esposa Dona Zóia disse: "Faça o que ele tá mandando". Jacy irredutível, mesmo Seu Bitu falando sério: "Prezinha faça o que estou dizendo". Ela saiu sem dar mais resposta. Na segunda-feira chega o juiz e sabendo do que se passou disse: "Seu Bitu, Jacy desobedecendo livrou-o de uma grande enrascada".

Zé Vituriano um marginal muito esperto, um tanto perigoso, vivia dando transtornos ao povo de Amparo, então distrito de Sumé, sempre perseguido pela polícia, acabou sendo capturado e estava preso. Naquela época a cadeia local era o último prédio daquela rua. Uma manhã, poucos dias de prisão, Zé Vituriano, juntamente com os outros prisioneiros, sentados na calçada tomavam sol vigiados pelos soldados. De repente, Zé Vituriano ergueu-se devagar se alisando e com brincadeiras começou se afastar acenando para os policiais da guarda e nem estes souberam explicar o fato, num abrir e fechar de olhos Zé Vituriano sumiu no mato e nunca mais! Diziam que ele se gabava de ter "oração forte" e que podia se "envultar". Anos depois soubemos da sua morte em outra cidade.

Seu Horácio bebia, brigava, bagunçava, atrapalhava as aulas de datilografia e Marly, a professora e esposa dele, não sabia mais o que fazer foi falar com Seu Bitu, suplente de juiz, que morava em frente à casa dela: "Seu Bitu, por que é que os outros bêbados desordeiros são encarcerados e Horácio não?". Ele disse: "Porque você não vem dar parte? e Marly toda alvoroçada diz: "O que é que eu estou fazendo?"

Jovintino tio de Severino Caetano, meio alienado e às vezes com alguns ataques de loucura, aperreava a família. Dona Toinha, irmã, ficava aperreada e se viram obrigados a levarem Jovintino para a Colônia. Um dia ele estava agitado e Seu Antonio Caetano falou em tom de ameaça: "Estás querendo que eu te leve para Paraíba (antigo nome da Capital)?" E Jovintino na maior calma diz para os assistentes: "Será que nós num tamo na Paraíba?"

Num domingo a tarde uma animação na casa de Seu Luiz, gente entrando e saindo numa quase euforia. Alguém se aproxima e pergunta o que está acontecendo. O cara servindo de porteiro responde: "Não é nada demais, aqui se trata da inauguração da perna de uma mulher quebrada". A mulher, dona da casa tinha conseguido colocar uma perna mecânica.

Sentada no banco da nossa casinha, banco que eu conservo como lembrança da primeira Praça José Américo. Quando fui pedir ao Carlinhos, secretário de obras me foi entregue aqui mesmo pelo vereador João Barros, num gesto tão delicado que lembrarei sempre com gratidão. Bom, foi aqui que pude observar no vai e vem das pessoas que voltam a terra nos finais de ano, pelo São João e na Semana Santa. Lembrando com saudades daqueles grupos que, eram tão nossos e o povo costumava dar nomes que pegaram como, por exemplo: as Franças, as Sabiá, as Baianas, as Baratas, as Jacinto, as Leite, as Messias, as Carniceiros, as Navio (filhas de Júlia), as Carolinas, as Brejeiras (do Carro Quebrado), as Macaxeiras. Também recantos que

pegaram nome: o "Beco de Seu Marciano", o "Rio de Pitita", a "Ladeira de Machadinho", o "Bufê de Barata", o "Côco de Sinhozim" (atrás do açougue velho), o "Bilhar de Seu Conrado" com aquele sótão e escada de madeira, alvo da carreira das crianças.

Nos primeiros anos da década de 1940, chegou ao nosso meio aquela dança de nome inglês, muito boa e envolvente, era o Swing. Estranha para nós, difícil de dançar, mas muito gostosa. Lembro agora aquela noite no Hotel de Naca, quando Luizinho Gaião recém chegado do Rio de Janeiro, entrou sem ser esperado, dançando o tal Swing que, ele mesmo cantarolava. Isto despertou em mim uma deliciosa saudade, como diz certa música: "tempo lindo que passou". Para variar, também tínhamos o Bolero, nem todos os pares estavam aptos para aquele ritmo, todavia, aqueles que tinham o dom de acompanhar a música em passo lento, dando aquele vai e vem no momento certo valia a pena parar e assistir, era comparável a valsa quando bem dançada que chegava a envolver os dançantes, dando a sensação de algo muito sublime.

Penicilina. Estive lembrando como foi que chegou aqui o uso deste medicamento. Veio primeiro, assim como uma propaganda divulgando o valor do remédio. Dizia-se que tinha o poder de curar toda e qualquer doença. Espalhada a notícia, várias pessoas se mostraram interessadas, eu até fiquei empolgada, mandei até um bilhete para Emília que tinha o pai doente, ela entendia melhor, respondeu agradecendo, mas não veio. Foi marcado o dia da aplicação do remédio, prepararam na casa grande de Major Tobias um ambiente semelhante a um quarto de hospital: camas forradas de branco, pessoas capacitadas, o clima era mesmo de total esterilização. Os clientes foram chegando, era como uma internação. A aplicação era feita com hora marcada. A penicilina já veio conservada no gelo. E nós crianças, já pré-adolescentes, ficávamos o mais próximo possível, pegando qualquer informação. Está provado que escrevi coisas que vi e ouvi por curiosidade. Será que era outra a realidade? Isso não posso saber.

O fim da guerra Foi no dia 8 de Maio de 1945, eu estava em casa, morava com a nossa família no Alto dos Severos e chega Tururu quase menino, me entrega um bilhetezinho minúsculo, uma folhinha de notas cujo teor era o seguinte: Ritinha a guerra acabou, as forças aliadas venceram, desça agora e convide quem puder, vamos comemorar, estou na sede de música - assinava Camilo. Falei com minha mãe, saí com minhas irmãs, passei pelo Alto dos Jorge, convidei: Nedina Paulo, Marly, Dêja, Luzia Jorge e pedi que saíssem convidando outras. Chamei Lulu e Nicinha, saímos convidando, em meia hora, mais ou menos, já estávamos com Camilo que já tinha batido no bombo, era a maneira de Seu Antonio Josué convocar os músicos. Em pouco tempo, saímos em passeata, fomos direto a casa paroquial. Lá, Padre Sílvio nos recebeu com entusiasmo, era a nossa vitória, daí em diante, nossos conterrâneos, jovens soldados estavam livres dos campos de batalha e da morte. Padre Sílvio fez um belo e eloquente discurso, agradecendo a Deus pela paz, elogiando os bravos brasileiros, que de tanta audácia e coragem ficaram com o slogan: a cobra fumando. Foi assim que o Brasil entrou na guerra, como uma cobra fumando por sinal distintivo na farda, era a cobrinha com cigarro na boca e a fumaça subindo. Saindo da casa paroquial, a banda tocando o dobrado "Avante Camarada" e todos cantando, Dona Stela, a professora, que estava desde o início com Camilo, animando e incentivando os jovens, ela era baixinha, então, subiu num banco e anunciou em voz alta: "A noite a festa continua na Escola". Foi o que aconteceu, chamou o tocador e o pessoal compareceu. As festas começavam cedo e findavam na vontade do povo. Assim foi que Sumé comemorou a vitória do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Palmas para Camilo e Dona Stela, minha eterna amiga e professora.

O dia das mães Foi no Grupo Escolar Desembargador Feitosa Ventura, sua diretora Nilce Mayer e todas as professoras que implantaram a comemoração ao dia das mães. Contaram como e onde se originou aquela eventualidade. De maneira simples, sem orientação,

todos os filhos festejaram as suas mães, oferecendo alguma lembrancinha. Na missa, cada criança levou e presenteou a mãe com uma rosa, todas da mesma cor, só Kátia levou a flor diferente, a mãe dela não estava mais aqui na terra, ela ofereceu a rosa no altar, foi muito comovente, algumas pessoas choraram. Este foi o primeiro ano, além de ser novidade, o preparo, o cuidado, o carinho com que as professoras se empenharam fez com que o dia ficasse lindo, harmonioso e emocionante, um verdadeiro "Dia das Mães". Aquela beleza não durou sempre, o comércio, a exploração na venda de presentes, um pouco de descaso toldou e desvalorizou aquele dia.

Lembrar pessoas que fizeram parte das nossas amizades, que viveram conosco os nossos dias e como diz a música da novela Senhora do Destino: se foram para nunca mais. Isso dá uma sensação de melancolia, não sabemos por que, talvez até sintam saudades e voltariam se pudessem. Falo de Leontina e Rildo, ele falecido; Dady de Fausto; Belisa; Ivelize; Salette de João Gulumita; Nicinha e Lulu de Naca; Lourdinha de Leitinho; Toca de João Deodato; Jeremias de Dona Júlia Gulumita; Luizinho Mulatinho; Marly Firmino; Assis Florentino de Pincesa; Rejane Borges; Toinho Torreão; Socorro; Sinhazinha Braz; Vanuza Mayer; Suely de Maria Conselho. Algumas já morreram, mas a maioria ainda vive.

## O conjunto

Chegou uma boa notícia: vai ser construído um conjunto residencial, contando cem casas, vai ser sorteado para os funcionários. O local escolhido, lá depois do D.E.R. - muita gente se apresentou para se inscrever. Realmente, chegou a firma construtora, medir terrenos, fazer alicerces, era muito gratificante para quem fez inscrição,

todos queriam e estavam esperançosos de serem contemplados. A construção foi concluída, as casas ficaram prontas, restava saber de que modo e quem ia fazer esse sorteio. O tempo foi passando e nada. Uma noite eu estava em casa e ouvi conversa na calçada, então, fui ver o que estava acontecendo. Nesse tempo eu estava no meu mandato de Vereadora, lá na Câmara Municipal e quando saí vi uma turma de mulheres me esperando e que foram logo dizendo, acho que a primeira a falar foi Nancy: "Nós estamos planejando invadir o conjunto, as casas estão prontas para morar, não aparece ninguém para resolver o sorteio e nós aqui precisando morar nas casas, por isso nos reunimos e combinamos pedir sua opinião, o que você acha do nosso plano?" Eu nem parei para pensar, respondi logo: "Vamos invadir agora". As mulheres vibraram com a minha resposta, foram reunir-se as outras que já estavam esperando e o conjunto foi invadido naquela mesma noite. Não apareceu ninguém para reclamar, não houve cobranças. A invasão valeu e pronto, fiquei feliz com a coragem de nossas mulheres. Poucas delas conservaram a casa adquirida naquela invasão.

## O sinal pelos mortos

Dia 2 de Abril de 2005, o mundo inteiro foi abalado pela dolorosa notícia: morre o Papa da Paz, João de Deus, o sumo pontífice, João Paulo II, respeitado e honorificado por todas as raças e religiões. A ele o nosso triste e último adeus. Estou sentindo a falta daquele costume antigo, quando os sinos das igrejas, tocavam badaladas lentas em ritmo fúnebre, aumentando a melancolia já existente, tornando suave o pesar e avivando o poder da fé.

## A rua do campo

Ali onde hoje se ergue majestoso o prédio do "Fórum Dr. Arquimedes Souto Maior Filho" e também a secretaria da saúde, já foi no passado um campo de futebol de pequeno porte, onde realizavam as "peladinhos" aos domingos, onde os jovens em idade infanto-juvenil tinham o seu espaço para joguinho e possível preparação para uma carreira. Também era pouso certo para os circos maiores, porque os outros tinham outro lugar no campinho de voley, mais ou menos, próximo à Praça José Américo ou ficavam no terreno do lado oposto a Escola Profissional União e Trabalho. É pena que um circo de melhor porte não possa vir para cá, não tem espaço, acabou. O local onde está sendo armando estes circozinhos tão sem atração é o leito do Riacho de Pedra Comprida. Se uma trovoada chega de surpresa com uma enchente daquelas que cobre a varanda da ponte... Adeus circozinho, era uma vez.

Não poderia, nem deveria esquecer Luiz Alípio na sua veia poética, escrevendo aquele hino de campanha que envolvia Sumé, José Farias e Viton, de uma maneira tão sincera como sua própria integridade. Vejamos:

*Sumé é grande a tua glória  
Teu sonho já se concretizou  
Ficaste independente  
Bravo povo, brava gente.  
Que a opressão não domou  
Ninguém te vence  
Ninguém te oprime  
Bravo vulto te redime  
Cheio de amor, cheio de fé.  
Com José Farias e Viton Leite  
Para a vitória, marchai Sumé.*

Luiz será lembrado pelas pessoas daquela época, também trabalhou como secretário da prefeitura, foi um ótimo funcionário, é o pai de Hamilton.

Sem televisão, sem energia elétrica, dependendo do motor que só era ligado à noite, o remédio era escutar as novelas de rádio. Isto era a diversão preferida, em especial para as mulheres. Ouvíamos grandes novelas: O Conde de Monte Cristo, O Direito de Nascer etc. Teve uma novela transmitida pela Rádio Jornal do Comércio do Recife, o título: "Aquele Olhos Negros". De tão envolvente prendia a mulherada toda. Quando já ia chegando às cenas mais emocionantes, o motor quebrou e quando isso acontecia, podia preparar os candeeiros, eram muitos dias sem luz. Sebastião Eletricista virava, mexia, dependia de peça nova e haja maçada. Alguém informou que Seu Paizinho, lá no fim do Bairro Carro Quebrado, possuía um rádio com bateria e nós para não perdermos os capítulos nos juntávamos contando com a companhia de madrinha Seba, a mãe de Maninho. Seguiu a turma a pé, não era assim ladeado de rua, da casa de Onésima em diante era mato até quase chegar lá. Havia um ponto crítico onde todos nós passávamos com medo. Não havia ainda a ponte no Riacho de Pedra Comprida, não tinha casas até chegar à Várzea Redonda. Bem perto do riacho tinha um quartinho muito pequeno, onde as pessoas deixavam os paus que tiravam das redes, que traziam os defuntos de famílias sem renda que dependiam do caixão da caridade. Ali era o ponto onde tiravam o defunto da rede para o caixão e isso causava aquela sensação de mal assombrado, hoje fico vendo como nada era de se temer. Seu Paizinho era compadre de Madrinha Seba e nos recebia de braços abertos, a salinha pequena ficava abarrotada, às vezes o rádio chiava, era um fiasco, andar tanto para nada, à volta repetia-se tudo. Êta, novelinha trabalhosa! Mas garanto que valia a pena. Depois foi chegando o rádio de bateria que também se podia ligar a qualquer hora.

**Os produtos de uso pessoal**, mais usados: pasta dentifrícia era Kolynos, bem mais tarde apareceu Colgate; sabonetes, Dorly, Gessy, Tabarra, Vale Quanto Pesa, Phebo, Lever (hoje LUX), Eucalol Palmolive e Faixa Preta; No cabelo, Brilantina Royal Briar, Glostora, Colgate, Óleo de Ovo, Óleo de Lavanda e outros óleos oferecidos nas portas vendidos por medida como: óleo de côco, capim e jasmim de rosa e Petróleo Bourbon. Os perfumes mais caros: Madeira do Oriente, Royal Briar e Marajoara. No rosto: pó de arroz Royal Briar, Creme Ponds para a pele, Leite Colônia. O talco era usado, mais ou menos, para refrescar. O Talco Ross era o mais conhecido. Não se conhecia nenhum desodorante, a depilação era lâmina Gillette sem estojo, direto na perna.

As mulheres vaidosas que gostavam de se enfeitar e aparecer mais bonitas tinham algumas maneiras de se pentear. Algumas usavam tranças com laços de fita ou enrolavam as tranças em torno da cabeça de uma forma artística. O penteado mais elegante era feito através de rolo de mano com enchimento de algodão na entrada do cabelo, acima da testa ou rodeando a nuca e cobriam com o cabelo, isso era a chamada trunfa. Buléo sabia se preparar com esmero. Batom sempre existiu e nas faces era rouge, também tinha o lápis de sobrancelha, ficavam semelhantes as artistas do cinema que apareciam nas revistas. As filhas de Seu Antonio de França, também vaidosas por tradição, dizia que a avó quando saía (acho que em Camalaú) chamava a atenção, até os arreios e o silhão do cavalo que ela usava, eram dourados. Eu ouvi isso há muitos anos, espero não estar modificando as coisas. Estou falando das moças, elas costumavam enrolar o cabelo em cachinhos presos com frisos ou berilos como eram chamados e ao soltar dava um cacheado bonito. Inesinha a madrinha do time, gostava de se arrumar bem, fazia as trunfas de um lado e outro da cabeça e colocava no meio uma rosa ou um cachinho de muitas flores miudinhas, ficava perfeita. Acredito que existam fotos que confirmam o que estou lembrando.

A primeira revista na minha memória era "A noite ilustrada" ainda no Cincho. A minha irmã Teonas, esteve em João Pessoa, na casa do Desembargador Feitosa Ventura e Nana, a esposa, que era prima da minha mãe, foi de lá que ela trouxe essa e mais outras novidades. Depois a "Vida Doméstica", revista muito boa, "O jornal das moças" e mais tarde a "Revista O Cruzeiro" que era vendida por Seu Leôncio. Da Igreja vinha o "Mensagem da Fé". As farmácias costumavam fornecer uns almanaques do ano que além do calendário, trazia piadas e sempre na última página uma carta enigmática. Seu Estendes, o esposo de Chichica Chaves, já muito idoso era "bamba" na decifração, eu sofria e tentava até conseguir. Aqueles almanaques eram de propaganda de remédios, como: Capivarol, Saúde da Mulher, Biotônico, Lactargil e outros. Estou sentindo saudades daqueles almanaques... Era bom ler o Diário da Borborema, Seu Zé Farias é quem trazia.

Talvez por falta de meios, quero dizer, por dificuldade financeira, não eram muitas as casas que dispunham de uma empregada. As mulheres viviam em casa. A grande maioria não trabalhava fora, isso também era motivo de não terem empregada. Quero, no entanto, elogiar aquelas empregadas domésticas de muitos anos atrás. Eram pessoas simples, serviçais, conscientes de sua obrigação, algumas moravam na casa onde trabalhavam e estavam sempre à mão, qualquer coisa estavam ali. Outras morando em sua casa chegavam de manhã e trabalhavam até terminarem a arrumação da cozinha, depois do almoço, daí iam passar a tarde em casa, dependendo do combinado voltavam às quatro e meia ou cinco horas para preparar o jantar e só saíam depois de tudo terminado. Lembro que Dona Stela colocava na porta da cozinha uma toalha vermelha para avisar a Enedina Paulo a hora de chegar. Não pensavam em férias, nem sequer exigiam a folga semanal. Quero citar umas dessas bondosas criaturas que fizeram da casa do trabalho a sua própria casa: Das Dores da casa de Dona Zóia, Eulália da casa de Dona Carminha, estas ficaram até a morte. Ana da casa de Seu Braz Travassos, Chica Gata - como servia a Dona Bia. Algumas famílias as tratavam como se fossem filhas adotivas como Rita na casa

de Dona Ritinha Aleixo, Alzira na casa de Dona Maria Saraiva que ficaram até o casamento, depois Teresinha que de tanta dedicação a Dona Maria Saraiva até foi contemplada com uma casa, ainda serve a família e não podia ser de outra maneira, eles fizeram e fazem por merecer. Chica que viveu desde muitos anos com Lica e mostrou-se uma amiga depois da morte de Sebastião Juvino. Lenu que foi criada e viveu sempre com Dona Joaninha até que ela morresse. Eu, de minha parte devo meus favores a das Neves que começou a me ajudar desde criança, depois suas filhas, também a Lourdes que foi muito boa comigo; Zetinha, quase menina, me acompanhou quando precisei morar e trabalhar em outra cidade com filhos pequenos, a mais nova com sete meses, a Zetinha minha eterna gratidão. Tem Antonia que trabalhou com o padre por muitos anos, ainda vive está no abrigo para idosos "Dona Rosália Paulino" onde todos são tratados e alimentados com o maior cuidado, higiene; onde o tratamento médico e o conforto são prioridade a cada idoso. Parabéns a Leonardo e Zita, Nida e todos que lá se dedicam a essa árdua tarefa.

Estou lembrando agora algo que até parece divertido. Acho que na década de cinquenta, século passado, havia um vendedor conhecido por Tempero, negociante de tecidos, costumava se hospedar lá no Alto dos Jorge, hoje Alto da Bela Vista. Trazia não sei de onde, retalhos, pedaços maiores de tecido de boa qualidade, amassados e às vezes com manchas e até mesmo sujos, talvez por conta disso o preço fosse bem razoável. Para pessoas habilidosas era fácil comprar, lavar, passar e deixar nos trinquês e daí confeccionar roupas de luxo, próprias para as festas. Era assim que eu muitas vezes vestia minhas filhas com trajes iguais aos comprados nas lojas chics. Sou grata ainda aquele Tempero.

Não havia um matadouro apropriado, os animais eram abatidos em qualquer lugar, os "machantes" lutavam com dificuldade, sem falar na falta do principal, a água. E toda semana estava lá, o açougue com

carne de todo bicho: carne de gado, muitos traziam bode, carneiro, porco e até caça, mocó, preá, peba e mais o que aparecesse. Sem fiscalização dava oportunidade aos sem escrúpulos aproveitar animais impróprios, doentes ou com bicheira, traziam as partes sadias e facilmente enganavam os fregueses, porque vinham "marchantes" também de fora. Quero lembrar alguns marchantes da terra, pessoas íntegras em quem se podia confiar: João Belo, Zé Pituba, meu pai Antonio Leite, este durou pouco; depois Seu Ramiro Babosa, ainda presente na pessoa dos seus filhos, Dezinho Piraca, Luiz Grande, que vendia carne de porco e de bode. Vinham também de fora alguns "marchantes".

O lazer em dois tempos. Quase não tenho o que falar de muito tempo atrás, a missa do domingo era celebrada às nove horas da manhã. E o restante do dia não havia muito que fazer, pelo menos assim, alguma coisa que valesse por entretenimento. Banho no poço de D. Maria Severo, se fosse tempo de inverno tinha o poço do Boqueirão, passeio na ponte ou até o cruzeiro. Se alguma moça fosse com o namorado ia acertar contas em casa, até chegava a apanhar. Para os homens, iam aos bares onde ficavam bebendo e conversando. Um tempo tinham o joguinho Vôlei no campo onde hoje, fica a Secretaria de Educação e a Coletoria Estadual, na maioria das vezes terminavam arengando. No domingo a retreta em frente à sede da música - à noite - enquanto Seu Antonio Josué ensaiava com os músicos. Os jovens (moças e rapazes) aproveitavam para passear, namorar. Isso nos bastava e, por muito tempo, algum jogo de futebol, para quem tinha preferência. Era ótimo, jogo à tarde, baile a noite, eram bons domingos.

O tempo passou e veio a construção do açude, gente nova. Sumé, terra boa, hospitaleira. Povo amigo e animado bem merecendo o que estava acontecendo. Era o DNOCS que estava chegando. Daí a pouco tempo, com os trabalhos da construção do açude já iniciados, escritório instalado, o pessoal em atividade, a maioria vindo de Coremas e Boqueirão contando com alguns que foram admitidos aqui, podendo-se lembrar: Zezinho Mendonça, Bidão, Machadinho, Zeca de Seu

Ino, estes ainda um pouco recruta. Lembramos também os veteranos: Seu Idelmir, Seu Rangel, Carloto e Carminha, Raimundinha, Neguinho, Stela e Miguel Lacerda, Seu Zé Capiba, Mário, Edval e Ranulfo, assim o trabalho funcionando a todo vapor, foi um tempo memorável. O engenheiro, Dr. Carlos Humberto, lembrou também do lazer e construiu junto ao escritório um salão com piscina ao lado, contando também com um barzinho e lanchonete sob a responsabilidade de Zé Bonifácio, com bebidas, tira-gosto e aquela pescadinha que só Lucinha sabia preparar. O melhor é que todos ali se davam muito bem, logo se tornou sólida a amizade, entre os que vieram de outras cidades e os nossos, inclusive: Sarmiento, Zé Moraes e Nicanor. Aquelas farras se alongavam até à tardinha. No início portão fechado, era só para os funcionários, depois foram liberando a entrada aos convidados, tinha o porteiro para controlar a entrada, isto foi se tornando hábito. Apesar da exigência, os banhos de piscina eram muito concorridos, ouvindo músicas da melhor qualidade. Amigos que freqüentavam, às vezes, como Oscar Severo que depois de muito "alto" andava para sair e sempre voltava dizendo: "Com esta música, Lucinha não dá". Alguém pergunta, que música? Ele diz: "Doeu ai, doeu ai, doeu". Oscar era uma figura, seu humor, sua simpatia, agradava a todos, já se foi, deixando falta e saudade.

Terminada a construção os funcionários foram transferidos, na maioria, alguns casaram com moças daqui e permaneceram morando. O escritório foi transferido para outro prédio. Tivemos outros engenheiros: Dr. José Tavares, Dr. Gerson Calheiros, Dr. Mauricio Montenegro, Dr. José Fernandes, Dr. Hamilton. Muitos funcionários estão aposentados, restam poucos trabalhando. Tivemos por menos tempo o Projeto Sertanejo que depois de extinto passou o pessoal para o DNOCS. E aqueles finais de semana, aquele laser, a piscina, os banhos, àquelas horas agradáveis... Tudo se foi, o tempo levou deixando um vácuo permanente, uma saudosa lembrança.